

GIOVANA TAVERNARI PAYÃO

Literatura digital: tendências e impasses da crítica

ASSIS

2023

GIOVANA TAVERNARI PAYÃO

Literatura digital: tendências e impasses da crítica

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para a obtenção do título de Mestra em Letras (Área de conhecimento: Literatura e Vida Social).

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Fabiano Annibal

ASSIS

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Ana Cláudia Inocente Garcia - CRB 8/6887

P343L Payão, Giovana Tavernari
Literatura digital : tendências e impasses da crítica /
Giovana Tavernari Payão. — Assis, 2023
138 p. : il.

Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual
Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis
Orientador: Dr. Sérgio Fabiano Annibal

1. Literatura digital. 2. Literatura - Estudo e ensino.
3. Literatura e tecnologia. I. Título.

CDD 807

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE GIOVANA TAVERNARI PAYÃO, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS - CÂMPUS DE ASSIS.

Aos 30 dias do mês de agosto do ano de 2023, às 14:30 horas, no(a) Sala de Defesas da Pós-graduação e Sala Virtual: meet.google.com/abw-edhs-grk, realizou-se a defesa de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de GIOVANA TAVERNARI PAYÃO, intitulada **Literatura digital: tendências e impasses da crítica**. A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Prof. Dr. SÉRGIO FABIANO ANNIBAL (Orientador(a) - Participação Presencial) do(a) Departamento de Estudos Linguísticos, Literários e da Educação / UNESP/FCL-Assis/SP, Profa. Dra. CARLA CAVALCANTI E SILVA (Participação Presencial) do(a) Departamento de Letras Modernas / UNESP/FCL - Assis/SP, Profa. Dra. REJANE CRISTINA ROCHA (Participação Presencial) do(a) UFSCar - São Carlos/SP. Após a exposição pela mestranda e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, a discente recebeu o conceito final: aprovada. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.

Prof. Dr. SÉRGIO FABIANO ANNIBAL



AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Maria Teresa Tavernari Payão e Spencer Luiz Marques Payão, pelo apoio e amor incondicionais.

Ao meu irmão, Thiago, pelo suporte que me proporcionou ao longo desse período.

Aos meus padrinhos, Carmen Maria Carolino Tavernari e José Alexandre Tavernari, pela acolhida constante.

Ao meu orientador, Sérgio Fabiano Annibal, por toda instrução e trabalho desenvolvidos juntos desde 2016, meu primeiro ano de graduação, passando pela Iniciação Científica e, agora, pelo Mestrado.

Aos meus colegas de pesquisa e membros do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Linguagem, Ensino e Narrativa de Professores (GEPLENP), que me acompanharam ao longo dos anos de Mestrado em reuniões, disciplinas e eventos.

Aos meus colegas da área de língua inglesa, Guilherme Magri, Daniela Garcia e Cleide Rapucci, que entre o presencial e o online estiveram presentes no meu desenvolvimento enquanto pesquisadora e professora.

Aos amigos próximos, que estiveram sempre presentes e jamais desistiram de mim ao longo desse processo. Cada um de vocês é importante para mim.

À minha psicóloga, Natália Gotardi, que me auxiliou e ainda auxilia ao longo desses anos.

Às integrantes do grupo Leia Mulheres Marília, que se fizeram presentes ao longo dessa jornada e me mantiveram na literatura em movimento e na realidade que existe entre o analógico e o digital.

“A literatura é porta para variados mundos que nascem das inúmeras leituras que dela se fazem. Os mundos que ela cria não se desfazem na última página do livro, na última frase da canção, na última fala da representação nem na última tela do hipertexto. Permanecem no leitor, incorporados como vivência, marcos da história de cada um”. (Lajolo, 2018, p. 55-56)

RESUMO

Este trabalho busca situar o conceito de literatura digital, ou seja, a “estética e forma literária produzida e lida em suportes digitais” (Gainza, 2020), bem como pontuar suas complexidades no contexto do ensino de literatura, mapear as tendências e os impasses presentes nas investigações sobre o assunto no país e, por fim, analisar as influências das discussões sobre a literatura digital e suas representações sociais no ensino e na formação dos professores de literatura por meio do material levantado. Para isso, realizou-se o levantamento e a análise da produção científica brasileira, como artigos, dissertações e teses publicados entre 2016 a 2021 em quatro bancos de dados: o Catálogo de Teses e Dissertações (CAPES), o SciELO, o Observatório da Literatura Digital Brasileira e o Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Linguística (NUPELL). A metodologia consiste no levantamento do estado da arte (Ferreira, 2002; 2021) sobre o assunto, e, então, na análise das produções acadêmicas. Durante o processo do levantamento do *corpus*, foram encontrados 15 artigos científicos, 5 dissertações e 4 teses sobre o assunto. A pesquisa conta com as contribuições teóricas de Hayles (2009), Aarseth (1997), Barthes (2004; 2012), Chartier (2011; 2017), entre outros, para elucidar questões relacionadas aos novos suportes e suas relações com a literatura digital. A fim de analisar o material encontrado, foram consideradas três categorias: “as manifestações literárias”, em que se pensa nas obras digitais mencionadas pelos autores; “a tecnologia e a literatura digital”, em que observa-se uso das ferramentas tecnológicas utilizadas na produção e leitura dessas obras literárias e, finalmente, “a circulação teórico-metodológica”, que possibilita analisar o percurso teórico desenvolvido pelos autores e suas principais influências. Como resultados, encontram-se a complexidade de categorização de gêneros literários no contexto eletrônico, uma tendência a se pensar no impacto dos diferentes suportes na produção e leitura do texto literário e, também, uma preocupação com o processo de acervo e conservação de literatura digital. Os impasses encontrados dizem respeito ao ensino de literatura eletrônica, de modo que as relações entre tecnologia, literatura e ensino estão pautadas no uso das ferramentas tecnológicas enquanto mediadoras de leitura. Por fim, conclui-se que a dissertação possibilita um entendimento sobre o movimento do campo literário digital, bem como um olhar para as perspectivas dos estudos sobre literatura digital desenvolvidos no país.

Palavras-chave: literatura digital; literatura eletrônica; crítica literária; literatura e tecnologia; estado da arte.

ABSTRACT

This research aims to understand the concept of electronic literature, in other words, the "aesthetic and literary form created and read in digital supports" (Gainza, 2020), as well as to point out its complexities in the context of literature teaching, to map the tendencies and the obstacles in the investigations about the subject in the country and, finally, to analyze the influences of the discussions about electronic literature and their social representations in education and in literature teaching formation through the material found. To do so, a data survey and analysis of the Brazilian scientific production was made, such as articles, master's and doctoral theses published between 2016 and 2021 in four databases: the Catálogo de Teses e Dissertações (CAPES), the SciELO, the Observatório de Literatura Digital Brasileira and the Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Linguística (NUPILL). The methodology consists in the survey of the state of the art (Ferreira, 2002; 2021) about the subject and, later, in the analysis of the scientific production. During the surveying of the materials, there were found 15 academic articles, 5 master's theses and 4 doctoral theses about the subject. The research relies on the theoretical contributions of Hayles (2009), Aarseth (1997), Barthes (2004; 2012), Chartier (2011; 2017) et al in order to elucidate the questions about the new supports and their relations with electronic literature. In order to analyze the material found, three categories were considered": "the literary expressions", in which the digital works are observed; "technology and electronic literature", where the use of technological software in the production and reading of these literary works are noted and, finally, "the theoretical-methodological movement", which allows the analysis of the theoretical thinking developed by the authors and their main influences. As the results, there were found the complexity of genre categorization in the electronic literature context, a tendency to think about the impact of different supports in the production and reading of the literary text and a concern about the process of collection and maintenance of electronic literature. The obstacles found are related to electronic literature teaching, in such a way that the relations between technology, literature and teaching are based on the use of technological tools as reading mediators. Finally, it concludes that this master's thesis allows an understanding about the movement of the digital literature field, as well as a look to the perspectives of the studies about electronic literature developed in the country.

Keywords: digital literature; electronic literature; literary criticism; literature and technology; state of the art.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1.....	19
Figura 2.....	24
Figura 3.....	30
Figura 4.....	34
Figura 5.....	64
Figura 6.....	81
Figura 7.....	88
Figura 8.....	90

LISTA DE QUADROS

Quadro 1.....	43
Quadro 2.....	75
Quadro 3.....	106
Quadro 4.....	111
Quadro 5.....	111
Quadro 6.....	123
Quadro 7.....	124

SUMÁRIO

Introdução...	10
Capítulo 1 - Panorama dos estudos sobre literatura digital...	15
1.1. O que é literatura digital?	15
1.2. O contexto brasileiro	28
1.3. A metodologia de pesquisa de Estado da Arte	36
Capítulo 2 - As contribuições de Roger Chartier e Roland Barthes para se pensar a literatura digital...	48
2.1. O suporte digital e suas implicações para a leitura literária	50
2.2. As representações sociais segundo Chartier	56
2.3. A literatura segundo Barthes: forma, estilo e escritura	62
Capítulo 3 - Análise do Conteúdo - artigos científicos...	75
3.1. A manifestações literárias	77
3.2. A tecnologia e a literatura digital	96
3.3 A circulação teórico-metodológica	106
Capítulo 4 - Análise do Conteúdo - dissertações e teses...	111
4.1. As manifestações literárias	113
4.2. A tecnologia e a literatura digital	120
4.3. A circulação teórico-metodológica	123
4.4. O ensino de literatura	126
Considerações finais...	128
Referências bibliográficas...	133

Introdução

A literatura tem se manifestado, cada vez mais, para além do livro físico. A produção, circulação e leitura de textos literários em suportes digitais, como celulares, computadores e **tablets**, tem se popularizado e dissipado ao longo das últimas décadas. Entende-se que há uma necessidade de compreender essa nova manifestação do texto literário ao mesmo tempo em que se mantém um diálogo com a teoria literária e com o que tem sido discutido sobre o ensino de literatura.

A presente dissertação busca compreender alguns aspectos das tendências e dos impasses presentes nos estudos sobre literatura digital no Brasil, especificamente, o levantamento e análise do estado da arte sobre o tema, abrangendo um recorte temporal de cinco anos, de 2016 a 2021. Foram encontrados artigos, dissertações e teses sobre leitura e literatura digital em catálogos relevantes para o campo literário digital. Por meio do levantamento, organização e análise desses documentos, foi possível compreender as representações sociais dos autores em relação ao texto literário produzido e lido em suportes digitais.

O foco da discussão do trabalho não se dá, especificamente, nas obras literárias digitais propriamente ditas, mas sim nos estudos sobre essa produção literária. Busca-se compreender quais sentidos têm sido tomados pelos pesquisadores da área e professores de literatura ao estudar os fenômenos da literatura digital, bem como quais adversidades tendem a aparecer em relação às pesquisas da área – considerando, até mesmo, dificuldades práticas provenientes dessa expressão literária. Além disso, considera-se importante compreender as implicações da literatura digital no contexto do ensino de literatura.

A investigação teve por objetivo principal compreender as relações entre literatura digital e seu ensino. Quanto aos objetivos específicos, buscou-se: situar o conceito de literatura digital, utilizado no material levantado; pontuar suas complexidades no contexto do ensino; mapear as tendências e os impasses presentes na investigação da literatura digital; e, por fim, analisar as influências das discussões sobre a literatura digital e suas representações sociais no ensino e na formação dos professores de literatura por meio do material levantado.

Um ponto norteador da escolha do tema da dissertação de Mestrado foi o interesse pelas manifestações literárias em formato eletrônico, ao considerar que a

literatura não ocupa mais, somente, espaços impressos. Tem-se, atualmente, um considerável número de obras literárias eletrônicas, criadas nos mais diversos idiomas e países. Além disso, o número cada vez maior de estudos sobre essa materialização do texto literário em um suporte que não foi pensado, originalmente, para produzir e pôr a ler literatura, tais como, computadores, celulares e tablets, por exemplo, foi a questão fundamental para se pensar a metodologia e o *corpus* da pesquisa.

A relevância da pesquisa se dá pelo fato de que é possível contribuir, consideravelmente, para a teoria e a crítica literária ao lançar um olhar sobre o assunto da literatura digital. O que se tem, nessa discussão, é uma “investigação sobre investigações”, um levantamento do estado da arte sobre o ensino e a leitura de literatura digital em trabalhos acadêmicos de diversas instituições, em três gêneros distintos: artigos científicos, dissertações e teses. Tal metodologia justifica-se na presente pesquisa de Mestrado por permitir a análise e a interpretação das pesquisas sobre o tema, além de possibilitar o estabelecimento de caminhos diferentes para as investigações sobre literatura digital.

Com isso, buscou-se olhar, atentamente, para os trabalhos desenvolvidos pelos pesquisadores da área de Letras sobre a literatura digital em trabalhos experimentais, revisões bibliográficas e discussões sobre leitura, produção e preservação da literatura digital ao considerar o recorte temporal de 2016 a 2021.

Optou-se por esse recorte temporal devido ao desenvolvimento da investigação ter ocorrido em meio a intercorrências pandêmicas, o que, consequentemente, impossibilitou o acesso a acervos e laboratórios físicos. Foi dada preferência, então, para estudos produzidos e finalizados durante esse período, a fim de compreender as movimentações no campo da literatura digital.

Utiliza-se, ao longo da dissertação, o conceito de campo de Pierre Bourdieu (1983). Os campos são espaços estruturados de posições com leis de funcionamento invariantes, tendo cada um suas propriedades específicas e suas movimentações impulsionadas pelos agentes desses campos.

A estrutura do campo é um estado de relação de força entre os agentes ou as instituições envolvidas na luta ou, se se preferir, da distribuição do capital específico que, acumulado no decorrer das lutas anteriores, orienta as estratégias posteriores (Bourdieu, 1983, p. 120).

Cada campo possui, assim, características próprias, e os agentes do campo se movimentam de acordo com seus interesses específicos, por meio de lutas. Suas ações podem ou não buscar romper com a ortodoxia do campo. As lutas desses agentes, ou seja, seus posicionamentos e aspirações pessoais, podem gerar embates. Tais embates serão melhor abordados nos Capítulos 3 e 4 da presente dissertação. Aqui, os campos da Educação, das Letras e da Tecnologia se entrelaçam ao longo da discussão.

A escolha por documentos nesses três gêneros se deu pelo intuito de buscar compreender, por meio de mais de um gênero de escrita acadêmica, quais as tendências dos estudos sobre literatura digital e ensino no país, de modo que se tem um contato direto com as produções dos pesquisadores do campo das Letras sobre o assunto. Ao lançar o olhar para mais de um gênero de escrita acadêmica, tem-se acesso a diferentes representações. O que torna possível analisar, sob diferentes perspectivas, o mesmo tema. Foi plausível compreender, além disso, a situação do ensino de literatura junto à questão da leitura de literatura digital.

Utilizou-se, como metodologia, a investigação do tipo estado da arte. Ela é caracterizada por contar com um levantamento dos trabalhos desenvolvidos e publicados sobre um determinado assunto. Tem por objetivo não somente assinalar dados quantitativos das pesquisas, como o número de investigações realizadas, mas também compreender quais as tendências existentes no campo de estudo, ou seja, o que de fato tem sido visto e compreendido. Além disso, a investigação busca lançar um olhar para as representações presentes nesses documentos.

Observar as representações sociais dos agentes do campo das Letras que pesquisam, trabalham e, mais ainda, leem textos literários digitais, torna possível compreender o conceito que se tem de literatura, especialmente, nesse meio: qual o olhar desses trabalhos para questões como a escrita, a leitura e a circulação literárias. Ainda, é interessante observar quais são os teóricos em quem esses autores se amparam, quais são suas citações e leituras, e como elas observam a arte da palavra, a escrita, produzida nesse meio.

Optou-se por essa metodologia, justamente, devido ao intuito da presente pesquisa de Mestrado: assimilar as tendências do ensino de literatura considerando a presença da literatura digital nesse contexto. Ao efetuar o levantamento do estado da arte de um assunto, o que se tem são impressões e investigações atualizadas

sobre ele, além de pesquisas que podem indicar os rumos que as discussões e resultados têm tomado em determinado campo.

Além das contribuições metodológicas de Ferreira (2002; 2021), lança-se mão das teorias de Bourdieu (1983), Roland Barthes (2004; 2012) e Roger Chartier (2011; 2017). O primeiro se faz presente devido às suas contribuições a respeito dos campos, seus agentes e seus embates. O segundo, Barthes, justifica-se por ser um expoente da crítica literária francesa, cujo viés estruturalista permanece relevante até os dias atuais, para se pensar o texto literário e seus principais aspectos, como a escrita, a linguagem e a autoria.

No caso de Chartier, seus escritos contribuem para analisar as representações sociais presentes nos documentos levantados, a fim de compreender quais os olhares dos pesquisadores do campo das Letras sobre o tema. Ademais, lança-se um olhar para o suporte digital, que abriga e torna possível a produção e leitura literária digital.

Por meio da análise do material, torna-se possível compreender o valor literário das obras digitais a partir das relações existentes entre elementos característicos da literatura digital: a interatividade, o uso de som, da imagem, da multimodalidade e a parte que corresponde à escrita literária. O elo entre as manifestações multimodais provenientes do suporte tecnológico e a escrita literária desenvolvida nesse contexto caracterizam, em conjunto, a obra literária digital, de modo que escrita e especificidades técnicas se complementam.

Tem-se a hipótese de que, por vezes, os escritos e as discussões sobre o assunto tendem a privilegiar os aspectos multimodais eletrônicos em detrimento de outros elementos, como a escrita. A literatura digital é composta por esse todo: o conjunto multissemiótico relacionado diretamente à parte escrita é o que constitui a literariedade digital, possibilitando a produção e a leitura do texto literário no suporte eletrônico. Além disso, é importante lançar um olhar para as implicações da leitura de literatura digital no ensino de literatura e na formação de professores.

Esta dissertação divide-se em quatro capítulos: o primeiro traz um panorama dos estudos sobre literatura digital, desde o início até os dias atuais, além de considerações metodológicas sobre o desenvolvimento da investigação; o segundo tem seu foco em dois autores fundamentais para a investigação: Roland Barthes e Roger Chartier, bem como as contribuições dos autores para observar as

manifestações literárias digitais; os capítulos três e quatro, por sua vez, são compostos pela análise do conteúdo levantado.

Durante o processo de levantamento do estado da arte sobre o assunto, foram encontrados e analisados 15 artigos científicos, 5 dissertações e 4 teses, de modo que a investigação se estrutura sob a perspectiva de 24 documentos ao todo. Foram selecionadas três categorias de análises desses documentos: “as manifestações literárias”, em que se observa a presença da literatura, “a tecnologia e a literatura digital”, a fim de analisar o impacto dos recursos tecnológicos nas investigações e, por fim, “a circulação teórico-metodológica”, cujo intuito consiste em observar o referencial teórico dos documentos e quais autores estão sendo citados pelos agentes do campo.

A fim de que as especificidades textuais fossem respeitadas e a investigação pudesse se desenvolver de maneira plena, optou-se por dividir a análise desses documentos, de modo que o Capítulo 3 concentra-se em observar os artigos científicos e, o Capítulo 4, as dissertações e as teses. Esse último, ainda, conta com uma quarta categoria de análise, que se fez necessária ao longo da pesquisa: “o ensino de literatura” observa as abordagens presentes nos documentos sobre as interações entre o texto literário, a tecnologia e a sala de aula.

Capítulo 1 - Panorama dos estudos sobre literatura digital

1.1. O que é literatura digital?

A literatura tem se manifestado de diversas maneiras desde o momento em que começou a ser produzida. O texto literário já foi escrito à mão; ocupou páginas de folhetins; passou a ser impresso, de diversas maneiras e em escalas cada vez maiores, e, hoje, se manifesta, tradicionalmente, em livros.

A interrogação “o que é literatura?”, cuja essência é simples, porém bastante complexa, se faz presente de maneira constante no campo das Letras. Sua profundidade se dá porque, segundo Lajolo (2018), sua resposta varia de acordo com a época e o grupo social para quem é feita. Historicamente, a definição do que é um texto literário possui explicações que só funcionam temporariamente devido ao surgimento de novas obras como poemas, romances e manifestações literárias que, por vezes, ultrapassam os padrões estabelecidos do texto literário impresso – manifestando-se, até mesmo, em suportes digitais.

O texto literário participa das transformações culturais tanto do texto quanto do leitor, ao se relacionar, diretamente, com a cultura, com a sociedade e com os leitores. Encontra-se, assim, em diferentes suportes e interações.

O processo de modernização e avanço da tecnologia também foi acompanhado pela escrita literária. Ao longo das últimas décadas do século XX, ocorreu um movimento inicial de produção de textos literários em computadores de universidades da Europa e dos Estados Unidos. Para Di Rosário, Grimaldi e Meza (2021)

Enquanto hardwares e programas gráficos eram desenvolvidos nos anos 1960, alguns poetas começaram a usar ferramentas digitais para criar poemas visuais. No fim dos anos 60, poetas concretistas e visuais começaram a focar em utilizar computadores para fazer representações gráficas de e com linguagem. Quando a tecnologia se tornou disponível, artistas começaram a criar obras digitais estáticas e animadas e manipular a linguagem para aprimorar as propriedades visuais (p.8, tradução nossa)¹.

Ao manipular os códigos dessas máquinas, com ou sem o auxílio de outros profissionais especializados em tecnologia, pesquisadores do campo das Letras

¹ As hardware and graphical programs were developed in the 1960s, a few poets started to use digital tools to create visual poems. In the late 1960s concrete and visual poets began to focus on using computers to make graphical representations of and with language. When the technology became available, artists started to create digitally static and animated works and to manipulate language to increase visual properties (Di Rosário, Grimaldi, Meza, 2021, p.8).

começaram a realizar experimentos, desenvolvendo breves manifestações literárias. Surgiu, então, o que logo se denominou literatura eletrônica – ou literatura digital.²

Ela consiste, basicamente, em um texto literário nascido no meio digital, um objeto digital criado pelo uso de um computador e, geralmente, lido em uma tela eletrônica. Na Europa, diversas foram as experimentações literárias realizadas em máquinas, especialmente os textos de cunho poético. O que acontecia, por vezes, era um trabalho que se realizava em uma parceria entre autor e programador a fim de resultar em uma obra como um videopoema, por exemplo.

É interessante considerar como os algoritmos e as próprias especificidades de linguagem computacionais envolvidos nesse processo têm a possibilidade de interferir em uma produção tida como, até então, exclusiva e tipicamente humana. Processos como a escrita, a autoria e a leitura passam, então, por mudanças culturais, sendo mediados e partindo de uma máquina. Consideram-se essas questões ao se pensar a literatura de natureza digital.

Além das experimentações envolvendo poesia e vídeo, diversas obras faziam uso do hipertexto em seu desenvolvimento, principalmente as narrativas ficcionais, constituídas por meio de links. Cada país possui uma tradição específica sobre literatura digital, mas o desenvolvimento dessa manifestação literária aconteceu de maneira praticamente simultânea na Europa ocidental e na América do Norte, sendo influenciados tanto pelas tendências literárias da época quanto pelos suportes dos quais os autores e programadores dispunham – que variavam de acordo com suas localizações.

Um aumento considerável na produção de literatura eletrônica na década de 1980 ocorreu nos Estados Unidos, devido tanto às influências da época a respeito da poesia concretista quanto ao desenvolvimento de computadores e à possibilidade de obter mais acesso, mesmo que restrito, à internet.

No Brasil, seu desenvolvimento inicial realizou-se na década de 1990 também em lugares seletos, como as universidades. Devido ao desenvolvimento e mais acesso à internet no país, os escritores tiveram a possibilidade de transcodificar obras inicialmente pensadas em suportes físicos, como poemas concretistas, e produzir digitalmente manifestações literárias. Neste trabalho, discute-se sobre a literatura digital na América Latina, como um todo, no subtópico

² Na presente investigação, utilizam-se os dois termos como sinônimos para se referir à literatura produzida em meios não-impresos, ou seja, digitais.

“O contexto latino-americano”, no presente capítulo.

O início da escrita literária digital foi caracterizado por uma forte relação entre as experimentações poéticas, a manipulação e uso de computadores. Dessa forma,

Não apenas a literatura digital requer competências literárias, mas também habilidades de T.I. Autores de literatura eletrônica geralmente trabalham junto a designers gráficos e, especialmente, programadores, para unir suas competências. Essa colaboração, contudo, implica em uma relação diferente com o papel do autor. Com a literatura eletrônica, vemos em alguns países que compartilhar a autoria pode se tornar problemático, particularmente quando autores não são devidamente creditados por suas contribuições. Finalmente, alguns países em desenvolvimento têm focado seus interesses e prioridades em outros aspectos de suas vidas econômicas e culturais (Di Rosário, Grimaldi, Meza, 2021, p. 24, tradução nossa)³.

Assim, a literatura eletrônica é fruto de um trabalho que envolve não apenas a escrita literária, mas também o uso de uma máquina, geralmente um computador, e a manipulação desse suporte, a fim de resultar em uma obra. É considerada uma manifestação literária complexa, posto que o processo de escrita não é exclusivamente do autor. É necessário o conhecimento de recursos tecnológicos a fim de fazer com que esses textos literários possam ser reproduzidos e, então, lidos.

É interessante pontuar, para estabelecer uma nomenclatura adequada, a diferença entre a literatura digital e a literatura digitalizada. Considera-se literatura digital aquela desenvolvida e pensada para ser lida, propriamente, em um dispositivo digital – como um tablet, um celular ou, por diversas vezes, um computador.

Em contrapartida, denomina-se literatura digitalizada aquela que foi desenvolvida, em um primeiro momento, para ser lida de maneira impressa, mas que foi transposta para dispositivos digitais, a fim de ser lida, também, nesse meio. Tem-se como exemplo de literatura digitalizada os **e-books**, os **pdfs** e os arquivos eletrônicos em formato digital, como **.epub** e **.mobi**, por exemplo.

Uma diferença relevante entre o texto literário digitalizado e o texto literário digital diz respeito à interação entre leitor e texto. Enquanto na leitura do texto digitalizado em um dispositivo eletrônico os movimentos realizados pelo leitor se

³ Not only does electronic literature require literary competences, but also IT skills. Authors of electronic literature often work together with graphic designers and especially, programmers, to unite their competences. This collaboration, however, implies a different relation with the role of the author. With electronic literature, we see in some countries that this sharing of authorship may become problematic, particularly when collaborators are not accurately credited for their contributions. Finally, some developing countries have focused their interests and priorities on other aspects of their cultural and economical life. (Di Rosário, Grimaldi, Meza, 2021, p. 24)

assemelham àqueles realizados no texto impresso, como a leitura linear e a troca de páginas, na leitura do texto digital o que se tem são outros movimentos: uma leitura não necessariamente linear, com possível presença de imagem e som, disposição de elementos que rompem com o conceito de “página”, entre outros.

Diversos autores têm discutido, ao longo dos anos, questões relacionadas à leitura nos meios digitais e suas relações com o discurso literário. Espen Aarseth (1997), nome consolidado no que diz respeito às pesquisas da “**cybertexto**”, defende o conceito de leitura ergódica (termo que o autor importa da Física, derivado das palavras gregas “**ergon**” e “**hodos**” e que significam “trabalho” e “caminho”) e sua relação com a leitura no ambiente digital (p.1).

Enquanto em textos não-ergódicos, ou seja, em livros físicos, as responsabilidades “extranoemáticas”, termo cunhado por Aarseth, – ou seja, aquelas relacionadas aos movimentos físicos e também ao raciocínio de ideias – deixadas para o leitor são de baixo investimento, como o movimento do olhar e o ocasional e arbitrário virar de página (1997, p. 1-2), a hipertextualidade e a hipermedialidade de obras literárias digitais exigem um esforço adicional ou “não trivial”, necessário para percorrer a nova textualidade, utilizando de uma sequência semiótica, um trabalho de construção física que o conceito de “leitura” não tem em conta (1997, p.1).

É importante considerar essas questões acerca do texto literário digital, a fim de se pensar os processos presentes na leitura de literatura eletrônica. Tais mecanismos de leitura levam em consideração não somente o suporte do texto literário, mas também os caminhos percorridos mentalmente pelo leitor durante o contato com esse texto literário. Não se considera mais, somente, a impressão de vocábulos em um determinado tipo de papel, mas sim toda uma organização literária e estética exibida em uma tela eletrônica.

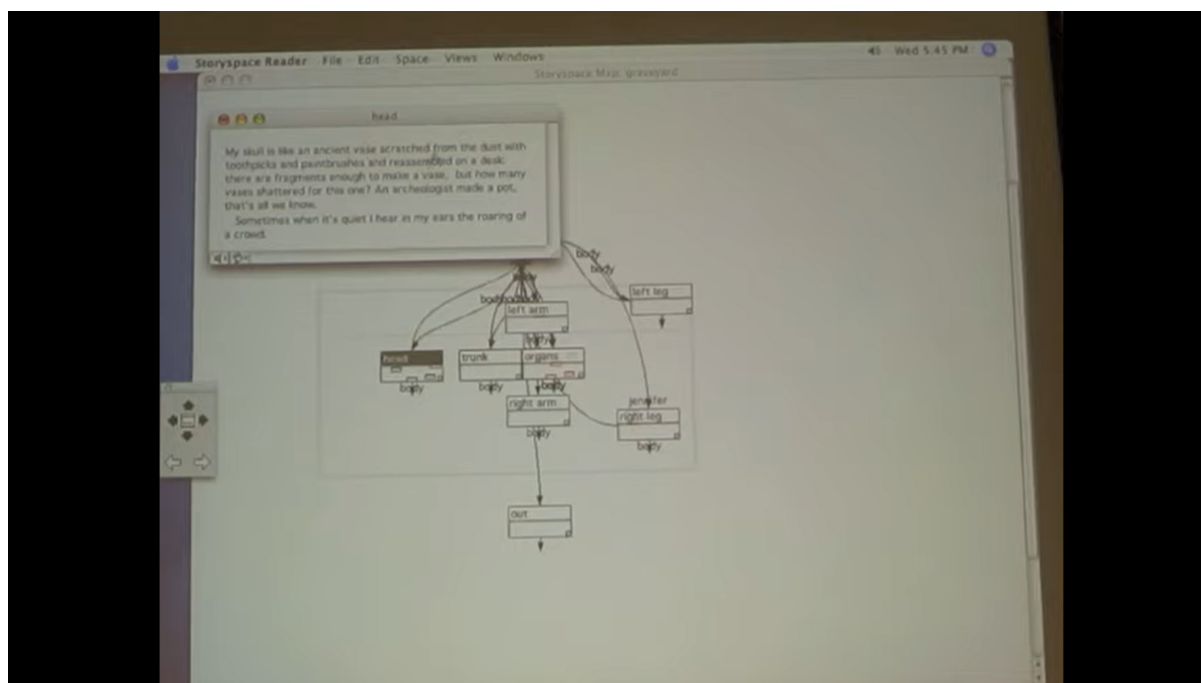
A ficção hipertextual **Patchwork Girl**, de Shelley Jackson, é considerada uma obra de grande relevância no contexto da literatura digital estadunidense. Produzida com o software **Storyspace**, próprio para a escrita, edição e leitura desse gênero, a história foi publicada pela primeira vez em 1995 pela **Eastgate Systems**, empresa consolidada no ramo de circulação e divulgação de literatura eletrônica dos Estados Unidos, especialmente, no que diz respeito às obras hipertextuais.

Patchwork Girl apresenta uma história por meio da ilustração de um corpo feminino. Cada parte desse corpo refere-se a uma parte da narrativa. O leitor tem a

possibilidade de realizar a leitura da obra por cinco caminhos distintos dispostos no mapa principal. Ao explorar os caminhos da narrativa, tem-se uma obra de ficção, constituída por meio de hipertexto, que mescla excertos do clássico **Frankenstein**, de Mary Shelley, com trechos autorais próprios de Shelley Jackson.

Cada segmento leva o leitor a um caminho distinto, levando a história para direções diversas. Por meio de imagens, textos e hiperlinks, é construída uma obra literária que não somente dialoga com um livro clássico da literatura inglesa, mas também ressignifica a imagem de Mary Shelley, haja vista que se torna a personagem principal da ficção, a própria “garota em retalhos”.

Figura 1 - Captura de tela de uma leitura guiada da obra *Patchwork girl*



Fonte: Youtube; Jackson, (2014).

Na Figura 1, é possível observar parte do “esqueleto” principal da obra – pernas direita e esquerda, braços direito e esquerdo, tronco, órgãos e a parte externa. Na captura de imagem, em específico, tem-se um excerto literário referente à parte da cabeça. A captura faz parte de um vídeo disponível no YouTube em que a própria autora, Shelley Jackson, realiza a leitura da obra em um evento do Laboratório de Literatura Eletrônica (ELL, em inglês). A leitura na íntegra é dividida em quatro vídeos de durações que variam de 4 a 12 minutos cada.

Na obra, Shelley Jackson (1995) se apropria da linguagem e narrativa de

Mary Shelley para ressignificar a imagem da mulher, criando um novo universo em que a garota em retalhos é a personagem principal. Por meio da intertextualidade estabelecida com uma obra clássica da literatura de língua inglesa, a autora estrutura, então, uma narrativa hipertextual pensando nas relações existentes entre humanos e suas criações.

A autora realiza um trabalho de manipulação da linguagem para estruturar uma narrativa a ser lida em formato eletrônico, por meio de hipertextos. Ao interagir com a obra, o leitor é guiado por uma obra que relaciona imagens, movimentos e texto literário em uma colagem digital.

A obra se consagrou como um dos maiores exemplos de literatura eletrônica estadunidense sendo, constantemente, lida e estudada. Seu processo de desenvolvimento e impacto na época foram relevantes devido à experimentação hipertextual, a circulação por meio de disquetes e a movimentação relacionada ao *software* de produção.

Os valores estéticos e literários da obra se encontram a partir do momento em que a autora lança mão dos dispositivos digitais, no caso, os hiperlinks, para construir uma narrativa em primeira pessoa que aborda as questões existencialistas da personagem. Ao estruturar o enredo da obra, por meio da construção hipertextual, a autora possibilita uma leitura não-linear e interativa.

Hoje em dia, a obra é distribuída pelo site oficial e enviada, fisicamente, para o território dos Estados Unidos e do Canadá. É possível fazer a aquisição da obra de maneira eletrônica, de modo que ela seja aberta e lida em um **software** específico, como o **Tinderbox** ou o próprio **Storyspace**, de acordo com o site. O valor da obra é de US\$24.95 – aproximadamente R\$132,50 em outubro de 2022, momento em que a presente dissertação foi redigida.⁴

Essa é uma questão a ser considerada no que diz respeito à literatura eletrônica, pois enquanto diversas produções literárias internacionais estão hospedadas em portais próprios de conservação dessas obras, mantidas por Universidades e Centros de Pesquisas especializados, outras obras, já tidas como “clássicas”, mostram-se difíceis de serem acessadas na íntegra, dificultando o acesso à navegação e à leitura da maneira como foram pensadas originalmente.

⁴ Disponível em <<https://www.eastgate.com/catalog/PatchworkGirl.html>>. Para o desenvolvimento da investigação, lançou-se mão da leitura guiada da obra, hospedada no canal do Laboratório de Literatura Eletrônica, disponível em <<https://youtu.be/ZHUR6phuOrc>>. Acesso em 16 out. 2022.

Pode-se considerar que obras literárias digitais como **Patchwork Girl** estejam a caminho de serem consideradas clássicas dentro do campo de produção literária eletrônica. Primeiramente, é importante observar o conceito de “clássico” na literatura digital. Segundo Lajolo (2018), antigamente, o termo “clássico” era utilizado apenas para designar as obras gregas e latinas. Posteriormente, foram incluídas na designação da palavra obras em outras línguas europeias. Por fim, passou a significar juízo de valor. Uma obra clássica seria um livro que, ao longo do tempo, se consolidou como uma boa leitura.

Com esse significado de algo excelente, de boa qualidade, um autor ou texto não precisam ser contemporâneos nem da Grécia de Eurípedes (485-206 a.C.) nem da França de Racine (1639-1699) para serem considerados clássicos. Basta que sejam reconhecidos como excelentes, acima de qualquer suspeita... é nesse sentido de excelência que se pode dizer que Fernando Sabino é um clássico da crônica; Noel Rosa (1910-1937), um clássico da MPB; e Ziraldo, um clássico do cartum (Lajolo, 2018, p. 29).

Quando pontua-se que um livro é um clássico, ele não necessariamente foi escrito há séculos atrás, mas sim possui um grande valor literário agregado a ele. Sua relevância para a leitura se manifesta entre os leitores e, também, para o mercado editorial. Tal obra não é apenas boa, mas excelente, sendo tida como relevante para o contexto em que foi publicada e é lida.

Ao pensar a alcunha de clássico na literatura digital, é possível considerar que obras como **Patchwork girl** (1995), de Shelley Jackson são, sim, obras clássicas, posto que atingiram determinado nível de excelência e relevância e, atualmente, reverberam tanto nos estudos literários digitais quanto na produção de novas obras eletrônicas.

A construção dessas obras literárias digitais, bem como seus mecanismos de leitura e circulação, ao considerar as especificidades da época – no caso, os Estados Unidos dos anos 90 –, tornam essas primeiras obras literárias eletrônicas referências para incontáveis obras que foram desenvolvidas posteriormente.

É importante salientar, ainda, que o termo “clássico” é empregado na presente dissertação ao considerar o aspecto cronológico, de modo que as obras exemplificadas foram publicadas em um período de experimentação literária eletrônica e, devido a questões estéticas e literárias, se mostram relevantes, pertinentes e lidas até os dias atuais.

A discussão sobre o que é uma obra clássica se relaciona com o debate

sobre como seria a formação de um “cânone” literário digital. Compreende-se a importância de obras como a de Jackson para a história da literatura eletrônica, devido não somente aos mecanismos digitais utilizados para a construção da obra como também ao enredo e às inserções literárias desenvolvidas pela autora. Por outro lado, a circulação e difícil acesso à obra na íntegra permitem questionar a consolidação desse aspecto canônico no campo literário digital.

A questão do cânone literário é pontuada por diversos autores da teoria literária, que por diversas vezes divergem em suas opiniões. É relevante considerar que a ideia que se tem do que compõe o cânone literário é consolidada pela crítica literária impressa, que tende a ser bastante conservadora em relação a isso.

O **E-Dicionário de Termos Literários**, de Carlos Ceia, possui um verbete sobre o termo “cânone”, escrito por João Ferreira Duarte em 2009. Segundo o autor,

O cânone literário é, assim, o corpo de obras (e seus autores) social e institucionalmente consideradas “grandes”, “geniais”, perenes, comunicando valores humanos essenciais, por isso dignas de serem estudadas e transmitidas de geração em geração. Tal definição é válida, quer se trate de um cânone nacional, onde se presume que o povo se reconhece nas suas características específicas, quer se trate do cânone universal (de Homero a...), o que significa de facto, dada a própria origem histórica da categoria literatura, um cânone eurocêntrico ou, quanto muito, ocidental (Duarte, 2009).

Desse modo, as obras literárias canônicas seriam aquelas cuja grandeza se constituiria a partir da institucionalização de seu valor em determinado momento social, alcançando um determinado **status** para serem lidas. Duarte ainda estabelece uma perspectiva para o termo, considerando os cânones de ordem nacional e universal.

Tal assunto é bastante complexo, posto que o conceito de cânone carrega consigo a ideia de ser algo consolidado, que não passa por mudanças a partir de determinado momento. Por outro lado, os movimentos literários que colocam em questionamento o que é uma obra literária canônica e reivindicam espaço no cânone da literatura impressa são aqueles que estão à margem do ideal canônico, como a teoria literária feminista e os autores que fazem partes das minorias sociais, por exemplo.

Utilizar o conceito de cânone para se referir a determinadas obras no âmbito da literatura digital pode ser, então, ainda mais complexo. Se for possível considerar a literatura eletrônica como um campo literário em si, cujas características próprias o

qualificam e com especificidades distintas das obras impressas, é interessante considerar a ideia de que certas obras literárias eletrônicas estariam em processo de serem consideradas canônicas.

Outra questão a se considerar em relação ao “cânone” literário digital, seria a temporal. Obras como **Patchwork girl** foram desenvolvidas nos anos 90 do século XX e, trinta anos depois, ainda são lidas – apesar dos percalços que podem envolver o acesso a elas – e, acima de tudo, citadas e comentadas, não só por pesquisadores de literatura digital, mas, também, por leitores dessas obras. Considera-se, então, a relevância de tais obras da primeira geração dessa literatura para a área em que foram desenvolvidas.

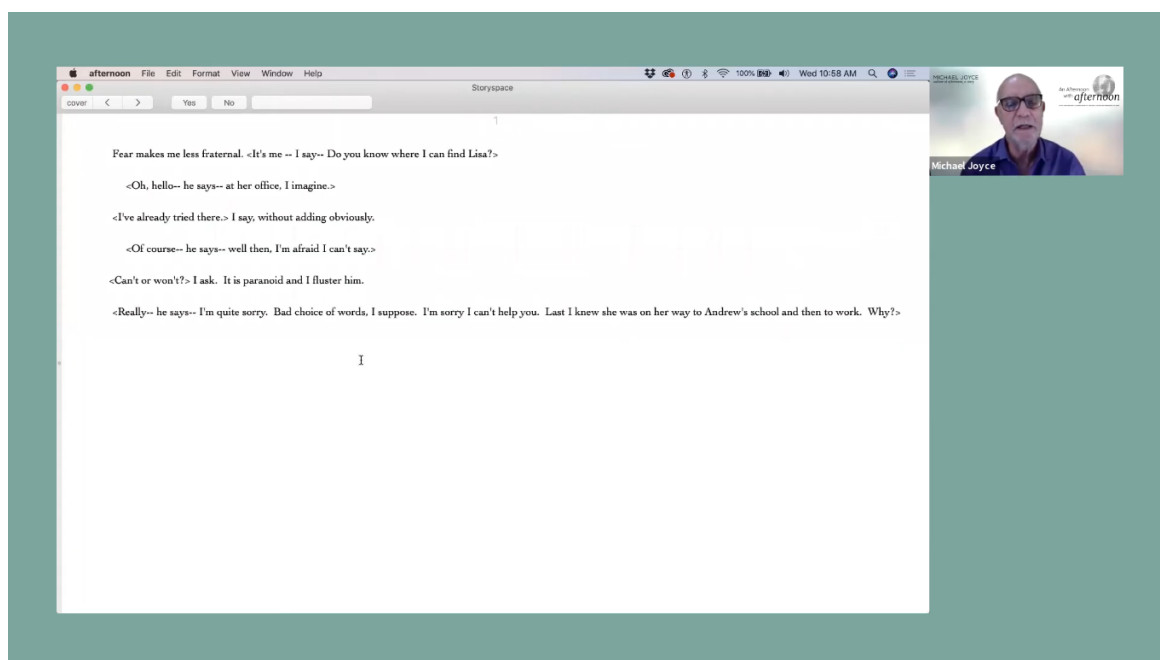
Eagleton (2001) contribui com a discussão sobre o conceito de cânone ao observar mais um impasse por parte da crítica literária sobre o assunto: “definir para si mesma um objeto específico, a literatura, embora exista como uma série de técnicas discursivas que não têm razão de ficar aquém desse objeto” (p. 304). Enquanto em seu texto o autor considerou a possibilidade da presença de textos não-literários no cânone, pensando, essencialmente, no contexto da literatura impressa, tal ideia se relaciona com a discussão desenvolvida sobre literatura digital, posto que ela pode ser considerada uma manifestação discursiva distinta daquela considerada literatura impressa.

É importante considerar, junto a esses aspectos, as especificidades literárias e estéticas das obras literárias digitais, como a produção, a circulação e a leitura das obras. Estas não foram feitas para “competir” com obras impressas, de modo que se manifestam em um suporte específico e se desenvolvem em seu próprio espaço eletrônico, por meio de uma rede e das complexidades envolvidas. Ainda assim, ao levar em consideração a história da literatura eletrônica, é interessante pensar que certas obras podem vir a ser consideradas canônicas ao longo do tempo.

Outro exemplo bastante relevante da literatura eletrônica estadunidense, e que contribui para essa discussão é a obra **afternoon, a story**, escrita em 1987 por Michael Joyce, apresentada para o público como uma demonstração do sistema de autoria hipertextual **Storyspace**. Tal obra foi não apenas a primeira obra escrita pelo software, mas também “a concretização do tipo de obra que Joyce tinha em mente quando pensou em desenvolver o programa” (Moura, 2018, p. 292). A obra foi publicada oficialmente em 1990 e distribuída, em disquete, pela **Eastgate systems**.

Nessa ficção hipertextual, o leitor acompanha a vida de Peter, a partir do momento em que a personagem testemunha um acidente de carro. Ele suspeita, horas depois, que o acidente tenha envolvido sua ex-mulher e seu filho. A estrutura da obra permite ao leitor navegar por atalhos que apresentam excertos da história. Partindo do pressuposto de uma leitura não-linear, ao permitir a possibilidade de escolher links diferentes, o enredo da história pode mudar a cada vez que o leitor escolher diferentes percursos – ainda que dentro daqueles pré-estabelecidos pelo autor.

Figura 2 - Captura de tela de uma leitura guiada da obra *afternoon, a story*



Fonte: Youtube, Joyce (2020)⁵

Na captura de tela acima, tem-se uma leitura da obra realizada pelo próprio autor durante uma celebração virtual, via **Zoom**, de 30 anos de lançamento da obra, realizada em agosto de 2020. A leitura da obra foi feita, ao todo, por cinco autores e acadêmicos relacionados de alguma maneira ao autor.⁶

⁵ Transcrição e tradução do texto presente na imagem: “O medo me torna menos fraternal. < Sou eu – eu digo – Você sabe onde eu posso encontrar Lisa? <Oh, olá – ele diz – no escritório dela, eu imagino.> <Eu já tentei lá.> Eu digo, sem adicionar obviamente. <Claro – ele diz – bom, então, temo não poder dizer.> <Não pode ou não vai?> Eu pergunto. É uma paranoia e eu o abalo. <Realmente – ele diz – eu sinto muito. Má escolha de palavras, eu suponho. Eu sinto muito por não poder te ajudar. A última coisa que soube foi que ela estava a caminho da escola de Andrew e depois para o trabalho. Por que?>

⁶ Disponível em <<http://www.eastgate.com/catalog/Afternoon.html>>. Assim como na obra de Shelley, utilizou-se da leitura guiada e disponibilizada no canal do Laboratório de Literatura Eletrônica. Disponível em <<https://youtu.be/Xyy3EYqNIB8>>. Acesso em 16 out. 2022.

No trecho destacado, o personagem principal conversa, por telefone, com o suposto amante de sua ex-mulher, pois busca contatá-la após saber do acidente. Assim como em **Patchwork girl**, de Shelley Jackson, em **afternoon, a story**, a narrativa é estruturada em links. Contudo, as possibilidades de navegação são mais restritas do que aquelas apresentadas na obra de Jackson. O leitor interage com a obra por meio de cliques: ir pra frente e pra trás e, por vezes, optar por sim ou não.

Consideram-se os aspectos da multimodalidade – no caso das obras em questão, a construção por **hiperlink** e a interatividade –, posto que a linguagem literária se completa e se dá pela multimodalidade, ou seja, a materialidade da escrita junto aos recursos tecnológicos. O sentido é construído tecnologicamente, pois ao desenvolver uma ficção não-linear por meio do hipertexto, Joyce possibilita ao leitor a escolha de qual caminho seguir, ainda que dentro das limitações do próprio autor. A leitura literária acontece, então, por meio de cliques.

É importante observar que na literatura impressa, especialmente na literatura juvenil, foram publicados diversos livros em que o leitor dispõe da possibilidade de escolher os rumos narrativos, sendo possível saltar capítulos e retornar a outros, desenvolvendo uma leitura não-linear. As obras literárias eletrônicas, então, se apropriam desse mecanismo de leitura e transcodificam essa possibilidade pela construção narrativa feita em **links**.

Assim como **Patchwork girl** (1995), a obra continua sendo comercializada pelo valor de US\$24.95, pelo site oficial, hospedado no domínio da **Eastgate**. As questões sobre circulação e leitura levantadas sobre a obra de Shelley Jackson se aplicam também à obra de Joyce, pois questiona-se até que ponto é acessível ler obras consideradas clássicas da literatura eletrônica estadunidense.

Ambas as obras são exemplos de movimentações no campo da literatura, especialmente, no que diz respeito à produção e circulação do texto literário eletrônico. O desenvolvimento de **softwares** próprios para a escrita e leitura de literatura eletrônica mostram como essa manifestação literária foi ocupando espaço ao longo dos anos, cada vez mais, no âmbito literário.

Pensa-se, aqui, no conceito de clássico para se pensar as obras literárias cujos valores foram consolidados ao longo do tempo devido às características estéticas e literárias. No caso de obras como **Patchwork girl** e **afternoon, a story**, tem-se exemplos de manipulações linguísticas e tecnológicas que resultam em obras cuja relevância se mostra presente até os dias atuais, tanto inspirando outros

autores de literatura eletrônica quanto sendo referência para estudos acadêmicos sobre o tema.

Considerar uma obra literária enquanto canônica e, mais além, pensar na formação de um cânone literário no contexto eletrônico se refere ao impacto das produções literárias digitais dentro desse campo. Apesar de ser uma área ainda em formação e consolidação, é perceptível a importância de determinadas obras literárias para a literatura eletrônica. Ainda, considera-se o contexto estadunidense pela questão cronológica, posto que as primeiras experimentações literárias eletrônicas catalogadas ocorreram nos Estados Unidos, como previamente mencionado no presente capítulo.

Ao considerar os apontamentos sobre a formação do cânone realizados por Eagleton (2001) e Duarte (2009), é possível observar um movimento de formação do cânone no campo literário eletrônico. Ao pensar no cânone como um reflexo de poder e de influência de agentes do campo, tem-se que autores como Joyce e Jackson e suas obras literárias digitais possuem, hoje, um impacto considerável na cultura literária digital. As escolhas textuais e tecnológicas feitas pelos autores na década de noventa reverberam, ainda hoje, tanto em outros autores de literatura eletrônica quanto também em leitores.

A questão da autoria das obras literárias eletrônicas também é bastante discutida no campo literário digital. No início, era comum e, por vezes, necessária, a parceria entre autores e programadores, especialmente em relação ao desenvolvimento de *softwares* específicos para a escrita e à manipulação de códigos, o que resultava em um diálogo constante entre as áreas da programação e das letras.

O que se tem, atualmente, é uma tendência à apropriação de plataformas digitais de acesso mais simplificado: tanto *softwares* já consolidados, como até mesmo redes sociais. Ainda assim, a manipulação dos códigos possui um papel de grande influência na produção de literatura digital.

Quanto à produção, catalogação, leitura e ensino desses textos, a Organização da Literatura Eletrônica (**ELO**, em inglês), consolidou-se como um ponto de referência. Com uma abordagem internacional, tem aberto cada vez mais espaço para diálogos transfronteiriços acerca dos estudos sobre o tema.

Fundada em 1999 nos Estados Unidos, a Organização compreende as obras literárias digitais como trabalhos com aspectos literários importantes que aproveitam

capacidades e contextos provenientes da tecnologia, por vezes, envolvendo computadores ou até mesmo uma rede completa.

Responsável por desenvolver, anualmente, encontros internacionais sobre o tema, a Organização possui uma relação sólida com laboratórios de literatura digital ao redor do mundo. Tal iniciativa é importante por estreitar os laços entre escritores, pesquisadores e professores que se relacionam com o tema.

O desenvolvimento da tecnologia foi indispensável para o advento da literatura digital. Atrelado a isso, o que movimenta e é responsável pela manifestação dessa literatura é, justamente, o mesmo presente na literatura impressa: o fluxo de manifestações estéticas da língua. A literatura digital se apropria de mecanismos eletrônicos para produzir textos literários e é capaz de possuir, dessa forma, uma qualidade artística que é o resultado de tal apropriação: a materialização de um fluxo de pensamentos, a experimentação poética, a possibilidade de entrelace com aspectos multimodais como o som e a imagem e a liberdade de escrita proporcionada pelas manipulações de códigos e softwares específicos.

Tais manifestações são perceptíveis em obras consideradas “clássicas” do campo literário digital a partir do momento em que autores como Joyce e Jackson não somente se apropriaram desses suportes e partiram de referências pessoais advindas da literatura impressa, como **Frankenstein**, mas também desenvolveram obras cujas escolhas estruturais e lexicais possibilitam uma leitura e imersão eletrônicas, características do momento em que foram desenvolvidas, o que possibilita que sejam obras sejam lidas e referenciadas até os dias atuais.

Katherine Hayles (2009) propôs, na década de noventa, uma divisão dos trabalhos digitais desenvolvidos em gerações. A primeira geração, hoje considerada “clássica”, surge antes mesmo da rede mundial de computadores, sendo caracterizada pela construção do texto literário, por meio de links, e ainda muito influenciada por referências da literatura impressa. Os trabalhos da segunda geração, já fortemente influenciados pela *web*, possuem maior variedade de linguagens e metáforas de navegação e interface, que substituem a centralidade do hiperlink, dispondo de características multimidiáticas e interativas.

Atualmente, diversos pesquisadores do assunto, inclusive Hayles, aumentam a perspectiva e consideram a existência de uma terceira geração da literatura digital, mais atual, cujas características giram em torno da apropriação de redes de

mídia social, aplicativos e plataformas digitais para produzir, circular e ler literatura digital. Com o advento da internet e a popularização do acesso a essas plataformas, o que se tem é uma literatura de acesso mais abrangente, não mais restrito a computadores e **notebooks**, mas também em obras literárias possíveis de serem lidas em dispositivos móveis, como **tablets** e **smartphones**.

Obras literárias categorizadas tanto de segunda quanto de terceira geração coexistem hoje em dia, posto que a diferença principal entre essas duas gerações é, essencialmente, o meio de produção de cada uma delas e modo como cada geração desenvolve sua circulação na rede.

Ainda no que diz respeito à complexidade literária envolvendo o texto digital, Hayles ressalta que a literatura eletrônica:

[...] também é movida pelos motores da cultura contemporânea, especialmente jogos de computador, filmes, animações, artes digitais, desenho gráfico e cultura visual eletrônica. Nesse sentido, a literatura eletrônica é um “monstro esperançoso” (como os geneticistas chamam as mutações adaptativas) composto por partes extraídas de diversas tradições e que nem sempre se posicionam juntas de forma organizada (2009, p. 21).

Assim, considera-se um tipo de manifestação literária que estabelece diálogos com outros gêneros artísticos, como o cinema, a música, as artes visuais e digitais. Sua presença e seu desenvolvimento são a validação do fato de que a literatura, hoje, coexiste tanto no meio impresso, como nos meios não-impressos. Não apenas os livros físicos e outras plataformas além do papel, como os computadores, os *tablets* e os celulares consistem em suportes para a produção e a leitura do texto literário.

1.2. O contexto brasileiro

O processo de avanço tecnológico, especialmente, durante o fim do século XX e início do século XXI, possibilitou um maior acesso aos computadores e, tempos depois, à internet. Por consequência, esse período é marcado por uma grande produção e leitura de literatura digital em outros lugares do mundo, para além da Europa e dos Estados Unidos.

Apesar de se tratar de uma manifestação literária cujas primeiras aparições se deram em contextos europeus e norte-americanos, os debates sobre esse assunto e suas implicações nas práticas leitoras também têm acontecido no

contexto latino-americano, visto que as tendências literárias digitais locais mostram-se bastantes distintas daquelas de contexto estadunidense. Carolina Gainza (2020) disserta sobre a importância de mapear e analisar obras literárias digitais produzidas nos países da América Latina, além de pontuar a complexidade de se definir a literatura digital.

Enquanto na década de noventa os estudos acerca do objeto literário digital se pautavam na leitura e escrita hipertextuais e no computador como base para o desenvolvimento dessa literatura, atualmente, as discussões envolvem experimentações com novas tecnologias, sem desconsiderar que “se trata de uma estética e forma literária que só pode existir nesse formato: literatura nascida em e para o meio digital” (Gainza, 2020, p. 333, tradução nossa).

A autora ressalta a importância da experimentação e manipulação de códigos informáticos, tanto de forma indireta como direta. Essa discussão, que ocorre desde os anos noventa nos Estados Unidos (Hayles, 2009), tem se tornado cada vez mais ampla, especialmente, ao considerar os diferentes contextos de desenvolvimento da literatura digital ao redor do mundo e o acesso aos meios tecnológicos. Segundo Gainza, é possível identificar duas grandes ramificações da literatura digital:

[...] aquela que experimenta diretamente com o código, de onde podemos observar hipertextos, poesia de código, bots literários ou literaturas geradas por algoritmos, e aquela que experimenta com meios digitais, de onde encontramos a literatura no Twitter, Instagram, Facebook, [...] entre outras manifestações. Em ambas o elemento subjacente é o código, com diferentes níveis de consciência em relação a ele como linguagem (2020, p. 335, tradução nossa)⁷.

O que se tem, então, é uma tendência à apropriação, por parte dos escritores digitais latinoamericanos, dos suportes digitais. Com isso, torna-se possível produzir e manifestar, não só por meio de códigos e de programação, o texto literário digital. A autora considera tanto as experimentações literárias com a linguagem de códigos como hipertextos, **gifs**, poesia interativa e hipermídia, quanto aquelas existentes em redes sociais, que experimentam com o meio, como literatura produzida no Facebook, a “twitteratura” – obras literárias produzidas no Twitter –, entre outros.

⁷ [...] aquella que experimenta directamente con el código, donde podemos observar hipertextos, poesía de código, bots literarios o literaturas generadas por algoritmos, y aquella que experimenta con medios digitales, donde encontramos la literatura en twitter, Instagram, Facebook, [...] entre otras manifestaciones. En ambas el elemento subyacente es el código, con diferentes niveles de consciencia respecto a este como lenguaje (2020, p. 335).

(Gainza, 2020).

Um exemplo desse formato de texto literário é o microconto escrito por Lucas Santana, publicado em seu perfil pessoal no Twitter (@lucassntn) no dia 17 de outubro de 2022.

Figura 3 - Captura de tela da rede social Twitter



Fonte: Twitter, Santana (2022)⁸

No contexto da rede social, tem-se uma área chamada **home**, ou **timeline**, constituída pelos *tweets* escritos, curtidos e compartilhados por contas que o usuário da rede segue. No caso do microconto em questão, que é dividido em duas partes, ou dois **tweets**, a primeira parte é a que tende a aparecer primeiro na timeline, de modo que a segunda está vinculada à primeira – o que gera uma **thread** ou “fio”.

Em um primeiro momento, o **tweet** poderia constituir em mais um dos vários

⁸ Transcrição: “Voltava a pé para casa de madrugada com meu namorado quando vi um grupo de homens nos seguindo. Soltei a mão dele e nos apressamos. Logo começaram a correr, nos xingando e ameaçando. Fomos cercados numa rua sem saída. Eram seis, carregavam pedaços de pau e garrafas de vidro. +”; “Disseram: “vocêis tão mortos, viados”. Estávamos mesmo. Meu namorado me perguntou: “três pra cada?”. Minha boca encheu d’água e sorri, mostrando minhas presas afiadas. Nessa noite dormiríamos no nosso caixão com o bucho cheio de sangue fresco. #ShowDeHorroresSuma”. <<https://twitter.com/lucassntn/status/1582122502729633792>> Acesso em 02 nov. 2022.

relatos verídicos compartilhados sobre situações de violência cotidianas compartilhadas na rede. A tendência do Twitter é que a leitura das postagens na timeline seja rápida e dinâmica e, ao terminar a postagem com um símbolo de mais, o autor instiga o leitor, ou usuário, a clicar na publicação e a ver como ela se desenvolve.

A segunda parte, por sua vez, é carregada de elementos fantásticos e consiste em um **plot twist**: o leitor percebe que não está lendo um simples registro cotidiano, mas sim um microconto; um texto literário digital produzido em meio ao fluxo de informações da rede social. O fim da postagem, marcado pela hashtag #ShowdeHorroresSuma, faz referência a um movimento proposto pela editora Suma das Letras, que instiga os usuários a desenvolverem breves histórias de terror dentro de **tweets** de até 280 caracteres.

O microconto do autor Lucas Santana é um exemplo de como a literatura digital pode se manifestar e se vincular de maneira fluida. O leitor pode não ter tido conhecimento de que estava lendo um microconto, posto que entra em contato com ele enquanto circulava pela sua timeline, mas ainda assim desvia sua atenção do conteúdo “regular” da rede social, os **tweets**, para ler um breve texto literário.

Outro ponto curioso são os números, pois mais de 49 mil perfis da rede social curtiram a primeira parte da obra e 27 mil curtiram a segunda e última. A obra foi compartilhada aproximadamente 800 vezes. Isso mostra que obras digitais escritas em redes sociais – nesse caso, o Twitter – podem atingir um grande número de leitores devido a circulação fluida que é característica dessas redes.

É importante considerar os diferentes contextos de produção de literatura digital. Enquanto nos Estados Unidos e na Europa, – “berços” da literatura digital – constitui-se, ao longo das décadas, uma tradição da literatura eletrônica pautada na programação e na criação de hipertextos, por meio de **softwares** especializados em sua leitura e circulação, no Brasil, ainda que se experimente com códigos para produzir literatura digital, o que se tem é uma tendência à apropriação de plataformas utilizadas para outros fins, como a ferramenta **Flash** e as redes sociais, para escrever e circular textos poéticos e literários.

Assim, trabalhos considerados de segunda geração coexistem com aqueles categorizados como de terceira geração. Tem-se uma tendência, no contexto da América Latina, de se apropriar de plataformas já consolidadas no meio digital para a produção de literatura eletrônica.

As obras digitais de segunda geração possuem, ainda, uma grande influência da literatura impressa, especialmente quanto a conceitos como: a autoria, os gêneros, a circulação e a divulgação de obras literárias.

Essa pode ser uma das diferenças mais profundas entre a literatura eletrônica de segunda e de terceira geração: enquanto a literatura eletrônica de segunda geração se alinha à tradição literária formada pelo mundo da impressão (publica zines, antologias, blogs e páginas da Web) e ao mundo da arte (exposições e instalações de galerias), a literatura eletrônica de terceira geração se identifica com a mídia eletrônica e digital tanto em seus formatos quanto em seus modelos de publicação, produzindo trabalhos em vídeo e interativos que podem ser publicados como videogames e outros tipos de conteúdo digital (Flores, 2021, p. 366-367).

É natural, então, que os autores e os leitores de literatura digital continuem escrevendo e consumindo tanto trabalhos da segunda como da terceira geração. Na América Latina, obras literárias digitais de ambas as gerações coexistem e ainda continuam sendo lidas e produzidas.

Um ponto a ser considerado em relação às obras literárias digitais, tanto no contexto estadunidense quanto no latino-americano, é o da conservação e do acervo dessas obras. Ao longo das décadas, muitas obras foram produzidas em diversos formatos e com o auxílio de distintos **softwares** e programas.

No Brasil, especialmente, o programa **Flash**, criado pela **FutureWave**, em 1996, foi extensamente utilizado no início dos anos 2000. O dispositivo foi por muito tempo utilizado para criar animações a partir de gráficos vetoriais, e a ferramenta possibilitou a criação de diversas obras. O vínculo entre o **Flash** como um **software** e os produtos estéticos resultados de seu suporte foi tão relevante para a produção de literatura eletrônica mundialmente que, para Lev Manovich (2002), considera-se a existência de uma “Estética **Flash**”.

O que contribuiu para o desenvolvimento da arte e da literatura digital nesse contexto foi a liberdade que o *plug-in* proporcionou de programar e criar um produto estético, revolucionando, assim, a manipulação da imagem digital. No início de 2021, a ferramenta foi descontinuada e, apesar de algumas obras e revistas literárias digitais terem sido reformuladas com o auxílio do emulador **Ruffle**, diversas obras criadas com o **Flash**, hospedadas em sites específicos, foram impossibilitadas de serem reproduzidas a partir de então.

Um exemplo de produção literária digital brasileira é o poema **Oratório**

(2004), de André Vallias. Utiliza-se essa obra como exemplo, devido ao fato da mesma ser analisada em dois artigos científicos diferentes que compõem o corpus da investigação. Tal recorrência demonstra uma relevância não somente da obra em específico mas também da produção literária do autor.

Vallias possui diversas obras hospedadas em seu site⁹ e também, no Observatório da Literatura Digital Brasileira. A obra em questão necessita do **plug-in Flash** para ser reproduzida no navegador, mas é possível, também, acessar a obra por meio da navegação guiada hospedada no YouTube, disponível no site do Observatório de Literatura Digital para a realização da leitura.¹⁰

Oratório transita, em um primeiro momento, entre elementos verbais, como os termos “rio”, “logo” e “morro”, e não-verbais, como uma representação cartográfica da cidade do Rio de Janeiro. Além de utilizar de técnicas de composição, como a hipertextualidade e a hipermedialidade, assim como a multimodalidade, que se configura pelo caso o entrelace entre som, imagem e texto, o autor também possibilita o mecanismo de leitura pelo clique nos termos e nas localizações do mapa. Vallias desenvolve uma obra poética visual que se divide e se transforma ao longo da navegação do leitor, que passa a acessar outros poemas dentro da interface.

Rocha (2016) desenvolve uma análise sobre a obra e disserta sobre a produção e manifestação literária no contexto digital. Ao retomar o termo “monstro esperançoso”, que Hayles cunha para a literatura eletrônica no início de seus estudos, a autora pontua questões relevantes para a compreensão do trabalho de poesia visual desenvolvido por Vallias. Para a autora,

Desde as sonoridades escolhidas, que parecem, em um primeiro momento, dissonantes em relação ao Rio de Janeiro dos guias turísticos e das novelas de Manuel Carlos, passando pelos poemas que também assinalam percepções ambíguas e plurais a respeito de diferentes tempos e espaços da cidade, o que se compõe é mais do que simplesmente uma imagem invertida do Rio, expondo sua complexa realidade geográfica-social e cultural – algo que tem sido feito nas últimas décadas por romances como Cidade de Deus, só para citar aquele que de certa forma deu maior visibilidade a esse esforço. Oratório faz isso também, mas não só, uma vez que não abandona a outra imagem, aquela idílica, do samba, da alegria, da paisagem deslumbrante, do passado dourado (p. 178-179).

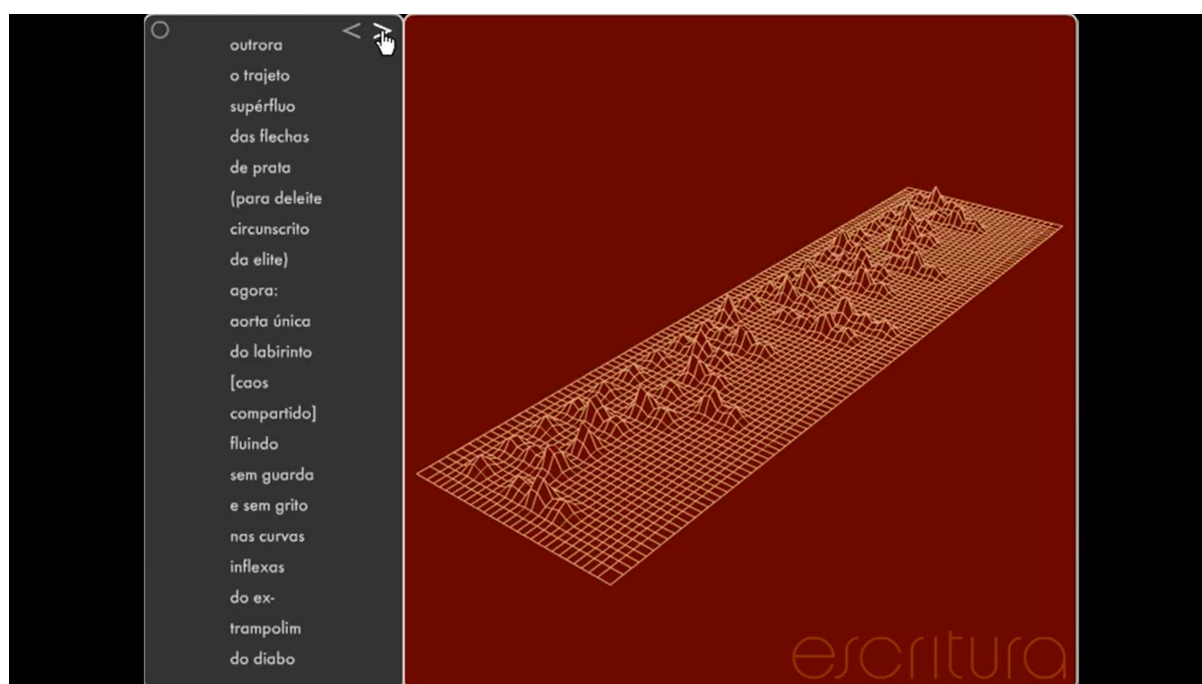
Oratório é uma obra que relaciona elementos da cultura digital, como a

⁹ <https://www.andrevallias.com/poemas/index.htm>. Acesso em 16 out. 2022.

¹⁰ <https://www.observatoriodigital.ufscar.br/repositorio-da-literatura-digital-brasileira/oratorio/>. Acesso em 20 out. 2022.

utilização de imagens cartográficas desenvolvidas no **software AutoCAD** – geralmente manuseado nos campos da Arquitetura e da Engenharia –, além de sons, cores e a própria intertextualidade. Da mesma forma, é relevante observar como a obra desenvolve seu percurso poético ao longo do caminho: a disposição dos versos do poema dispostos na tela junto às representações cartográficas, compondo a experiência de leitura como um todo.

Figura 4 - Captura de tela da obra *Oratório* (2004), de André Vallias



Fonte: Vallias (2004)¹¹

No excerto da obra disponível na figura, observa-se o trecho de uma das divisões, parte específica de um poema que se desdobra ao longo dos cliques. A representação topográfica apresentada pelo autor “acompanha” a sonoridade das palavras que constituem o poema do trecho da obra. Segundo Pereira,

Por meio de tal procedimento, Vallias transforma um fenômeno fonológico – a pauta acentual – em visual – a representação no gráfico matemático. Tal transposição semiótica, de cunho eminentemente metapoético, desafia nossa percepção de ritmo e nossas convenções acerca do lírico (2020, p. 11).

Ao dividir a obra em partes – “rio/morro” e o mapa topográfico –, ambas

¹¹ Transcrição do texto da imagem: “outrora/ o trajeto/ supérfluo/ das flechas/ de prata/ (para deleite/ circunscrito/ da elite)/ agora:/ aorta única/ do labirinto/ [caos/ compartilhado]/ fluindo/ sem guarda/ e sem grito/ nas curvas/ inflexas/ do ex-/ trampolim/ do diabo”.

contando com recursos visuais e sonoros para além do texto escrito, o autor constrói uma obra poética multimodal que relaciona termos físicos da cidade do Rio de Janeiro com um poema sobre a realidade e o cotidiano cariocas.

Para o desenvolvimento da presente dissertação, utilizou-se da leitura guiada da obra, disponível no **Atlas da Literatura Digital Brasileira**¹², no formato de vídeo no YouTube, posto que para acessar a obra em seu site oficial¹³ teria sido necessário o uso do **plug-in Flash**, que se encontra descontinuado. Infelizmente, alguns aspectos de interatividade com a obra literária pensadas no primeiro momento pelo autor foram perdidas nessa adaptação de leitura, de modo que os movimentos de leitura realizados ao longo desse percurso foram diferentes.

Enquanto, ao ler a obra em seu formato original, o leitor dispõe de mais de uma possibilidade de percurso de leitura, sendo possível selecionar os trechos da obra na ordem em que deseja, a leitura guiada pelo vídeo já obedece a uma ordem: a de quem realizou a gravação. Além disso, ao ler a obra em seu formato original, o leitor pode controlar a velocidade em que deseja que as páginas de leitura se desenvolvam, ao contrário do vídeo, em que é necessário que se pause o vídeo da leitura guiada – e, por consequência, o som e a imagem – para que seja possível realizar a leitura da parte escrita do texto.

Salienta-se a importância da preservação das obras literárias digitais, bem como as discussões e pesquisas sobre as mesmas – no caso de **Oratório**, Rocha (2016) e Pereira (2019) dissertam sobre aspectos pertinentes quanto às construções visuais e poéticas da obra. É necessário reconhecer que, por vezes, a descontinuidade de um **software** ou **plug-in** específico do meio digital pode comprometer a existência e o acesso a uma obra literária.

Algumas manifestações literárias eletrônicas são realizadas por autores que se apropriam de suportes eletrônicos já existentes a fim de produzir literatura. Toda essa movimentação literária é fruto das diferentes realidades e culturas existentes dentro do contexto latino americano; é interessante pensar, também, como a produção, leitura e disseminação da literatura digital possuem impacto no ensino de literatura e na formação de professores nesse contexto local.

Na presente investigação, além de compreender o conceito de literatura

¹² <<https://www.observatoriodigital.ufscar.br/repositorio-da-literatura-digital-brasileira/oratorio/>>. Acesso em 30 out. 2022.

¹³ <<https://www.andrevallias.com/oratorio/#>>. Acesso em 30 out. 2022.

digital junto às discussões realizadas no âmbito da crítica literária acerca das tendências dessa manifestação, tem-se como preocupação investigar como essas discussões se relacionam com o ensino de literatura. Ao analisar os estudos sobre literatura digital e seus aspectos de produção, circulação e leitura, é possível compreender os caminhos que a literatura digital tem traçado na América Latina e os impactos dessa manifestação literária no ensino da literatura.

1.3. A metodologia de pesquisa de estado da arte

A fim de assimilar as tendências e os impasses dos estudos sobre a literatura digital e suas implicações no ensino de literatura, optou-se por realizar uma investigação dos trabalhos acadêmicos realizados sobre o tema. Era importante que a metodologia abrangesse os mais diversos tipos de estudos: artigos científicos, dissertações e teses. Para isso, realizou-se um levantamento do estado da arte sobre o tema.

Tal metodologia tem se tornado cada vez mais presente nas investigações no campo das Letras e da Educação, especialmente, no que diz respeito à pesquisa sobre leitura. Os estudos denominados estado da arte permitem

[...] mapear e de discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas certas dissertações de mestrado, teses de doutorado, publicações em periódicos e comunicações em anais de congressos e de seminários. Também são reconhecidas por realizarem uma metodologia de caráter inventariante e descritivo da produção acadêmica e científica sobre o tema que busca investigar, à luz de categorias e facetas que se caracterizam enquanto tais em cada trabalho e no conjunto deles, sob os quais o fenômeno passa a ser analisado (Ferreira, 2002, p. 258).

Considerou-se uma abordagem adequada para os objetivos da pesquisa, posto que seria possível compreender o conceito de literatura digital utilizado por pesquisadores do campo das Letras e pontuar suas complexidades no contexto do ensino. Além disso, buscou-se mapear as tendências e impasses presentes nessas investigações e, finalmente, analisar as influências das discussões sobre a literatura digital e suas representações sociais no ensino e na formação dos professores de literatura.

Ferreira pontua dois momentos importantes no que diz respeito ao

levantamento do estado da arte de um assunto: o primeiro se refere à interação “com a produção acadêmica através da quantificação e de identificação de dados bibliográficos, com o objetivo de mapear essa produção num período delimitado, em anos, locais, áreas de produção” (Ferreira, 2002, p. 265). É a etapa em que os dados são objetivos e concretos, sendo possível começar a identificar uma narrativa de produção acadêmica.

O segundo momento, mais complexo, consiste em analisar esse material e compreender “tendências, ênfases, escolhas metodológicas e teóricas, aproximando ou diferenciando trabalhos entre si, na escrita de uma história de uma determinada área do conhecimento” (Ferreira, 2002, p. 265). Nesse momento, cabe ao pesquisador decidir como abordar esse material.

No que se refere às investigações sobre literatura digital desenvolvidas na presente pesquisa, o que se tem como benefício para o ensino de literatura e os campos da Educação e das Letras é a importância de compreender os estudos acadêmicos desenvolvidos sobre o tema no contexto brasileiro, ao observar a maneira como a literatura digital influencia e está relacionada ao ensino de literatura atualmente. Dessa maneira, contribui-se para os estudos de ambos os campos, considerando os trabalhos dos agentes que, por vezes, transitam entre esses dois campos. Ferreira ainda ressalta e disserta sobre a importância dos resumos nos trabalhos acadêmicos, visto que são considerados elementos com a finalidade de divulgação desses trabalhos. É um gênero já consolidado na escrita acadêmica, que carrega informações cruciais como o objetivo principal da investigação, a metodologia ou procedimento utilizado na abordagem do problema, a teoria, as técnicas e os métodos de tratamento dos dados, além dos resultados e das conclusões.

Na presente investigação, a leitura dos resumos dos trabalhos acadêmicos foi fundamental para o levantamento e a delimitação do **corpus** em um primeiro momento. É importante considerar as informações presentes nos resumos desses trabalhos, posto que elas contém ideias importantes que aparecem e são desenvolvidas ao longo do trabalho na íntegra.

A autora teve seu trabalho desenvolvido e consolidado no final do século XX e início do século XXI, momento caracterizado por uma maior popularização das pesquisas consideradas estado da arte. Em 2021, Ferreira propôs que os estudos que levam a alcunha de “estado da arte” vêm estabelecendo campo próprio de

conhecimento e defende essa ideia expondo e dialogando com trabalhos e pesquisadores da área.

Discute-se sobre as práticas investigativas e discursivas características desse tipo de pesquisa, junto à questão do nome dado a essas pesquisas, especialmente, “quando identificadas como ‘estado do conhecimento’, ‘levantamento bibliográfico’, ‘mapeamento da produção acadêmica’, ‘marco teórico’, entre outras” (Ferreira, 2021, p. 9). Ao longo dos anos, as investigações pautadas nessas metodologias passaram por diferentes nomenclaturas, enquanto a essência das pesquisas era, basicamente, a mesma.

O que se tem em relação a alcunhas como “mapeamento de pesquisa” e “pesquisa bibliográfica” é que elas podem ser consideradas partes ou etapas de estudo do estado da arte, mas não se confundem nem são sinônimos.

O estado da arte seria então, inicialmente, um trabalho de caráter descritivo, de revisão, análise crítica e interpretação dos documentos localizados pelo pesquisador para orientar e fundamentar teoricamente a construção de sentidos sobre um determinado objeto (Ferreira, 2021, p. 11).

Desse modo, a metodologia de estado da arte vai além de um simples levantamento bibliográfico, ou até mesmo de uma sondagem quantitativa em relação à produção de trabalhos realizados sobre um determinado tema. Trata-se do levantamento, da análise e da compreensão dos dados, buscando entender os princípios das investigações de um determinado campo e, mais ainda, as tendências que essas investigações apontam.

No presente trabalho optou-se, então, por realizar uma investigação de estado da arte sobre os estudos da literatura digital no país. Tal metodologia se mostra adequada para o processo de pesquisa pelo fato de levantar hipóteses e buscar a observação de tendências nesses materiais para além do número de trabalhos desenvolvidos, ao considerar as discussões realizadas nesses documentos.

Busca-se compreender quais as tendências e os impasses do ensino de literatura por meio da leitura de trabalhos realizados sobre literatura digital, especificamente, no contexto brasileiro. Para isso, utiliza-se como suporte teórico das contribuições de Roger Chartier (2011, 2017), ao pensar nas implicações do suporte na literatura digital e nas representações sociais contidas nos documentos

levantados, e Roland Barthes (2004, 2012), a fim de compreender os aspectos literários das obras digitais, especialmente no que diz respeito à linguagem literária. As contribuições teóricas dos pesquisadores encontram-se no Capítulo 2 da dissertação.

Enquanto Ferreira realizou um trabalho sobre pesquisa em leitura, analisando resumos em dissertações de mestrado e teses de doutorado no país (1999), aqui, delimitou-se como **corpus** os artigos científicos, as dissertações e teses publicados sobre literatura eletrônica no país, hospedados em renomadas bases de dados.

Catani (1996) também disserta sobre a importância dos artigos científicos e periódicos, especialmente para o campo educacional, ao lançar um olhar para as potencialidades das revistas especializadas em educação.

No caso da autora, o trabalho desenvolvido nas revistas especializadas é significativo para entender as movimentações que ocorrem no campo da Educação, por meio das discussões realizadas nessas revistas e também, o impacto na formação de professores, posto que os escritos são frutos das práticas docentes, ou seja, dos agentes desse campo.

Os periódicos são responsáveis por um estudo da constituição e da dinâmica do campo educacional. A autora estabelece, em seu trabalho, uma cronologia das revistas pedagógicas oficiais paulistas e busca por fontes que facilitem o estudo e a localização de dados sobre periódicos.

Catani defende que lançar um olhar para os periódicos do campo é compreender as representações sociais e institucionais tanto da escola como do professor.

De fato, as revistas especializadas em educação, no Brasil e em outros países, de modo geral, constituem uma instância privilegiada para a apreensão dos modos de funcionamento do campo educacional enquanto fazem circular informações sobre o trabalho pedagógico e o aperfeiçoamento das práticas docentes, o ensino específico das disciplinas, a organização das disciplinas, as reivindicações da categoria do magistério e outros temas que emergem do espaço profissional (Catani, 1996, p.117).

As revistas reúnem ideias que são fruto de estudos e práticas docentes do contexto educacional, além de informações relevantes para se pensar o ensino e questões como a formação de professores. Selecionar as revistas como objeto de estudo possibilita olhar, diretamente, para o trabalho desenvolvido nesse contexto específico.

Tal ideia se relaciona com o conceito de pesquisas denominadas “estado da arte” desenvolvido por Ferreira, posto que é possível encontrar nesse material informações consideráveis para a compreensão das tendências de determinado tema.

Enquanto os trabalhos de Catani e de Ferreira se desenvolveram, especialmente, no âmbito educacional, o que se tem na presente investigação é um levantamento acerca de trabalhos realizados no campo das Letras, especificamente, nos estudos literários. Ainda, compreende-se a relevância desses trabalhos para as discussões sobre ensino de literatura, de modo que os campos da Educação e das Letras se relacionam.

Desenvolve-se, então, um levantamento do estado da arte sobre literatura digital tanto em revistas – no caso, artigos científicos publicados em periódicos da área de Letras – quanto em dissertações e teses hospedadas eletronicamente em repositórios consolidados no campo, a fim de compreender as tendências e os impasses dessas investigações para o ensino de literatura.

Optou-se por realizar o levantamento do material publicado ou defendido dentro do recorte temporal de 2016 a 2021, posto que o desenvolvimento da investigação ocorreu em meio a intercorrências pandêmicas, sem a possibilidade de acesso a acervos físicos. Além disso, o recorte compreende um momento de movimentações no campo da literatura digital brasileira, contando com trabalhos produzidos e finalizados durante a pandemia da COVID-19.

O primeiro passo para o levantamento do **corpus** se deu em relação à escolha dos catálogos utilizados. Ferreira ressalta a importância dos catálogos como fonte documental na pesquisa de estado da arte, posto que eles “permitem o rastreamento do já construído, orientam o leitor na pesquisa bibliográfica de produção de uma certa área” (Ferreira, 2002, p. 261), além de disponibilizarem dados bibliográficos importantes para além do título do trabalho, como os nomes do autor e do orientador, o local, a área em que o trabalho foi produzido e a data da defesa do trabalho.

Chegou-se, assim, a quatro fontes principais: o Catálogo de Teses e Dissertações (CAPES), o SciELO, o Observatório da Literatura Digital Brasileira e o Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Linguística (NUPILL). A escolha da primeira justifica-se por se tratar do maior catálogo de teses e dissertações nacionais, diretamente relacionado à CAPES. Nele, centenas de milhares de

investigações têm sido armazenadas nas mais distintas áreas do conhecimento. Tão abrangente quanto o CTD, a escolha do SciELO como fonte bibliográfica justifica-se, também, pela pluralidade e quantidade de artigos científicos relacionados.

Ao selecionar as duas últimas fontes, optou-se por lançar um olhar para o contexto específico de estudos sobre a literatura digital no país. O Observatório da Literatura Digital Brasileira desenvolve um trabalho de mapeamento e difusão dos textos literários digitais, contendo, inclusive, um Atlas que reúne incontáveis obras literárias digitais. O observatório desenvolve um trabalho constante de investigação e conservação sobre esse campo. Foram considerados, então, os trabalhos científicos organizados e disponibilizados nessa plataforma.

A última fonte a ser escolhida consiste em mais um pólo de investigação sobre o tema, que desenvolve e hospeda trabalhos de pesquisadores sobre literatura digital. O Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Linguística (NUPILL) tem por objetivo o “desenvolvimento de pesquisas sobre os textos literários em meio digital, abrangendo uma gama que vai da criação à leitura utilizando dispositivos e processos da informática, passando por estratégias e ferramentas de ensino e aprendizagem de literatura”¹⁴.

Após a seleção das quatro fontes de investigação, o segundo passo foi eleger quais seriam os descritores a serem pesquisados a fim de desenvolver o levantamento e escolha do **corpus**. Os termos utilizados para pesquisa nessas bases de dados foram: “literatura digital”, “leitura digital”, “literatura e tecnologia”, “literatura eletrônica”, “literatura digital e ensino” e “leitura digital e ensino”. Essas seriam expressões empregadas para a pesquisa em cada uma das fontes.

Devido ao grande volume de trabalhos disponíveis, especialmente no Catálogo de Teses e Dissertações e no SciELO, lançou-se mão do refinamento da pesquisa por meio de filtros específicos.

No Catálogo, em que consta um grande número de trabalhos, os filtros utilizados foram o Ano (2016 a 2021), a Grande Área do Conhecimento (Linguística, Letras e Artes), Área do conhecimento (Letras), a Área Avaliação (Linguística e Literatura), Área concentração (Estudos Literários) e Nome Programa (Letras). Após a seleção desses filtros, que refinou consideravelmente os resultados, ocorreu a

¹⁴ Disponível em <https://nupill.ufsc.br/#about>. Acesso em 28 ago. 2022.

leitura do título de cada um dos trabalhos. A seleção dos trabalhos que fariam parte do *corpus* se deu de acordo com a presença dos descritores, previamente selecionados, nos títulos dos trabalhos.

No SciELO, os filtros eram organizados de maneira diferente. A pesquisa foi aprimorada pelos filtros Coleções (Brasil), Idioma (Português), Ano de Publicação (2016 a 2021), SciELO Áreas Temáticas (Linguística, Letras e Artes) e WoS Áreas Temáticas (Literatura). A pesquisa resultou em um número consideravelmente menor de trabalhos do que o Catálogo – o que é compreensível devido à natureza das bases de dados. O passo seguinte consistiu em, finalmente, ler cada um dos títulos e selecionar aqueles que continham os termos estabelecidos previamente.

Por meio da leitura dos títulos de cada um dos trabalhos encontrados pelos descritores escolhidos e pelos filtros aplicados no Catálogo de Teses e Dissertações e no SciELO, foram selecionados aqueles julgados pertinentes para a investigação, ou seja, trabalhos cujos títulos demonstravam referência à literatura digital e a tecnologia.

No site do Observatório, o único filtro necessário na área de “Produções” do grupo foi o de “Artigos em periódicos”, a fim de pesquisar apenas o gênero selecionado. Depois disso, os títulos dos trabalhos foram lidos e, respeitando o critério de seleção das outras fontes, foram selecionados os trabalhos que continham os descritores nos títulos.

Quanto ao site do NUPILL, não foi necessária uma busca com filtro específico. Na área intitulada “Produções”, limitou-se a busca às “Teses e Dissertações” e então, a leitura dos títulos dos trabalhos foi realizada e aqueles que continham um dos descritores foram selecionados.

Ao todo, nas quatro bases de dados consultadas e respeitando processo de análise e leitura dos títulos a partir do emprego dos descritores e dos filtros, chegou-se ao número de 4 teses, 5 dissertações e 15 artigos científicos, compreendendo 24 documentos no total.

Elaborou-se um quadro contendo as seguintes informações sobre os trabalhos, a saber: a base de dados em que o trabalho se encontra, sua natureza (artigo científico, dissertação ou tese), o título do trabalho, a autoria, o ano de publicação e a instituição ou o periódico em que foi publicado.

Quadro 1 - Levantamento bibliográfico sobre artigos científicos, dissertações e teses nas bases de dados selecionadas

Base de dados	Natureza	Título	Autoria	Ano	Instituição/periódico
SUCUPIRA/CAPES	DISSERTAÇÃO	LITERATURA E TECNOLOGIA NA SALA DE AULA: UM DIÁLOGO MEDIADO PELO PROFESSOR NA FORMAÇÃO DO LEITOR DE TEXTOS LITERÁRIOS	ESTELA DA SILVA LEONARDO	2017	UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
SUCUPIRA/CAPES	DISSERTAÇÃO	LITERATURA ERGÓDICA: OS MÚLTIPLOS CAMINHOS NA NARRATIVA DIGITAL DE LIFE IS STRANGE	LUIS ANTONIO TRIGOLO JUNIOR	2020	UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
SUCUPIRA/CAPES	DISSERTAÇÃO	LITERATURA E ENSINO MÉDIO: a mediação do professor e das novas tecnologias no processo ensino-aprendizagem	FABIANI RODRIGUES TAYLOR COSTA	2017	UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
SUCUPIRA/CAPES	TESE	AUDIOLIVROS DIGITAIS E LETRAMENTO LITERÁRIO: ENSINO DE LITERATURA NA CULTURA DA CONVERGÊNCIA	ANDERSON AMARAL DE OLIVEIRA	2020	UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
SUCUPIRA/CAPES	TESE	MINICONTOS NA INTERNET E FORMAÇÃO DE LEITORES	SIMONE DE SOUZA BURGUES	2019	UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
SCIELO	ARTIGO	A circulação da literatura no mundo on-line: os casos de Clarice Lispector e de Caio Fernando Abreu	Manáira Aires Athayde Rejane Cristina Rocha	2020	SEÇÃO TEMÁTICA: Literatura além do livro • Estud. Lit. Bras. Contemp. (59) • 2020
SCIELO	ARTIGO	Por uma poética cartesiana: gráficos 3D nas criações digitais de André Vallias	Vinícius Carvalho Pereira	2020	SEÇÃO TEMÁTICA: Literatura além do livro • Estud. Lit. Bras. Contemp. (59) • 2020

SCIELO	ARTIGO	Textos que dão voltas por aí: Borges, Katchadjian, obra e autoria na literatura contemporânea	Rejane Cristina Rocha	2018	AUTORIA NA CULTURA DO PRESENTE • Estud. Lit. Bras. Contemp. (55) • Dez 2018
SCIELO	ARTIGO	Inventário poético: anotações sobre os resíduos do humano na literatura	Ermelinda Maria Araújo Ferreira Joanita Baú de Oliveira	2017	Leituras do pós-humano • Ilha Desterro 70 (2) • Ago 2017
SCIELO	ARTIGO	Como ler os textos literários na era da cultura digital?	Edgar Roberto Kirchof	2016	Literatura e Novas Mídias • Estud. Lit. Bras. Contemp. (47) • Jun 2016
SCIELO	ARTIGO	Histórias por um fio: narração mediada em tempo real	Daniela Côrtes Maduro	2016	Literatura e Novas Mídias • Estud. Lit. Bras. Contemp. (47) • Jun 2016
SCIELO	ARTIGO	Questões provisórias sobre literatura e tecnologia: um diálogo com Roger Chartier	Ana Elisa Ribeiro	2016	Literatura e Novas Mídias • Estud. Lit. Bras. Contemp. (47) • Jun 2016
SCIELO	ARTIGO	"Monstro esperançoso": a respeito de Oratório, de André Vallias	Rejane C. Rocha	2016	Literatura e Novas Mídias • Estud. Lit. Bras. Contemp. (47) • Jun 2016
SCIELO	ARTIGO	Literatura: contexto digital, hipercolonialismo e materialidades	Alamir Aquino Corrêa	2016	Literatura e Novas Mídias • Estud. Lit. Bras. Contemp. (47) • Jun 2016
SCIELO	ARTIGO	Literatura infantil na sociedade multimidiática	Glaucia Guimarães Maria Cristina Cardoso Ribas	2016	Literatura e Novas Mídias • Estud. Lit. Bras. Contemp. (47) • Jun 2016
SCIELO	ARTIGO	Sobre vivências poéticas no campo da mídia digital	Sayonara Amaral de Oliveira	2016	Literatura e Novas Mídias • Estud. Lit.

					Bras. Contemp. (47) • Jun 2016
SCIELO	ARTIGO	CORRELAÇÃO ENTRE COMPREENSÃO LEITORA E PRODUÇÃO TEXTUAL EM MEIOS DIGITAIS	Gládia Maria Cabral Borges Keyla Maria Frota Lemos Sâmela Rocha Barros Pereira	2021	ARTIGOS • Ilha Desterro 74 (3) • Sep-Dec 2021
SCIELO	ARTIGO	DA FICÇÃO INTERATIVA À HIPERFICÇÃO: UM COMENTÁRIO SOBRE A GÊNESE DA LITERATURA ELETRÔNICA ESTADUNIDENSE	Cláudio Augusto Carvalho Moura	2021	ARTIGOS, I. Contextos literários: releituras e intertextos / Literary contexts: re-readings and intertexts • Ilha Desterro 74 (1) • Jan-Apr 2021
NUPIII	TESE	CRIAÇÃO, TEORIA E CRÍTICA NA LITERATURA ELETRÔNICA ESTADUNIDENSE	Cláudio Augusto Carvalho Moura	2018	Universidade Federal de Santa Catarina
NUPIII	TESE	FENOMENOLOGIA DA LEITURA LITERÁRIA EM MEIO DIGITAL: O USO DA FERRAMENTA DLNOTES2	EMANOEL CESAR PIRES DE ASSIS	2016	Universidade Federal de Santa Catarina
OBSERV ATÓRIO	ARTIGO EM PERIÓDICO	A compreensão e a legitimação da literatura digital brasileira: o caso da revista Texto Digital	Rejane C. Rocha Nair Renata Amâncio	2019	https://periodicos.ufsc.br/index.php/textodigital/article/view/1807-9288.2019v15n1p123/40643
OBSERV ATÓRIO	ARTIGO EM PERIÓDICO	Electronic Literature Organization: reflexões sobre a construção da memória da literatura digital	Natália Cristina Estevão	2020	https://periodicos.ufms.br/index.php/revpress/article/view/11056/7977
SUCUPI RA/CAP ES	DISSERTAÇÃO	LEITURAS MULTIMODAIS DE O MÁGICO DE OZ POR ALUNOS DE 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL:	NATALIA BARROS DA SILVA GOMES	2017	UNIVERSIDA DE ESTADUAL DE MARINGÁ

		POSSIBILIDADE DE UM ENSINO PLURALISTA DE LITERATURA			
SUCUPIRA/CAPES	DISSERTAÇÃO	LITERATURA E GAMES: QUESTÕES ATUAIS DO ESTABELECIMENTO DO CAMPO LITERÁRIO	MARIO LOUSADA DE ANDRADE	2016	UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ

Fontes: Catálogo de Teses e Dissertações (CAPES), SciELO, Observatório da Literatura Digital Brasileira e Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Linguística (NUPILL).

A partir da organização do quadro com as principais informações sobre os trabalhos levantados, a análise desenvolveu-se, primeiramente, por meio da organização e leitura dos resumos e palavras-chave dos trabalhos – técnica que Ferreira utilizou em sua tese de doutorado. A metodologia fundamentada pela autora(2002) foi utilizada como base para a análise do material levantado, guiando o método de leitura pelos resumos e palavras-chave, sendo possível estabelecer as primeiras impressões sobre o **corpus** da investigação.

Contudo, a análise não se ateve aos resumos. Após realizada a leitura e a organização dos resumos e das palavras-chaves, os trabalhos científicos foram lidos e analisados. Para pensar as questões referentes às representações sociais presentes nos trabalhos e também aquelas envolvendo os suportes de literatura digital, lançou-se mão das contribuições teóricas de Roger Chartier.

Quanto à análise literária das obras abordadas nesses trabalhos, a investigação pauta-se nas contribuições de Roland Barthes, visando compreender aspectos importantes da literatura, como a escrita literária e a influência da linguagem, nesse caso, nas obras literárias digitais. Ambos os autores contam com suas contribuições exploradas ao longo do Capítulos 2.

A leitura dos artigos, das dissertações e das teses na íntegra se fez pertinente ao desenvolver o objetivo proposto pela investigação: compreender as tendências e os impasses das investigações sobre literatura digital no país, bem como a relação entre essas manifestações literárias e o ensino de literatura. A partir dessa análise, é possível refletir sobre os diálogos desenvolvidos pelos agentes do campo literário digital.

O esperado, com o levantamento e a análise do estado da arte sobre a literatura digital no país, era compreender as representações que os pesquisadores

da área de Letras carregam sobre essa manifestação literária. Desse modo, os Capítulos 3 e 4 da dissertação foram estruturados a fim de se pensar as especificidades dessa investigação. Desenvolveram-se três categorias de análise: “as manifestações literárias”, em que o foco encontra-se na análise das obras digitais mencionadas pelos autores; “a tecnologia e a literatura digital”, em que observa-se o uso das ferramentas tecnológicas utilizadas na produção e leitura dessas obras literárias; e, por fim, “a circulação teórico-metodológica”, que possibilita observar qual o percurso teórico desenvolvido pelos autores e suas influências principais.

Embora essas três categorias se façam presentes em ambos os capítulos, foi observada, a partir da análise do **corpus** levantado, a necessidade de incluir uma quarta categoria no Capítulo 4, referente à análise das dissertações e das teses. Na seção “o ensino de literatura”, verificam-se as relações entre tecnologia, literatura e ensino encontradas nos trabalhos que constituem o **corpus**.

Por meio da análise do material levantado, a investigação busca compreender as tendências e os impasses presentes nos estudos sobre literatura digital no país, ao lançar mão de bases de dados pertinentes para a pesquisa sobre o tema no Brasil.

Capítulo 2 - As contribuições de Roger Chartier e Roland Barthes para se pensar a literatura digital

A literatura digital, bem como as questões que, necessariamente, a acompanham – como a leitura em suporte digital e a relação entre a escrita literária e a tecnologia – consolidam tal expressão como uma manifestação atual do texto literário. Os valores linguísticos, literários, artísticos e formais da literatura permanecem presentes como características das obras. O que se tem é que o texto literário digital é literatura escrita e vinculada em um meio diferente do impresso.

Tal afirmação se mostra compreensível ao considerar as obras literárias digitais apresentadas no primeiro capítulo: a manipulação de códigos eletrônicos que mobiliza mais de uma modalidade torna possível uma experimentação literária complexa, que pode envolver imagens, sons e a escrita.

A fim de compreender o conceito de literatura digital e suas tendências no ensino de literatura, é preciso lançar um olhar, também, para as discussões realizadas no âmbito da crítica literária. Retomar conceitos clássicos da literatura torna possível situar as tendências do texto literário em formato eletrônico e, conseqüentemente, suas possíveis implicações para o ensino de literatura. Junto às técnicas utilizadas para a leitura e produção desse texto, como a multimodalidade, a hipertextualidade e as questões interativas, bem como as peculiaridades do suporte em que o texto é desenvolvido e lido, o que se tem, no produto final, é a literatura.

Na literatura digital, a linguagem literária se manifesta por meio do conjunto estético caracterizado pelas especificidades dos novos meios, como a interatividade do leitor com a obra, e a possibilidade da presença de multimodalidades, como o som e a imagem e os movimentos dispensados pelo leitor para a leitura em tela. O texto literário passa a se apresentar de maneira nova, distinta daquela como se apresenta nos suportes impressos.

Enquanto a leitura de um texto literário impresso se desenvolve, essencialmente, pelo ato de virar a página de um livro, a leitura de literatura eletrônica pode acontecer de diversas maneiras, que variam de acordo com o formato em que a obra foi desenvolvida. Seja por meio do toque na tela de um dispositivo móvel em que a obra se encontra em formato de aplicativo; ao clicar em links disponíveis em um website; ao se deparar com uma obra estruturada por um **plug-in** como o **Flash**; ou, até mesmo, a navegação em um software próprio para

leitura de obras literárias, como o **StorySpace**.

A leitura literária digital acontece quando os fatores multimodais, ou seja, extraliterários, como o som, a navegação, a interatividade e as imagens podem ser relacionados com o texto literário no processo de leitura e compreensão da obra. É possível observar, nas produções literárias eletrônicas, uma inextricabilidade entre a linguagem e a tecnologia. Nelas, um emaranhado composto por elementos verbais e não-verbais carregam especificidades estéticas para além do simples suporte em que se encontram. A produção literária junto à manipulação tecnológica proporcionam uma manifestação da literatura no ambiente digital.

Para compreender essa manifestação literária, recorre-se a autores como Roland Barthes e Roger Chartier, de modo que o primeiro se faz importante para a presente pesquisa à medida que permite um resgate da linguagem literária por meio da escritura. Seu viés estruturalista, em que a materialidade da língua se expressa em uma linguagem carregada de significados estéticos, podendo ser denominada de linguagem literária, faz com que se consiga entender um pouco mais do que acontece com a literatura em um suporte diferente do papel.

Compreende-se que a divulgação, a produção e a leitura do texto literário eletrônico estão relacionadas a outras questões, que se encontram além do campo dos estudos literários, como, por exemplo, a tecnologia, o desenvolvimento de códigos e os suportes para esses textos e o próprio contexto da cultura digital. Outras manifestações estéticas se apropriam desses suportes e tecnologias para se concretizarem, especialmente no campo das Artes Visuais. Contudo, o que caracteriza uma obra digital como literária é, essencialmente, a presença do texto literário.

Enquanto a arte digital se manifesta por meio de manipulações multimodais no contexto tecnológico, se fazendo cada vez mais presente, a literatura digital lança mão de ferramentas e suportes bastante similares, com a exceção de se tratar de um produto estético cuja característica marcante é a literariedade, ou seja, o valor do texto literário.

Barthes contribui com a investigação sobre a literatura digital ao possibilitar outros olhares sobre a questão: o viés sociológico e estruturalistas; a relação que a literatura estabelece com outras áreas e os ideais sobre linguagem, que se fazem presentes, também, nas obras literárias digitais.

Pensa-se, então, não somente nos artigos, nas dissertações e nas teses

levantadas, mas também tem-se em mente os excertos literários digitais sobre os quais esses trabalhos se desenvolvem. Consonante à discussão acerca da circulação desses textos e dos elementos extratextuais presentes em suas técnicas de composição – a multimodalidade, a interatividade, entre outros –, é necessário o cuidado de observar o texto literário existente nessas obras.

Chartier, por sua vez, se faz presente na análise do material levantado na investigação devido às discussões sobre leitura, escrita e edição, que solidificam conceitos fundamentais para se pensar o ensino de literatura na contemporaneidade. Ainda, os trabalhos sobre os diferentes suportes de produção e leitura literária são relevantes para pensar a literatura digital. Por fim, a noção de representação social se apresenta como norteadora para a análise dos **corpus** da investigação, posto que compreender as representações dos agentes do campo das Letras, ou seja, os autores dos artigos, das teses e dissertações, torna possível compreender o impacto do texto literário digital nas tendências do ensino de literatura.

2.1. O suporte digital e suas implicações para a leitura literária

É compreendido que o texto literário não se manifesta mais, somente, no meio impresso. Tem-se, hoje em dia, manifestações literárias em diferentes meios, dos físicos aos digitais. Um exemplo desse fenômeno é o aumento da circulação da literatura em redes sociais. A partir do momento em que as primeiras experimentações literárias em computadores ocorreram, na segunda metade do século XX, em contextos restritos, tornou-se evidente que a literatura carrega consigo a possibilidade de não se ater mais somente ao papel, ou seja, o livro impresso, mas sim se expandir e ser produzida e lida em outros suportes.

Chartier (2017) defende, justamente, a coexistência do texto literário no meio impresso e no digital. Segundo o autor, a literatura não deixa de existir, ou de ser considerada literatura, devido ao advento de novos suportes e plataformas. Pelo contrário, se fortalece e renova enquanto novas mídias surgem e se relacionam, diretamente, com a produção e leitura de textos literários.

Ao romper o antigo laço entre o texto e o objeto, entre cada discurso e sua materialidade própria, a revolução digital obriga a uma radical revisão dos gestos e das noções que associamos à escrita. Apesar da inércia do vocabulário, que procura domesticar a novidade, denominando-a com palavras familiares (página, livro, imprimir), os fragmentos de textos que aparecem nas telas não são páginas, mas,

sim, composições singulares e efêmeras. E, contrariamente a seus antecessores, rolo ou códex, o livro eletrônico não se diferencia das outras produções da escrita pela evidência de sua forma material. (p. 19)

A tendência do texto literário é rever conceitos tradicionais de escrita e leitura, visto que se manifesta de diferentes maneiras, nos mais diversos suportes digitais. A literatura passa, assim, por uma transformação – mas sem perder sua essência. A compreensão do suporte digital de leitura, que considera a escrita, a língua e todas as mudanças presentes nesse processo, bem como suas implicações no ensino de literatura, torna possível contribuir para as discussões no âmbito da crítica literária.

A análise do autor contempla não somente o texto literário digitalizado, como explicitado no Capítulo 1 da presente dissertação, mas também o texto naturalmente digital: aquele produzido exclusivamente com o intuito de ser lido em um suporte eletrônico, como um computador, celular ou **tablet**, cujas especificações são cruciais para a leitura. Desse modo, as práticas de leitura estão presentes tanto em dispositivos originalmente desenvolvidos para a leitura digital de textos, os **e-readers**, como o **Kindle** e o **Kobo**, quanto em dispositivos cuja finalidade de criação não foi a de ler literatura, como os computadores.

A questão dos diferentes tipos de suporte para a leitura implica, consequentemente, em uma discussão sobre os mecanismos de leitura. O leitor de um livro físico segue um determinado protocolo de leitura, por vezes intrínseco ao seu ato de ler. Tanto em relação a sua postura corporal, por vezes sentado em uma cadeira ou poltrona, deitado em uma cama, quanto à questões acerca do ambiente em que a leitura acontece, seja ao ar livre ou dentro de um cômodo iluminado, posto que o papel do livro impresso não constitui em uma fonte de luz. Esse protocolo é impactado, também, pelo objeto literário em si, considerando seu tamanho – uma edição de bolso ou uma de capa dura -, o tamanho de sua fonte, o tom e o material da impressão e das páginas.

Na leitura de uma obra literária digital, os mecanismos são outros: enquanto os **e-readers** buscam proporcionar uma experiência similar à de ler um livro impresso, o leitor passa por uma série de mudanças ao ler uma obra literária eletrônica. A primeira delas é, evidentemente, o dispositivo em que se lê: não se trata mais de um livro físico, mas um dispositivo, como um celular ou um computador. Isso implica em uma leitura realizada diretamente em uma tela

eletrônica, cuja fonte de luz é branca. Além disso, a postura corporal é distinta, pois ao segurar o objeto a ser lido com as mãos, o leitor não realiza mais a ação de virar páginas, por exemplo, mas sim a de clicar (no caso de um mouse) ou de tocar (no caso de um dispositivo munido de uma tela sensível ao toque).

Pode-se pensar que “a leitura diante da tela é descontínua, segmentada, ligada mais ao fragmento que à totalidade” (Chartier, 2017, p.21). Ao percorrer os olhos pelo texto literário na tela, o autor tem diante de si diversas possibilidades, mais do que aquelas possíveis quando lê um livro impresso. Esse método de leitura não é, necessariamente, desfavorável. Por outro lado, a leitura em suportes eletrônicos possibilita o contato com novas manifestações literárias que não somente os gêneros literários consagrados, como o romance, a poesia, o conto. Por não seguir, segundo Chartier, uma lógica “linear nem dedutiva” (2017, p. 22), é possível tanto a produção quanto a leitura de textos literários dos mais variados gêneros literários, inclusive híbridos.

As obras **Patchwork girl** (1995), de Shelley Jackson e **afternoon, a story** (1987), de Michael Joyce, apresentadas no Capítulo 1, são exemplos de possibilidades de leituras proporcionadas por uma obra produzida e lida em uma tela eletrônica, sendo esta a do computador. Sendo consideradas narrativas hipertextuais, as obras foram importantes no desenvolvimento e popularização da literatura digital nos Estados Unidos. Seus caminhos de leitura variam dentro de um limite estabelecido pelos autores, de modo que a leitura pode ser realizada em mais de uma ordem, de maneira não-linear, mas os excertos literários disponíveis, que compõem a obra, são aqueles escritos e disponibilizados na estrutura selecionada pelos autores.

É importante lembrar que, no início das experimentações literárias no meio eletrônico, era comum ocorrer uma colaboração entre os escritores e os profissionais capacitados da informática, a fim de manipular os códigos para que se apresentasse, na tela, o trabalho final: o texto literário digital. Desde o início, o que se tem é uma apropriação do suporte para uma finalidade que não aquela para qual ele foi destinado em um primeiro momento. O mesmo dispositivo pensado para realizar cálculos, pesquisas e estudos, era – e ainda é – um suporte para a manifestação literária.

Na verdade, a revolução do texto eletrônico é, ao mesmo tempo, uma revolução da técnica de produção e reprodução dos textos,

uma revolução da materialidade e da forma de seu suporte e uma revolução das práticas de leitura. Substitui a proximidade física que vincula os vários textos copiados ou impressos em um mesmo livro (ou uma revista ou um periódico) por sua distribuição nas arquiteturas lógicas que governam os bancos de dados, as coleções digitais ou as publicações eletrônicas. Por outro lado, redefine a materialidade das obras, porque desata o laço visível que associa um texto e o objeto que o transmite e porque dá ao leitor, e não ao autor ou editor, o domínio sobre a forma e o formato das unidades textuais que queira ler. Assim, é todo o sistema de percepção e de uso dos textos que se encontra transformado (Chartier, 2017, p. 23).

O texto literário produzido em um suporte digital é responsável por diversas revoluções: em sua produção, em sua materialidade e, evidentemente, em sua leitura. Rompe-se com a ideia de que a literatura é um fenômeno exclusivamente presente em livros impressos e, assim, a manifestação literária passa a ocorrer em outros dispositivos, de maneira cada vez mais complexa e múltipla.

Quanto à questão do formato e da forma das unidades textuais e o impacto desses na leitura da obra, é importante pensar nas transformações que essas obras literárias passam ao longo do tempo, justamente, por terem sido produzidas em um dispositivo digital. A obsolescência de determinados programas e **softwares** faz com que seja necessário que obras digitais sejam gravadas ou mantidas em acervos em formatos que não aqueles em que foram pensados originalmente. Isso implica em navegações guiadas das obras, registradas em vídeo, ou em capturas de tela.

Com esses mecanismos de conservação, tem-se a preocupação da possibilidade de uma perda de sentido ao realizar a leitura dessas obras por meio de capturas de tela ou navegação guiada. O que se tem, na realidade, é mais uma possibilidade de leitura e interpretação do texto, para além daquela pensada originalmente para a obra em seu formato original, o que pode dar origem a, inclusive, diferentes representações por parte do leitor. A leitura de uma obra literária digital por registros da tela em formato de vídeo não implicaria, então, em uma leitura menos completa da obra, mas sim distinta daquela na qual ela foi produzida.

É pertinente considerar, infelizmente, uma possível efemeridade das obras eletrônicas em seus suportes originais, posto que mesmo com o trabalho de pesquisadores da área para resgate e conservação de obras literárias digitais, diversas obras se tornam impossíveis de serem lidas devido ao fim dos softwares em que foram desenvolvidas.

Obras amplamente conhecidas da literatura digital eletrônica estadunidense, como **Patchwork girl** (1995) e **afternoon, a story** (1987) foram lidas, para o desenvolvimento da pesquisa, por meio de leituras gravadas e disponíveis no YouTube. No contexto nacional, discutiu-se a descontinuidade de **plug-ins** como **Flash**, além da instabilidade da ferramenta **Ruffle**, que emula o Flash dentro do navegador, o que condena a leitura e interação desenvolvida e com diversas obras digitais que fazem uso desse mecanismo para que sejam executadas e, de fato, lidas.

Apesar da possibilidade de gravação da tela e da realização de leituras guiadas, é considerável a quantidade de obras literárias que podem se tornar obsoletas ao longo dos anos, sendo passíveis de se perderem por terem sido produzidas em formatos cujos computadores do futuro não irão mais sustentar. Desse modo, o registro por meio da gravação da tela pode ser considerado uma alternativa para a leitura de literatura eletrônica, ainda que resulte em uma experiência de leitura diferente daquela pensada originalmente.

É relevante pensar nas implicações da presença do texto literário em suportes eletrônicos para a leitura e, mais especificamente, para o ensino de literatura. A primeira ideia que se tem é que o texto literário não está mais presente, necessariamente, apenas, no livro impresso, inclusive na sala de aula. Isso possibilita a produção e leitura de literatura em dispositivos eletrônicos. A coexistência desses meios, físico e digital, significa mais uma possibilidade de leitura de literatura por parte dos professores e dos alunos, o que impacta não apenas o ensino de literatura mas, também, a formação de leitores.

Um fenômeno que acompanha a literatura digital e se manifesta como um elo entre o impresso e o eletrônico é o de transcodificação, explorado no Capítulo 1. O movimento de converter diretamente uma obra de um código para o outro é explorado por alguns autores da literatura impressa, especialmente de poesia, como é o caso de Arnaldo Antunes, compositor que possui extensa carreira musical e diversos livros publicados. Ao longo dos anos, alguns de seus poemas passaram pelo processo de transcodificação, disponíveis como poemas digitais.

É significativo considerar esse processo não somente para a questão do acesso e leitura à poesia, visto que os poemas digitais hospedados em sites ou redes sociais podem circular e até mesmo viralizar em um ritmo diferente daqueles impressos em livros, mas também a fim de se pensar o ensino de literatura, pois a

poesia não se encontra mais apenas em livros – didáticos ou não – mas também na internet, sendo possível ter acesso e realizar sua leitura por meio de cliques.

A manifestação da literatura digital acontece de diversas formas e pode circular entre os gêneros literários pensados, em um primeiro momento, para a literatura impressa. Experimentações poéticas, narrativas digitais escritas por meio de hipertexto, *tweets* ou posts no instagram e até mesmo microcontos digitais são exemplos de textos literários digitais que tem ganhado cada vez mais espaço tanto na internet, quanto em ambientes específicos de produção e de leitura de literatura digital, inclusive na sala de aula.

Tal discussão compreende não somente as obras originalmente produzidas em contexto digital, mas também adaptações literárias e obras resultantes do processo de transcodificação, ou seja, a tradução de uma obra para um outro formato, mantendo sua essência e se adaptando às camadas culturais de um outro suporte (Manovich, 2005).

O texto literário digital compreende diversas questões no que diz respeito aos suportes em que se manifesta, como a divulgação, a leitura e a circulação, por exemplo. Aqui, lança-se um olhar às implicações da leitura literária nesse suporte, posto que os movimentos de leitura que ocorrem em contexto digital são distintos daqueles que acontecem durante a leitura de um livro físico.

Não é indispensável que cada obra literária produzida em contexto digital disponha de todos os elementos disponíveis no suporte eletrônico, como imagens, sons e interatividade. A literatura digital é uma fusão da experiência estética dessa manifestação como um todo. Lança-se mão de diversos recursos possibilitados pela tecnologia e pelo suporte a fim de se produzir uma obra literária.

Por diversas vezes, obras literárias eletrônicas que tiveram sua execução e leitura em seu formato original comprometidas por algum motivo – como a obsolescência dos **softwares** utilizados ou a inacessibilidade ao link – possuem gravações que simulam o processo de, particularmente conhecida como leitura guiada.

Infelizmente, a perda de obras literárias digitais em seus formatos originais não é incomum, especialmente ao se pensar aquelas desenvolvidas no final dos anos 1990 e início dos anos 2000. A escolha do formato da obra pensada inicialmente pelo autor possui elementos e interações relacionados com a experiência de leitura literária.

Em um primeiro momento, é possível questionar se o acesso a uma obra literária digital por meio de vídeos ou gravações de tela pode influenciar na leitura dessa obra, fazendo com que parte da experiência e significação literária sejam perdidas. Por outro lado, uma hipótese a se considerar é a de que esses processos de leitura e significação da literatura podem acontecer de maneiras distintas: uma quando reproduzidas em seu formato originalmente construído e outra por um determinado estilo de navegação guiada, como um vídeo. Desse modo, uma leitura não seria “melhor” ou “mais completa” do que a outra, mas sim distintas, proporcionando significações diferentes do mesmo texto literário.

Além de compreender os mecanismos de construção e de leitura dessas manifestações, é importante lançar um olhar para como se mantém e se sustenta a questão da literariedade nessas obras, tanto na leitura em seus formatos originais quanto naquelas adaptadas.

2.2. As representações sociais segundo Chartier

As contribuições de Roger Chartier para os estudos sobre literatura se deram por meio de discussões sobre a história da leitura, do livro e da edição. Seus conceitos principais, como representação, apropriação e prática se fazem presentes tanto no campo da Educação como no campo da Literatura, especialmente, no que diz respeito às investigações sobre determinados temas.

Considera-se importante o debate acerca dos suportes de leitura digitais. Compreender os processos de leitura que se desenvolvem em diferentes dispositivos eletrônicos, tendo por base a leitura realizada em tela, torna possível lançar um olhar mais atento para os mecanismos que envolvem a produção e a leitura de textos literários digitais.

Além disso, utiliza-se do conceito de representação cunhado por Chartier (1991; 2011) ao considerar uma perspectiva metodológica a fim de analisar o material levantado: ao olhar para as representações presentes nos artigos, nas dissertações e nas teses levantados, é possível compreender as tendências das produções acadêmicas e de seus escritores sobre o que é pensado e desenvolvido sobre literatura eletrônica no país atualmente.

Chartier (2011) considera a representação como o modo pelo qual um indivíduo ou um grupo atribui um novo significado para o mundo social. Basicamente, o conceito diz respeito à construção de sentido que um sujeito atribui

à realidade. Dessa maneira, as representações possuem a tendência de romper com um ideal clássico ou ortodoxo, de modo que o que se tem é um outro olhar: o daquele que escreve e manifesta seu pensamento.

O autor disserta sobre as relações de poder existentes no que diz respeito ao âmbito cultural da sociedade. A partir do momento em que as representações se manifestam, ocorre uma ruptura com a visão daquilo que se considera como verdade, posto que um novo significado para o mundo social se desenvolve. Desse modo,

As representações não são simples imagens, verídicas ou enganosas, do mundo social. Elas têm uma energia própria que persuade seus leitores ou seus espectadores que o real corresponde efetivamente ao que elas dizem ou mostram. É a partir da hipótese da “realidade de representação”, ou, dito de outra forma, da força social das percepções do mundo social, que vários estudos foram desenvolvidos: o das figuras da vagabundagem, tidas como um mundo social ao avesso nos séculos XVI e XVII, o do imaginário social dos estudantes frustrados em suas esperanças pelo excesso de diplomados saídos das universidades europeias na primeira metade do século XVII; o das representações cartográficas do espaço francês e da invenção da ideia de duas França (Chartier, 2015, p.27-28).

Ao exemplificar a questão das representações sociais, o autor atesta a força das representações: por meio da construção e desenvolvimento delas, conceitos culturais tidos como verdade passam a ser indagados e, assim, se tornam passíveis de mudanças. Consequentemente, a sociedade em que eles se encontram também, especialmente influenciadas pelas representações coletivas e como suas identidades sociais são postas.

Analisar os documentos considerando as representações sociais neles presentes torna possível realizar uma avaliação crítica sobre o contexto em que eles foram produzidos. Aqui, cujo tema consiste na literatura digital e tem-se, como **corpus**, trabalhos acadêmicos sobre o assunto, o que se procura observar é qual sentido os sujeitos autores desses trabalhos atribuem à realidade.

Por meio da perspectiva da história cultural, é possível visualizar e analisar esses escritos, refletindo como os artigos, as dissertações e as teses sobre a literatura eletrônica rompem com o que se considera clássico, com a estrutura já consolidada do texto literário. Por meio das representações sociais, é possível lançar um olhar cultural para o tema e observar o que está além das ideias já consolidadas.

O suporte utilizado para essas manifestações literárias, junto às construções pessoais dos agentes do campo das Letras sobre literatura, são pontos importantes ao discutir sobre literatura digital. O número crescente de estudos sobre o tema, especialmente ao longo dos anos, possibilita compreender que a ideia dessa nova manifestação literária se faz cada vez mais presente no universo cultural.

Os escritos de Roger Chartier sobre edição, leitura e livro se relacionam com a ideia defendida na presente investigação. Enquanto em séculos anteriores as diferentes impressões e circulações de textos literários incitavam revoluções no âmbito da leitura de literatura – do rolo ao códex e, então, à tela –, a produção, a circulação e até mesmo a conservação de literatura digital já implicam por si só novas tendências literárias: a leitura em tela, os mecanismos de leitura, a apropriação e relação com o texto literário. O autor, cujos estudos abrangem o tema de maneira recorrente, lança um olhar para as questões das práticas culturais de escrita e de leitura:

Um conjunto de circunstâncias amplamente inesperadas incitou a adicionar a essa duas primeiras atitudes comparatistas (entre diversas situações nacionais e linguísticas, entre o manuscrito e o texto impresso) uma terceira perspectiva, fundada na observação das mutações da cultura escrita no nosso presente, cujas transformações, ao longo dos séculos, modificaram os suportes do escrito, as técnicas de sua reprodução e as maneiras de ler. Nesses diferentes ensaios, empenhei-me em elucidar as rupturas do presente reposicionando-as numa história de longa duração da cultura e de seus usos. Os diferentes objetos que eles tratam dizem respeito aos efeitos produzidos nos modos de inscrição dos textos pela invenção do códex e da escrita sobre a tela, às definições sucessivas do “livro”, à “morte do leitor” e às diferentes mutações (na ordem das línguas, dos discursos, das reflexões ou das propriedades) introduzidas pela textualidade digital (Chartier, 2015, p 40).

Dessa forma, no que tange à “morte do leitor”, pensa-se ter uma possível referência por parte de Chartier ao conceito de “morte do autor”, de Barthes (2012), em que o autor se ausenta do texto literário que produz – ou seja, “morre” – para que o sentido do texto seja desenvolvido pelo leitor, no momento do contato, via leitura, com a obra.

A busca de uma explicação da obra literária na pessoa do autor foi repensada por Barthes ao argumentar que a autoria permanece em segundo plano na literatura, haja vista que em primeiro tem-se o texto literário. O autor, que ainda é pauta recorrente de manuais de história literária e na busca da relação entre pessoa

e obra, assumiria o papel de uma espécie de personagem moderna. Segundo Barthes,

[...] é a linguagem que fala, não o autor; escrever é, através de uma impessoalidade prévia – que não se deve em momento algum confundir com a objetividade castradora do romance realista –, atingir esse ponto em que só a linguagem age, “performa”, e não “eu”: toda poética de Mallarmé consiste em suprimir o autor em proveito da escritura (o que vem a ser, como se verá, devolver ao leitor o seu lugar) (2012, p. 59).

Desse modo, a linguagem literária bastaria por si só, ao carregar a mensagem que o autor pensou para a obra. O afastamento da imagem do autor possibilita o protagonismo da escritura, ou seja, da escrita literária, possibilitando a totalidade do texto. A linguagem literária se torna portadora de sua própria mensagem, dispensando a presença de eventuais interlocutores – como o próprio autor.

Ao selecionar os termos “livro” e “morte do leitor” entre aspas em seu texto, Roger Chartier estabelece uma relação entre as definições originais desses conceitos e suas transposições para o contexto digital. A obra literária eletrônica não necessariamente se apresenta no formato de um romance conhecido fisicamente. As inúmeras possibilidades de criação e circulação de narrativas e poesia computacionais possibilitam que a literatura digital se manifeste em diversos formatos, como *sites*, aplicativos e vídeos.

Quanto ao termo “morte do leitor”, observa-se que Chartier considera que, assim como o livro, o conceito de leitor também passa por uma transformação cultural. O leitor de literatura digital está imerso em um ambiente cujo contato com a obra implica não somente no passar de olhos e virar de páginas, mas também interações físicas, como o clicar, a leitura não-linear, a presença de modalidades como som e outras imagens. Consideram-se, também, os diversos registros de leituras guiadas de obras literárias. Tudo isso, conseqüentemente, acarreta uma transformação nas práticas culturais de leitura.

As questões desenvolvidas nos escritos de Roger Chartier refletem as pontuações presentes em diversos dos trabalhos que constituem o *corpus*. Ao realizar o levantamento da arte sobre o tema, encontram-se artigos, dissertações e teses que refletem não apenas sobre o texto, mas também sobre os suportes de

produção e leitura de literatura digital, bem como as mudanças provenientes da leitura literária que essa nova manifestação implica.

A noção de representação se mostra uma contribuição considerável para repensar as relações entre o ser social, o poder político e a sociedade em que ele se insere. Tanto de maneira individual quanto coletiva, as representações são manifestadas a fim de indagar o olhar do que é tido como tradicional em determinados aspectos, questionando o que se tem, inclusive, como noção de verdade.

Quanto à literatura, as representações ocorrem dentro de um determinado campo: o das Letras. Os agentes desse campo possuem a possibilidade de subverter, por meio da movimentação de suas representações, conceitos já tidos como consolidados dentro do que se tem como literatura: os suportes de produção e leitura, os gêneros literários, as complexidades da leitura literária.

Os conceitos desenvolvidos por Roger Chartier estabelecem um diálogo direto com aqueles dissertados por Roland Barthes. Enquanto Chartier disserta sobre o conceito de literatura e as especificidades da leitura do texto literário de novas formas e gêneros, ou seja, pensando em diferentes e atuais maneiras de circulação dessas obras e manifestações literárias, a ideologia de Barthes carrega consigo ideias fundamentais para se pensar o texto literário, como o conceito de escritura, de forma, de estilo e de língua.

Barthes lançou um olhar diferente para questões literárias como a autoria, especialmente, ao considerar a época em que escreveu. Ao "matar" o autor do texto literário, evidenciou justamente aquilo que o autor produziu: a literatura. Chartier, por sua vez, também reflete sobre a autoria, ao considerar a origem histórica do termo. A questão é que Chartier não nega e nem se afasta da ideia do que é literatura. Pelo contrário, se aproxima dos conceitos clássicos de literatura e lança mão de outras perspectivas sobre o tema, buscando efeitos de sentido no texto por meio do literário.

Para Barthes, o texto literário não é o lugar em que o autor expressa necessariamente o que sente, mas sim é o espaço em que a pessoa que escreve – o “scriptor”, em suas palavras – insere escritas influenciada pela sua cultura e pela sociedade em que se encontra. (Barthes, 1984). Chartier, por sua vez, olha para a literatura pensando nas representações sociais presentes no texto literário e,

também, nos efeitos de sentido que ela proporciona tanto por parte de quem a produz quanto para quem lê.

Ao pensar nas complexidades das obras literárias digitais, a presença de ambos os autores se justificam. As definições estruturalistas de Roland Barthes sobre conceitos fundamentais da literatura se fazem presentes e são visíveis em obras literárias eletrônicas, posto que junto à presença de recursos multimodais e de toda as questões envolvendo a manipulação de códigos e de tecnologias para o desenvolvimento dessas obras, tem-se um valor estético e literário.

Enquanto isso, os estudos de Roger Chartier sobre a produção e leitura de textos literários em suportes para além do livro, ou seja, da literatura impressa, corroboram para a análise das obras literárias eletrônicas. A noção de representação social cunhada por Chartier é de grande importância para se pensar o papel dos agentes do campo da literatura digital, bem como o impacto de suas obras e pesquisas na construção literária que advém da leitura e circulação dessas obras.

Outro ponto que se relaciona com as representações sociais e é considerado uma das preocupações da presente investigação é o ensino de literatura. Compreender o olhar que os pesquisadores do campo das Letras lança para a literatura digital possibilita analisar as tendências do ensino de literatura e, conseqüentemente, da formação de professores, posto que a leitura e estudo de textos literários digitais pode mostrar quais as movimentações dos campos da Educação e das Letras em relação a essa manifestação.

Então, tal como a entendo, a noção de representação não está longe do real nem do social. Ela ajuda os historiadores a desfazerem-se de sua “muito pobre ideia do real”, como escreveu Foucault, colocando o centro na força das representações, sejam interiorizadas ou objetivadas. As representações possuem uma energia própria, e tentam convencer que o mundo, a sociedade ou o passado é exatamente o que elas dizem que é. (Chartier, 2011, p.23)

A representação consiste em uma maneira de compreender o universo cultural. O jogo que as representações desenvolvem ao serem manifestadas em seus campos fazem com que eles sejam movimentados e os estudos, por fim, aconteçam. Essas representações geram práticas a partir do momento em que são instrumentalizadas.

Ao pensar nas representações dentro do campo das Letras, mais especificamente, da literatura, é interessante considerar como a tradição literária dialoga com o texto literário digital. Os poemas visuais e concretos, como os caligramas, textos poéticos produzidos em disposições gráficas, influenciaram diretamente a produção poética digital.

Enquanto os poemas concretos aproximam a escrita da imagem por meio da possibilidade de constituição de um poema de modo não-linear, a ruptura da forma tradicional é aceita e amplamente utilizada em produções eletrônicas, especialmente devido às alternativas que a manipulação dos código eletrônico possibilitam para o escritor. Arte, texto literário e o concretismo seguem caminhando juntos, agora em outros formatos.

Analisar as representações sociais dos agentes do campo das Letras torna possível compreender não apenas quais estudos têm sido desenvolvidos no âmbito da literatura digital, mas também quais as tendências e os impasses manifestados pelos autores desses documentos tanto na teoria literária quanto em outras implicações da literatura, como o ensino. A escolha do corpus da presente dissertação foi pensada, justamente, a fim observar de maneira crítica as produções acadêmicas dos agentes do campo das Letras, ou seja, pesquisadores ativos cujos trabalhos são responsáveis por movimentações no campo dos estudos literários digitais.

2.3. A literatura segundo Barthes: forma, estilo e escritura

As manifestações literárias digitais possuem como características marcantes particularidades diretamente relacionadas aos novos meios digitais, como a multimodalidade, a interatividade, a transcodificação, entre outros, como já pontuadas anteriormente. A relação intrínseca entre a escrita literária e a apropriação de recursos tecnológicos torna possível um novo mundo de circulação e constituição literária.

Concomitantemente, o que caracteriza as obras literárias eletrônicas como literatura é a presença do texto literário. O que difere uma manifestação poética digital de uma manifestação artística digital, seja tendo como formato um vídeo ou uma instalação em uma exposição é, essencialmente, a escritura.

Isso é importante: a forma literária pode agora provocar os sentimentos existentes que estão ligados ao fundo de qualquer objecto: sentido insólito, familiaridade, repugnância, complacência, uso, crime. Assim, de há cem anos pra cá, toda a escrita é um exercício de domesticação ou de repulsão face a esta Forma-Objecto que o escritor encontra fatalmente no seu caminho, que ele tem que encarar, enfrentar, assumir, e que não pode nunca destruir sem se destruir a si mesmo como escritor. (Barthes, 2004, p.9).

A citação, que compõe a introdução de **O Grau Zero da Escrita**, publicado pela primeira vez em 1953, demonstra a força que o texto literário possui. Por meio da forma característica, carrega consigo os anseios e complexidades expressos em de maneira escrita pelo escritor. As relações entre escrita e autor estabelecidas por Barthes no meio do século passado ainda ressoam nas obras literárias, inclusive, as digitais.

Para Roland Barthes, a língua seria um sistema complexo diretamente relacionado com a História e a natureza humana: uma área de definição e um objeto social. Um horizonte no qual o ser humano encontra familiaridade. Contudo, a língua está aquém da literatura, posto que a manifestação escrita é mais complexa do que o sistema da língua.

O estilo, por sua vez, se encontra além: responsável pelas construções imagéticas da língua, forma sem destino, o estilo é denso e se manifesta como dimensão vertical, sendo “a ‘coisa’ do escritor” (Barthes, p. 11). A escrita, ou escritura, é responsável por uma outra dimensão da linguagem. Segundo o autor,

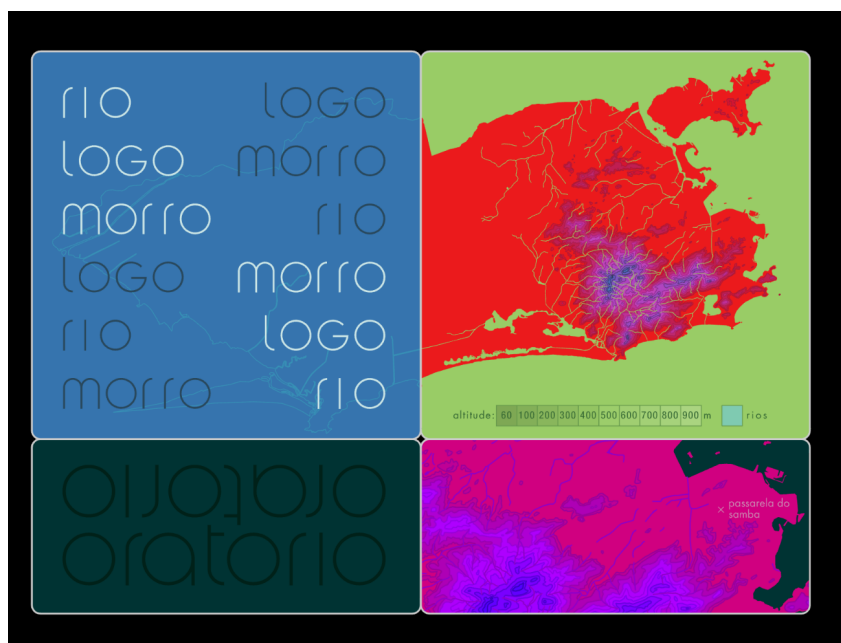
Língua e estilo são forças cegas; a escrita é um ato de solidariedade histórica. Língua e estilo são objetos; a escrita é uma função: é a relação entre a criação e a sociedade, é a linguagem literária transformada em sua destinação social, é a forma captada em sua intenção humana e ligada assim às grandes crises da História (BarthesS, 2004, p. 13).

Assim, a escrita diz respeito à linguagem formal. É a manifestação do pensamento e do sentimento humano em seu estado mais complexo. Manifesta-se entre os conceitos de língua e estilo. Ao relacionar criação e sociedade, real e imaginário, a escrita é a base do texto literário, sendo capaz de subverter a realidade e constituindo-se, por si só, de ambiguidade.

A complexidade da escrita se faz presente em diversos textos literários, inclusive, os digitais. Um exemplo desse fenômeno é a obra “Oratório”, de André Vallias, apresentada no primeiro capítulo. Apesar de ser estruturada de uma

maneira diferente daquela sobre a qual Barthes escreveu – os romances e poemas franceses do início do século XX – o poema hipertextual e hipermidiático brasileiro expressa o valor literário da época em que foi construído, no início do século XXI. Vallias utiliza da tecnologia para construir uma obra que consiste em poemas que expressam sua admiração pela cidade do Rio de Janeiro ao mesmo tempo em que tece críticas sociais para a cidade.

Figura 5: Captura de tela da obra *Oratório*, de André Vallias



Fonte: Vallias (2004)

Ao optar pela utilização de recursos digitais para produzir uma obra poética digital e usar das possibilidades para estruturar e escrever poesia, Vallias une seus conceitos de escritura e estilos próprios com elementos não-verbais, como sons, cores e o mapa topográfico da cidade do Rio de Janeiro. É possível perceber, desse modo, que a literatura digital consiste em textos literários de gêneros distintos que dialogam, diretamente, com a tradição literária. O discurso permanece como centro dessas manifestações.

A página inicial da obra é composta por uma tela que se divide em quatro partes. A primeira, na parte superior esquerda, consiste nas palavras “rio”, “logo” e “morro” e, ao clicar nessa parte, o leitor tem acesso a um poema cujos versos se iniciam sempre com as palavras “rio” e “morro”. O poema é dividido em quatro telas, e é necessário que o leitor clique no lado direito da tela para avançar para a

próxima. Para retornar à página inicial, basta que o leitor clique na parte inferior esquerda, em que consta a palavra “oratório”.

O mapa topográfico disposto na página inicial no canto superior direito também é interativo, de modo que o leitor tem a possibilidade de selecionar a altitude que deseja e, desse modo, alterar as representações do mapa por meio das cores. A concentração de escritos do poema, por sua vez, se dá ao clicar na parte inferior direita do poema.

Ao clicar nessa parte, tem-se a possibilidade da abertura de três links: “favela da rocinha”, “corcovado” e “passarela do samba”. Esses links aparecem em uma ordem que se dá da esquerda para a direita, debaixo para cima. Cada um deles está disponível no mapa de acordo com as suas localizações reais e leva a um poema específico.

Em cada um deles, a tela se divide em duas: a parte esquerda, de cor cinza, consiste nos versos que compõem o poema; e a direita, cujas cores variam de acordo com a localização, possuem uma representação do mapa topográfico das respectivas regiões.

O primeiro trecho, “favela da rocinha”, possui como fundo do mapa a cor vermelho escuro, acompanhada da palavra “escritura”. Os versos são dispostos ao longo de quatro telas, que o leitor muda ao clicar em uma seta, e a quinta tela consta na justaposição não só de todos os versos mas, também, de todos os esquemas topográficos do poema.

O poema carrega consigo um lirismo crítico. Ao mencionar uma “cursiva / alvenaria / [(não-/ euclidiana)] e ser caminho de “flechas / de prata” que, agora, são “aorta única / do labirinto”, constrói-se o pensamento e a ressalva de que tal lugar se tornou um espaço de resistência. A favela não é mais um ambiente de guerra, mas sim lugar de convivência, um universo por si só. A melodia que acompanha é relativamente pesada.

Ao clicar em “corcovado”, dois elementos são destoantes: a cor de então é o verde escuro e o som se caracteriza como um samba bem mais leve do que o primeiro. Além disso, a palavra que acompanha esse trecho do ciberpoema é “locução”. Tal divisão possui mais versos, sendo divididos em sete telas, de modo que a oitava consiste na justaposição, tanto dos versos quanto dos mapas.

Os versos desse trecho retratam a imagem do Cristo Redentor “mãos espalmadas/ mais vazias/ que o des-/ terrado/ olhar de um/ suicida”, além de evocar

imagens referentes ao futebol, como “árbitro”, “partida” e “arquibancada”. Tem-se também uma perspectiva das inúmeras pessoas que transitam por aquela área, que diz respeito a um ponto turístico. Há, então, um registro poético da complexidade da região.

O terceiro e último trecho “passarela do samba”, assume um fundo azul escuro e conta com a palavra “enredo”. A melodia possui um ritmo mais rápido do que a anterior, mas não tão tensa quanto àquela da passarela do samba. Os versos se organizam em cinco telas e sexta diz respeito à justaposição.

Encontram-se, aqui, referências ao Sambódromo da Marquês de Sapucaí, bem como à região da Praça da Apoteose “ante o arco/ bífore/ do arquiteto”. O antes e o depois do Carnaval – apesar de, em momento algum, utilizar essa palavra – parecem ser os elementos principais desse trecho do poema: “a triste alegoria/ sobre rodas/ o adereço/ jogado fora/ no largo/ inapto da/ apoteose”. O poema se constrói ao evocar imagens de pessoas e lugares que constituem a cidade do Rio de Janeiro.

Ao estruturar o poema em sessões, o autor escreve uma ode à cidade carioca, sem desconsiderar a ideia de tecer críticas à sua construção e desenvolvimento. A utilização de recursos não literários como o som, as cores e os mapas topográficos potencializam o intuito de Vallias de desenvolver um poema imersivo ao se pensar nos aspectos que uma cidade carrega, sejam eles positivos ou negativos.

Enquanto o conceito de forma para Roland Barthes se relaciona com o valor literário e com a subversão das normas literárias, sendo um ponto que fascina na obra literária e pode causar desorientação, o poema “Oratório” demonstra as construções imagéticas do autor nas escolhas lexicais para a construção escrita do poema – tanto no versos quanto nos títulos das seções e das palavras que acompanham os mapas topográficos: “escritura”, “locução” e “enredo”.

A escritura de Vallias se junta, assim, à disposição de recursos multimodais, como o som, as cores e a própria navegação, tornando o poema uma construção poética eletrônica e potencializando, desse modo, seu estilo.

É importante considerar que, para o desenvolvimento da dissertação foi possível realizar a leitura da obra, no ano de 2023, com a utilização do emulador

Ruffle, que realiza, basicamente, a mesma função do Flash.¹⁵ É possível pensar na questão dos protocolos de leitura literária digital discutidos por autores como Roger Chartier. Contudo, ainda assim, o texto literário é o mesmo. Ainda que a experiência de leitura, bem como seus caminhos e interações, possam se dar de maneiras diferentes, a escritura permanece presente.

As manifestações literárias digitais dialogam com a tradição poética mas também, por outro lado, desenvolvem uma cultura própria desse campo, ao se pensar no período em que foram desenvolvidas – como a estética Flash no Brasil, por exemplo. É imprescindível compreender os elementos extratextuais que fazem parte dessas obras literárias, mas a junção dessas ferramentas com a liberdade poética que esse suporte proporciona pode permitir olhar para a literatura eletrônica como um novo campo literário por si só.

A escritura diz respeito à moral da forma, de modo que o autor passa a ter controle sobre a leitura da linguagem para que seja possível uma subversão. Contudo, quem escreve não possui a possibilidade de escolha de sua escrita em uma condição de “arsenal intemporal das formas literárias” (Barthes, 1971, p.25), sendo influenciado, diretamente, pelo período em que está inserido historicamente.

No caso da obra **Oratório**, é perceptível como o autor utiliza de recursos tecnológicos e da manipulação dos códigos para construir uma obra poética digital. Escrita literária e multimodalidade se entrelaçam, dando origem a um tipo de experimentação distinta daquelas desenvolvidas de maneira impressa. A influência do período histórico se dá tanto na escritura, perceptível nas escolhas lexicais e poéticas observadas ao longo do poema, mas também nos recursos utilizados para desenvolver essa manifestação literária, como os mapas topográficos, o uso das cores e a trilha sonora. Observa-se, na obra, uma composição estética característica da literatura eletrônica.

Tais ideias sobre escrita e literatura seguem, assim, pertinentes ao observar o processo de escrita das obras literárias digitais, posto que essa manifestação literária é fruto de seu contexto histórico – a possibilidade de escrita literária por meio da subversão dos códigos, devido ao desenvolvimento tecnológico.

¹⁵ Para o desenvolvimento do Relatório de Qualificação, em dezembro de 2022, não foi possível ler a obra em seu formato original, posto que o Flash apontava um erro. Contudo, para a redação final, em abril de 2023, a leitura do poema em seu formato original foi possível.

Ao considerar que “a escritura portanto é, essencialmente, a moral da forma, a escolha da área social no seio da qual o escritor decide situar a Natureza de sua linguagem” (Barthes, 1971, p.24), a literatura digital ocupa um lugar distinto da impressa e, ao mesmo tempo, novo. É a eminência e a apropriação da forma por meio da escritura. É possível utilizar, no âmbito da produção e leitura literária digitais, da moral da linguagem e de artifícios eletrônicos, para retratar questões que envolvem a realidade, a cultura e a sociedade.

Enquanto é possível considerar a língua como um código a ser subvertido e encontrar, na escritura, um lugar de subversão desse código, a literatura eletrônica carrega ainda, outros códigos – no caso, os tecnológicos – para além da língua. A subversão em sua totalidade, no ambiente digital, se dá a partir do momento em que o escritor de literatura digital se apropria e ressignifica os códigos não-literários, ou seja, os softwares e os mecanismos eletrônicos e, a partir deles, desenvolve uma obra literária – seja ela um microconto, uma experimentação poética ou uma novela construída em hiperlink. O fenômeno literário digital se encontra na ocupação e na apropriação de ambientes que, originalmente, não foram pensados para que a literatura seja produzida e lida.

Pontua-se que, na presente dissertação, utilizam-se termos como escritura, texto e essência para fazer referência à parte da escrita literária presente em obras literárias digitais. A análise de tais obras, por sua vez, não pode ser restrita às materialidades físicas da literatura, como os livros. As especificidades e as peculiaridades provenientes das tecnologias digitais são substanciais para se pensar literatura eletrônica, e, mais ainda, observa-se como a parte escrita dessas obras se relaciona com os aspectos multimodais. O entrelace entre a escritura e a tecnologia possibilita manifestações literárias digitais.

A escritura manifestada em ambiente eletrônico é bastante complexa, não somente devido aos recursos tecnológicos dispostos no processo de leitura e escrita, mas, também, no espelhamento existente entre linguagem e cultura ao pensar o momento de produção do texto literário digital.

Tem-se uma experimentação literária desenvolvida a partir de suportes eletrônicos e influenciada pela cultura digital como um todo, amparada por características específicas do suporte eletrônico, como o clique, os procedimentos de leitura em tela, a possibilidade de interatividade com as obras e, ainda, as multimodalidades, como a presença de cores e sons. A cultura digital impacta a

escrita e a leitura de literatura eletrônica que, por sua vez, encontra nesse suporte o espaço para se manifestar, circular e ser lida.

A presente investigação lança mão das contribuições de Roland Barthes a fim de observar os aspectos literários das obras digitais. Tais aspectos são retomados à medida que se busca lançar um olhar crítico para as obras produzidas em um contexto bastante distinto daquele sobre o qual o autor escreveu: o eletrônico. Ao considerar as complexidades da língua, da escrita e da literatura perante a sociedade, o autor reitera a força do escritor e das manifestações literárias, colocando em destaque, estruturalmente, o texto literário. É possível refletir, então, sobre as questões estéticas da língua, como a escritura – ou escrita literária –, a linguagem literária, a escrita poética, entre outras.

Barthes disserta sobre a questão da linguagem literária em **A Divisão das Linguagens** (2012), publicado pela primeira vez em 1988 no livro “O rumor da língua”. Estabelece-se um pensamento que relaciona peculiaridades da linguagem, do indivíduo e da sociedade, bem como o papel do texto literário em relação a essas questões.

O autor relaciona questões de ordem organizacionais da linguagem à gramática da linguagem e da escrita. Barthes acreditava que a escrita – ou escritura – era dotada de possibilidades: sua manipulação, por meio do texto literário, tornaria possível a subversão de ideais ortodoxos e tidos como verdade.

Como o autor compreende a linguagem, entende e organiza suas ideias por meio da escrita torna possível a produção literária. De acordo com Barthes, “a literatura contém todos os saberes; é verdade que num estado não científico: é uma **Máthesis**” (2012, p. 118). Reitera-se o poder das forças literárias na semiologia. A literatura proporciona a todos os saberes um lugar indireto, em que se tornam livres para circularem e manifestarem.

Barthes, por vezes, recorre ao romance para exemplificar suas ideias. O autor defende que o gênero, especialmente depois de ter se tornado realista, consegue imitar as linguagens de um grupo, exemplificando as peculiaridades dos indivíduos por meio dos personagens principais e secundários.

Contudo, a ideia de emular e questionar as convenções sociais e suas linguagens encontra-se presente não somente nesse gênero literário, mas manifesta-se em diversos contextos. A própria manifestação literária digital já indica, por si só, um exercício de subversão de conceitos já estabelecidos socialmente, ao

manipular códigos a fim de produzir textos literários. Por meio de experimentações poéticas, construções narrativas hipertextuais e, então, apropriação de suportes já consolidados para a produção, a leitura e a circulação de textos literários, a literatura digital carrega consigo a força da linguagem literária.

Barthes apresenta o conceito de idioleto. O idioleto se relaciona diretamente com a linguagem que o indivíduo carrega. É possível estabelecer uma relação com Chartier (2011) ao pensar que o idioleto se desenvolve por meio da representação e apropriação do sujeito em relação à sociedade em que se faz presente. O idioleto, pessoal, torna-se parte do indivíduo, por meio da consolidação de suas representações.

Em oposição ao idioleto, tem-se o socioleto, linguagem recortada na massa idiomática que acompanha a divisão e a oposição de classes. O socioleto seria, em si, uma verdadeira língua, composta de marcas características da sociedade como um todo. É pelo socioleto que as marcações linguísticas próprias de um conjunto de indivíduos se manifestam.

A linguagem seria composta de dois tipos de discurso. O primeiro, encrático, é essencialmente ortodoxo e se relaciona sempre com o poder: dentro dele, à sombra dele, almejando-o. É um discurso conforme a doxa, ou seja, a “verdade óbvia”, sendo submissa a ela e a seus códigos. Por se relacionar diretamente com o poder, está por toda a parte, impregna as trocas, ritos sociais e outros aspectos da sociedade.

O discurso encrático se caracteriza por uma linguagem não marcada, intimidação amaciada. É dificilmente palpável porque encontra-se diluído na doxa, no sistema, e no mundo, sendo uma espécie de manutenção social.

O segundo tipo de discurso, acrático, por sua vez, é caracterizado como heterodoxo e “fora do poder”, ou sem poder. Tal discurso sempre se opõe à doxa, sendo considerado um discurso paradoxal, sendo indubitavelmente mais fáceis e interessantes de estudar, pois “são todas as linguagens que se elaboram fora da doxa e são por isso mesmo recusadas por ela” (Barthes, 2012, p. 129). É, em linhas gerais, o discurso daqueles que não estão no poder e realizam embates contra ele. Analisar esse discurso seria analisar a si mesmo enquanto fala.

O discurso acrático não cria o senso comum, mas também não necessariamente é desenvolvido a fim de contestar o poder. É possível encontrá-lo, por sua vez, no discurso das revoluções, no âmbito do processo de romper com o

sistema vigente. Contudo, quando ocorre a tomada do poder pelos revolucionários, o discurso dos próprios torna-se encrático, ou seja, parte da ordem.

A linguagem encrática pode parecer, aparentemente, natural, justamente por se relacionar com a manutenção do poder. É, por vezes, relacionada à conversação e à opinião popular; a linguagem acrática, por sua vez, manifesta-se em meios como o literário, por meio da escrita.

A linguagem social, segundo Barthes, correlaciona todos os discursos: o próprio, o do outro, do que é geral e do que não é. Outro conceito crucial na ideia de linguagem de Roland Barthes é o de doxa. A doxa se refere à velha noção aristotélica de opinião coerente, geral e “provável”, mas não considerada absoluta.

[...] é a mediação cultural (ou discursiva) através da qual o poder (ou não-poder) fala: o discurso encrático é um discurso conforme à *dóxa*, submisso aos seus códigos, que são, eles próprios, as linhas estruturantes da sua ideologia; e o discurso acrático enuncia-se sempre, em graus diversos, contra a *dóxa* (qualquer que seja, será um discurso para-*doxa*) (Barthes, 2012, p. 127-128).

Assim, a doxa abrange o senso comum, tendo o discurso encrático como aquele que mantém a ordem, a vida cotidiana, em que a sociedade se encontra. O que permanece entre o poder de fato e a linguagem é a doxa.

O texto literário tem o poder de subverter o discurso da ordem e do poder. Ao se “disfarçar” de encrática, a literatura, que possui lógica acrática, consegue esquivar-se da lógica doxal, enquanto afirma – ou provoca – ambos os discursos. De maneira artística e por meio da manipulação da linguagem e escolha de termos no processo de escrita, a literatura possibilita questionar não só a própria linguagem, como ir além e, por vezes, criticar o poder vigente.

A doxa se faz presente na literatura, mas de modo que o autor torna possível provocá-la e desconcentrar suas ideias, por meio de reflexões. Por meio de inserções de um discurso naturalmente acrático, ou seja, contra a manutenção do poder, a literatura questiona e desestabiliza, ao utilizar recursos de linguagem, como jargões, a ordem do poder.

Todo esse processo de subversão da ordem doxal acontece por meio da linguagem e da construção literária. Todas as movimentações existentes entre o discurso encrático e o acrático se operam via apropriação e representação, por parte dos autores.

Em seu texto **Aula** (2004), transcrição da aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França, em janeiro de 1977, o autor considera que a literatura se relaciona diretamente com o mundo real, assumindo muitos saberes, como o geográfico, o histórico, o social e o antropológico.

É nesse sentido que se pode dizer que a literatura, quaisquer que sejam as escolas em nome das quais ela se declara, é absolutamente, categoricamente realista: ela é a realidade, isto é, o próprio fulgor do real. Entretanto, e nisso verdadeiramente enciclopédica, a literatura faz girar os saberes, não fixa, não fetichiza nenhum deles; ela lhes dá um lugar indireto, e esse indireto é precioso (p. 16-17).

O autor afirma, ao longo do texto, que a literatura é a prática de escrever. Como ponto principal na literatura, tem-se o texto, o próprio aflorar da língua. Por meio da escritura, estabelecem-se os saberes possíveis, irrealizados ou insuspeitos, e a relação entre literatura e ciência: o texto literário está sempre atrasado ou adiantado em relação a esta (p. 17).

Barthes aponta três forças presentes na literatura: a **mathesis**, a **mimesis** e a **semiosis**. As três, em conjunto, subsidiam a complexidade do texto. No que tange a **mimesis**, ou seja, a força de representação:

Desde os tempos antigos até as tentativas da vanguarda, a literatura se afaina na representação de alguma coisa. O quê? Direi brutalmente: o real. O real não é representável, e é porque os homens querem constantemente representá-lo por palavras que há uma história da literatura (2004, p. 21).

O texto ficcional possui papel de ilustração do real, sendo traduzido como a busca do homem pela representação da realidade. Isso resulta diretamente em uma tentativa de utopia por meio da literatura, a fim da busca pelo representar. A obra literária tem a possibilidade de também perturbar e provocar.

Toda a ideia de escrita e de texto literário defendidas pelo autor, bem como a grande influência da literatura na formação da sociedade, seguem presentes no contexto literário digital. Ao se apropriarem de suportes cujos fundamentos de criação iniciais não eram literários, mas sim pensados como meios de informação e comunicação, os escritores passaram a produzir e ler literatura, dispondo de mais um espaço de possibilidade de manifestação de escrita literária.

O poder de representação do real existente no texto literário é responsável

pela possibilidade de variadas discussões, inclusive na instituição escolar, onde seu efeito pode transcender normas pré estabelecidas e contextualizar de uma outra maneira os paradigmas impostos pela realidade dos alunos. Barthes caracteriza a literatura como uma questão significativa no desenvolvimento da cultura, devido à importância atribuída a ela no âmbito pessoal e social. O autor ainda pontua:

Entendo por literatura não um corpo ou uma sequência de obras, nem mesmo um setor de comércio ou de ensino, mas o grafo complexo das pegadas de uma prática: a prática de escrever. Nela visto portanto, essencialmente, o texto, isto é, o tecido dos significantes que constitui a obra, porque o texto é o próprio aflorar da língua, e porque é no interior da língua que a língua deve ser combatida, desviada: não pela mensagem de que ela é o instrumento, mas pelo jogo das palavras de que ela é o teatro. Posso portanto dizer, indiferentemente: literatura, escritura ou texto (Barthes, 2004, p. 16).

A literatura continua se fazendo presente como “arte da palavra”, ou seja, a escritura. É importante compreender, ao analisar as investigações brasileiras sobre literatura digital, as relações existentes entre as complexidades da produção e leitura do texto em seus suportes.

O aflorar da língua, ou seja, a escritura, se faz presente não mais apenas no papel, mas também em outros meios, como *softwares* especializados, construções hipertextuais e trabalhos desenvolvidos em redes sociais. Mais do que uma manifestação da linguagem, o texto literário se perpetua para além do impresso. Assim, as questões sobre as quais Roland Barthes escreveu na segunda metade do século XX envolvendo a escrita ainda estão presentes em obras literárias desenvolvidas, digitalmente, até os dias atuais.

Na presente investigação, o olhar é lançado para um levantamento do estado da arte sobre a literatura digital no contexto brasileiro. Busca-se compreender como os discursos se manifestam nesses documentos e qual seria o tom das discussões, investigando se as investigações corroboram para o discurso encrático vigente do conceito de literatura, que possui suas raízes no meio impresso, ou se atualizam tais conceitos, considerando o texto literário em um contexto, de fato, digital.

Para isso, observar e analisar as obras literárias digitais revisadas, discutidas e produzidas pelos autores dos documentos torna possível a compreensão das tendências literárias desse novo formato, refletindo quais as inquietações, os padrões, as linguagens engendradas nessas produções.

Barthes valoriza e disserta sobre outro ponto primordial ao se pensar literatura: a escrita, ou a escritura. É por meio dela que a manutenção ou subversão da divisão das linguagens ocorre. O momento da escritura é aquele em que, de fato, as coisas acontecem: a catarse da linguagem. A literatura consegue transitar por meio dos discursos a fim de submeter a doxa, manifestando-se e rompendo com o que considera-se tradicional.

Tal processo de subversão da doxa por meio da linguagem literária pode ser exemplificado, inclusive, pela obra **Oratório**, de André Vallias, apresentada no Capítulo 1 e analisada no presente capítulo. O autor utiliza de softwares como o **AutoCad**, de recursos sonoros, interativos e visuais e, mais importante, da escrita poética para construir uma experiência literária que faz uma ode à cidade do Rio de Janeiro, mas que também desenvolve uma crítica às questões cariocas referentes à violência e às construções sociais.

A escritura se faz presente de maneira impressa até os dias atuais, de modo que os livros são, ainda, amplamente escritos e comercializados. Tal objeto de manifestação artística possui suas características específicas e, também, motivo de análise por parte da crítica literária. No âmbito digital, por sua vez, tem-se uma cultura crescente de produção, leitura e circulação de obras literárias digitais, bem como um advento de pesquisas sobre o tema, especialmente, no campo literário. Desse modo, as contribuições teóricas de Roland Barthes se fazem presentes ao considerar que, junto às questões específicas do suporte em que é escrito e reproduzido, o texto literário se manifesta como produto da experimentação linguística nesse contexto, resultando em uma obra literária digital.

Ao observar os documentos encontrados no processo do levantamento do estado da arte sobre a literatura digital no país, encontram-se estudos sobre obras literárias eletrônicas. Seja em relação ao processo de experimentação poética, à circulação dessas obras ou, até mesmo, à discussão realizada sobre a conservação da literatura digital. É importante estabelecer uma sustentação teórica fundamentada acerca do que é a literatura, especialmente, para estreitar o olhar para questões literárias advindas desse suporte eletrônico.

Capítulo 3 - Análise do conteúdo: artigos científicos

Concentra-se, aqui, a atenção no processo de análise do *corpus* levantado. Como explicitado no primeiro capítulo, a pesquisa se ampara na metodologia de estado da arte (Ferreira, 2002; 2021). Ao realizar um levantamento sobre o estado da arte de um determinado tema – no caso, a literatura digital –, é possível não somente observar, quantitativamente, dados referentes a ele, como o número de publicações sobre o assunto, mas, também, analisar de modo qualitativo o que tem sido discutido sobre as representações sociais dos autores.

No primeiro Capítulo, preocupou-se com o estabelecimento de um panorama histórico sobre o conceito de literatura digital, a fim de situar essa manifestação literária e suas complexidades. Além disso, considerou-se importante destacar as particularidades do contexto latino-americano, tanto pelo que se refere à produção de literatura digital como sobre os estudos nela focados.

Observa-se, neste momento, os artigos científicos levantados ao longo da investigação. A decisão de considerar o SciELO e o Observatório da Literatura Digital Brasileira como fontes de pesquisa se mostrou pertinente para a investigação, posto que a primeira constitui em um portal sobre artigos científicos amplamente acessado no contexto brasileiro, contendo trabalhos das mais diversas áreas do conhecimento. A segunda, por sua vez, hospeda trabalhos realizados por pesquisadores engajados com o processo de leitura, produção, arquivamento e estudo sobre textos literários digitais no país. Ao levantar os trabalhos hospedados nas duas bases de dados, é possível, para a investigação, analisar as discussões realizadas no campo das letras sobre literatura digital.

Por meio da utilização de descritores específicos, como “literatura digital”, “leitura digital”, “literatura e tecnologia”, “literatura eletrônica”, “literatura digital e ensino” e “leitura digital e ensino”, bem como dos filtros próprios do SciELO e da leitura dos títulos de cada um dos trabalhos resultados das buscas, ao todo foram selecionados 15 artigos.

Quadro 2 - Levantamento bibliográfico sobre artigos científicos nas bases de dados selecionadas.

Título	Autoria	Ano
A circulação da literatura no mundo on-line: os casos de Clarice	Manaíra Aires	2020

Lispector e de Caio Fernando Abreu	Athayde; Rejane Cristina Rocha	
Por uma poética cartesiana: gráficos 3D nas criações digitais de André Vallias	Vinícius Carvalho Pereira	2020
Textos que dão voltas por aí: Borges, Katchadjian, obra e autoria na literatura contemporânea	Rejane Cristina Rocha	2018
Inventário poético: anotações sobre os resíduos do humano na literatura	Ermelinda Maria Araújo Ferreira; Joanita Baú de Oliveira	2017
Como ler os textos literários na era da cultura digital?	Edgar Roberto Kirchof	2016
Histórias por um fio: narração mediada em tempo real	Daniela Côrtes Maduro	2016
Questões provisórias sobre literatura e tecnologia: um diálogo com Roger Chartier	Ana Elisa Ribeiro	2016
"Monstro esperançoso": a respeito de Oratório, de André Vallias	Rejane C. Rocha	2016
Literatura: contexto digital, hipercolonialismo e materialidades	Alamir Aquino Corrêa	2016
Literatura infantil na sociedade multimidiática	Glaucia Guimarães; Maria Cristina Cardoso Ribas	2016
Sobre vivências poéticas no campo da mídia digital	Sayonara Amaral de Oliveira	2016
CORRELAÇÃO ENTRE COMPREENSÃO LEITORA E PRODUÇÃO TEXTUAL EM MEIOS DIGITAIS	Vlândia Maria Cabral Borges; Keyla Maria Frota Lemos; Sâmela Rocha Barros Pereira	2021
DA FICÇÃO INTERATIVA À HIPERFICÇÃO: UM COMENTÁRIO SOBRE A GÊNESE DA LITERATURA ELETRÔNICA ESTADUNIDENSE	Cláudio Augusto Carvalho Moura	2021
A compreensão e a legitimação da literatura digital brasileira: o caso da revista Texto Digital	Rejane C. Rocha; Nair Renata Amâncio	2019
Electronic Literature Organization: reflexões sobre a construção da memória da literatura digital	Natália Cristina Estevão	2020

Fontes: SciELO e Observatório da Literatura Digital Brasileira.

Para a estruturação da análise do conteúdo levantado, optou-se por designar categorias, a fim de desenvolver uma investigação que contemplasse os pontos

principais e em comum entre os documentos. As categorias selecionadas foram: “as manifestações literárias”, em que o enfoque se dá nas obras literárias digitais mencionadas pelos autores; “a tecnologia e a literatura digital”, em que busca-se compreender quais as representações sociais dos autores acerca das tecnologias abordadas em seus estudos; e, por fim, “a circulação teórico-metodológica”, para situar qual o percurso teórico dos pesquisadores, além de quais teorias e conceitos existem em comum entre esses artigos.

Ao considerar que o *corpus* da investigação consiste em quinze artigos científicos, escritos por pesquisadores com enfoques distintos e em anos diferentes, é natural que cada um seja analisado e comentado de maneira mais específica na sessão mais relevante no que diz respeito à sua temática principal.

Desse modo, pelo desenvolvimento e processo de análise do estado da arte sobre literatura digital, é possível compreender quais as tendências das investigações sobre o assunto no contexto brasileiro, suas influências e perspectivas, bem como possíveis impasses.

3.1. As manifestações literárias

Um aspecto importante a ser considerado quanto ao *corpus* levantado na investigação é a presença das obras literárias digitais. É possível observar, por meio do levantamento e análise das ocorrências literárias nos artigos científicos, quais obras têm sido mencionadas e discutidas no âmbito da pesquisa nacional.

Observam-se questões importantes, a saber: quais os gêneros literários das obras, a abordagem selecionada pelos autores ao mencioná-las e, também, como os processos de criação, de circulação e de leitura dessas obras são explorados pelos agentes do campo das Letras.

A obra “Frequently Asked Questions About ‘Hypertext’”¹⁶, escrita por Richard Holeyton e publicada pela primeira vez por Katherine Hayles em 2006, é analisada por Ferreira e Oliveira (2017). A obra hipertextual se configura como uma releitura irônica de “Pale Fire” (1962) de Vladimir Nabokov. Enquanto o livro da década de sessenta é caracterizado como um texto parodístico, a obra hipertextual dos anos dois mil escrita por Holeyton compartilha dessa mesma característica.

¹⁶ Disponível para leitura em https://collection.eliterature.org/1/works/holeyton_frequently_asked_questions_about_hypertext.html. Acesso em 07 mai. 2023.

Ao utilizar o formato de F.A.Q.¹⁷, Hóleton estrutura um poema experimental e um enredo que conta com personagens fictícios que se relacionam com ideias de críticos literários da vida real. O leitor conta com a possibilidade de navegar pela história desenvolvida por Hóleton por meio de links que correspondem a perguntas como “O que é o hipertexto?”, “Quem é você?” e “Você poderia resumir a Leitura Tecnossexual?”. Por meio desse formato, o autor estrutura um enredo que perpassa por experimentações literárias, construções narrativas e personagens fictícios que se relacionam com a crítica literária e os Estudos Culturais.

Toda a construção da obra de Hóleton se dá a partir do poema “Hypertext”, escrito pelo poeta fictício Alan Richardson. Quanto à escolha das perguntas frequentes como caminho para a construção da experimentação poética, tem-se que

llegível em si mesmo – ou imerso em seu complexo hermetismo experimental – o poema necessita, portanto, de “explicadores”: paratextos os mais variados, que são embutidos nas Perguntas Frequentes. Assim o que “lemos”, desde a apresentação, são as informações: 1. O texto em si nada significa, o texto não importa; 2. Os paratextos – usos críticos e criativos – é que interessam, enquanto releituras e desleitura do poema; 3. O valor do poema advém de sua popularidade, fruto da propaganda que dele se faz; 4. O poema não precisa ser obra de um poeta. Qualquer um pode escrever um poema de sucesso, até alguém não afeito às palavras e aos afetos, como um tecnocrata falido do mercado de capitais. (FerreiraA, Oliveira, 2017, p.64)

Ao clicar nos links correspondentes às perguntas frequentes, o leitor tem a possibilidade de imersão em uma história que conta com personagens complexos e um desenvolvimento não somente fictício, como também de ideias que se relacionam com a crítica literária do mundo real. Observa-se, inclusive, o resgate à tradição e à crítica literária, de modo que até Blanchot é citado pelos personagens em determinado momento.

A obra constrói uma relação entre o que se debate na literatura impressa e as obras digitais, ao pensar no hipertexto e no próprio poema sobre o qual a obra gira em torno. É um exemplo claro de literatura eletrônica: inspira-se em um livro da literatura impressa e lança mão do suporte tecnológico – nesse caso, a construção de uma história por hiperlink – para construir uma obra literária digital.

¹⁷ “Frequently asked questions”, ou “Perguntas Frequentes”, seção comum em *websites* dos mais variados assuntos que reúne perguntas frequentemente feitas pelos usuários e suas respostas.

Kirchof (2016) desenvolve um artigo importante para se conhecer e se pensar a leitura de literatura digital. O artigo conta com uma explicação sobre a cultura digital e as manifestações literárias nesse ambiente. Ao longo do texto, menciona obras como “Bomba”, de Augusto de Campos, cuja primeira versão foi desenvolvida como um poema físico e, depois, passou por uma adaptação em *Flash* no ano de 1997. “Volta ao fim”, de Alckmar Luiz dos Santos e Wilton Azevedo (2011), também é mencionada como um exemplo de obra literária digital.

O autor também disserta sobre livros digitais, ao trazer uma captura de tela do App livro “O Pequeno Príncipe”, de Antoine Saint-Exupéry, com texto traduzido para o português por Ferreira Gullar. A partir da citação das obras, Kirchof desenvolve um raciocínio que ressalta a importância da leitura literária (crítica) digital, bem como as relações transmídia existentes na consolidação das obras literárias eletrônicas.

O artigo aponta uma tendência no campo da literatura digital brasileira: a utilização, por parte dos autores de poesia digital, de ferramentas como o *Flash* para produzir suas obras literárias. Tem-se a cultura de se apropriar de recursos eletrônicos para o desenvolvimento de manifestações poéticas.

As histórias que utilizam do computador como meio de criação ou difusão são tema do artigo de Maduro (2016), que aborda, junto a esse tema, questões envolvendo a narração, a narrativa, a comunicação e a relevância do meio para se contar uma história. Ainda, o tempo real de comunicação é pontuado pela autora, que explora a estética das propriedades ou, ainda, as limitações do meio – ou seja, o computador. O termo “por um fio” apresenta-se de maneira dupla, posto que se refere tanto à linha de raciocínio existente ao relatar algo quanto à presença dos cabos que conectam o dispositivo.

Ao estabelecer um panorama sobre a contação de histórias no ambiente tecnológico, obras literárias eletrônicas são mencionadas, como **Screen**¹⁸, feita pelos autores Noah Wardrip-Fruin, Josh Carroll, Robert Coover, Shawn Greenlee, Andrew McClain e Benjamin Shine. A obra foi apresentada em 2003 e hospedada no ambiente CAVE (**Cave Automatic Virtual Environment**), podendo sofrer interferências por meio dos movimentos do leitor.

¹⁸ Disponível em < https://collection.eliterature.org/2/works/wardrip-fruin_screen.html>. Acesso em 13 mai. 2023

Screen seria um texto em perigo, construído para enfrentar a certeza do próprio desaparecimento. A influência do leitor surge como uma fonte de ruído que interrompe a transmissão da obra. Esta, por seu turno, resiste à influência do leitor iniciando sua derrocada. Essa resistência pode também ser considerada como uma forma de ruído que dificulta a transmissão e recepção de uma mensagem. Todavia, a resistência é uma estratégia figurativa assumida pelo próprio texto. O ruído assume, assim, uma função expressiva e cessa de ser um mero obstáculo à comunicação (Maduro, 2016, p.144).

A leitura da obra acontece por meio da imersão, de modo que a presença do leitor no dispositivo de realidade automática virtual aproxima, fisicamente, o leitor da narração que se desenvolve ao longo da obra. Ao entrar em contato físico com a obra, o leitor interage com as palavras escritas dentro do ambiente virtual e dispõe da possibilidade de “misturar” as palavras, alterando a sequência poética previamente estabelecida pelos autores.

O conceito de interatividade se mostra de maneira explícita no artigo, especialmente ao refletir sobre os processos de produção e de leitura da obra **Screen**. Tem-se um exemplo de como um ambiente de realidade virtual possibilita uma manifestação poética desenvolvida por autores. Embora seja possível considerar o computador como o suporte mais conhecido e utilizado para manifestação literária digital, também é viável se apropriar de dispositivos de realidade virtual para produzir obras literárias. Evidentemente, assistir a um vídeo sobre a obra não possibilita a mesma experiência literária, de modo que os níveis de imersão e interatividade são diferentes daqueles que participaram da leitura no ambiente virtual.

Voiced/Unvoiced¹⁹ (2012) é mais uma obra citada pela autora. Apresentada por Catherine Siller durante o E-Poetry Festival 2013 em Kingston, Londres, a performance de doze minutos investiga a formação e a função do corpo, especialmente o feminino, no espaço digital, bem como os processos de fala e silenciamento sofridos por ele. O plano de fundo consiste em uma página projetada e, frente a ela, tem-se a presença de uma artista, cujos movimentos simulam um ato de leitura.

Skin Project²⁰ (2003), idealizado por Shelley Jackson, autora de **Patchwork girl** (1995), também é mencionada por Maduro ao dissertar sobre narrações digitais. A obra consiste em um vídeo que conta uma história por meio da leitura de palavras

¹⁹ Disponível em < <http://catherinesiller.com/performances/voiced-unvoiced> >. Acesso em 13 mai. 2023.

²⁰ Disponível em < <https://ineradicablestain.com/skin-video.html> >. Acesso em 13 mai. 2023.

Tem-se uma obra literária digital diretamente inspirada em uma manifestação literária física. É interessante observar como um conto presente em um livro escrito por uma autora brasileira no ano de 1960 influenciou a produção de uma obra literária digital portuguesa em 2005. Esse movimento demonstra uma tendência da literatura eletrônica: manter um constante diálogo com a literatura impressa, utilizando de recursos tecnológicos para produzir obras literárias inspiradas em livros. Desse modo, tradição e intertextualidade se relacionam, manifestando-se por meio da apropriação de mecanismos eletrônicos.

O projeto **Xistórias** (2013-) consiste em uma performance digital formada por histórias contadas por personagens de determinadas regiões de Portugal a partir de 13 de novembro de 2013. Esses personagens vinham, especificamente, de vilas e lugares remotos do país, com ruas de xisto – que nomeia o projeto. No fim, as narrações desenvolvidas durante o projeto formavam “um conjunto de mensagens ameaçadas por um fio imperceptível que deixaria, à sua semelhança, a performance em suspenso” (Maduro, 2016, p.150).

Por fim, a última obra mencionada pela autora é a "ciber ópera hipermediática e quântica" **AlletSator**²² (2007), uma obra desenvolvida em formato hipermediático que insere o leitor em mundos intergalácticos em uma narração desenvolvida por meio da interatividade e da tridimensionalidade. Teve sua primeira exibição no evento Porto 2001, seu texto impresso em 2003 e passou uma recriação e publicação em CD ROM em 2007. Os enigmas e estruturas da obra fazem alusão à ficção científica e à filosofia, e até mesmo as construções dos nomes das naves, dos planetas e das sessões da obra carregam ambiguidade, podendo ser lidas de trás para frente.

É interessante considerar as referências literárias mencionadas pela autora ao longo da defesa da narração no contexto digital. Enquanto **Screen** (2003), **Skin** (2003) e **Voice/Unvoiced** (2012) têm suas origens na literatura digital de língua inglesa, **Amor de Clarice** (2005) e **Xistórias** (2013-) são produções em língua portuguesa, mais especificamente, de Portugal, país que tem se consolidado como um centro de estudos sobre literatura digital. Tais manifestações demonstram um

22

Disponível

em

<

<https://po-ex.net/taxonomia/materialidades/digitais/pedro-barbosa-luis-carlos-petry-alletsator-opera-quantica/>>. Acesso em 13 mai. 2023.

fluxo de tendências na literatura, de modo que obras eletrônicas e tradição literária impressa seguem se relacionando.

Todos os exemplos, contudo, carregam uma característica em comum: o foco no conceito de narração, ou seja, o ato de contar uma história, e não na narrativa, característica de um determinado gênero literário. Essas diversas manifestações literárias digitais ilustram a ideia de histórias “por um fio”, contadas de formas distintas e com a utilização de recursos diferentes. O que aproxima essas obras é, essencialmente, a presença de um valor literário e estético que carrega consigo uma história a fim de ser compartilhada e lida, independente do suporte escolhido.

Moura (2021) traça um panorama histórico ao estudar a origem da literatura eletrônica estadunidense, considerando o jogo textual baseado no gênero fantasia e a relação direta com o RPG²³ como base para seu desenvolvimento. Seu foco se dá nos debates teóricos sobre a ficção interativa estadunidense, bem como o desenvolvimento do gênero nas décadas de 1970 e 1980.

O autor ressalta o interesse de Michael Joyce pelo desenvolvimento de softwares que não gerassem as próprias histórias por meio de inteligência artificial, mas sim que permitissem a ele desenvolver uma ideia de obra literária que tinha. Com o auxílio de Jay Bolter, o **Storyspace** foi criado, dispositivo que passou a possibilitar a leitura e escrita de histórias. Moura disserta sobre a construção e os mecanismos do Storyspace, bem como a aquisição dele pela Eastgate.

Ao longo do artigo, o autor menciona diversos jogos textuais que influenciaram o desenvolvimento do campo literário digital estadunidense, bem como obras literárias eletrônicas desenvolvidas na década de 1990. Outro ponto interessante é considerar que, segundo o autor, a produção literária eletrônica que mais recebeu atenção dos críticos literários e dos acadêmicos foram, justamente, aqueles cuja autoria e leitura se davam por pessoas dentro do âmbito da academia. O que se tem é, então, uma consolidação restrita dos autores e das obras dentro da esfera universitária. Sobre o conceito de hiperficção, o autor pontua que

Ao pé da letra, a Hiperficção não é a sucessora da Ficção Interativa, nem sua evolução direta. O que se pode afirmar é que autores como Joyce foram influenciados pelo gênero, chegando, inclusive, a utilizar de empréstimo o termo Ficção Interativa, na falta de um outro

²³ “**Rolling-playing games**”, ou “Jogos de interpretação de papéis”, em que os jogadores assumem o controle dos personagens ao longo das partidas. Tem origem física, como o jogo “**Dungeons&Dragons**”, mas hoje em dia diversos jogos eletrônicos do gênero são comercializados.

à época, para definir o tipo de literatura à qual almejavam com o Storyspace. Apesar disso, não houve uma migração, pois criadores de Ficção Interativa não se tornaram autores de Ficção em Hipertexto. Nem a indústria dos games absorveu a Hiperficção após o colapso da Ficção Interativa, como pode ser exemplificado pela recusa na aquisição dos direitos do Storyspace pela Brøderbund Software Inc (Moura, 2021, p. 297-298).

Assim, apesar de ter sofrido influência da ficção interativa como gênero literário, a ficção em hipertexto se configura como algo distinto e único, posto que os mecanismos de produção e leitura das obras hipertextuais se mostram distintas daquelas categorizadas como ficção interativa. O artigo de Moura é importante para se pensar a origem e consolidação do campo literário estadunidense, mencionado no Capítulo 1 da presente dissertação.

Uma reflexão acerca de vivências poéticas no âmbito das mídias digitais é desenvolvida por Oliveira (2016). A autora disserta sobre o impacto das redes sociais como o Facebook e o Twitter na circulação literária. Cita, inclusive, a obra “Clássicos da twitteratura”, coletânea física lançada em 2010 e que reúne textos de 180 caracteres de diversos perfis ativos nas redes sociais. O ponto principal da discussão, contudo, é o conceito de Poetrix.

O termo Poetrix consiste na junção dos termos referentes à poesia “poe” e três “trix” e consiste em um poema de três versos que não deve ultrapassar trinta sílabas métricas ao todo. É possível considerá-lo “um terceto contemporâneo, que pode versar sobre qualquer tema, devendo, para tanto, explorar figuras de linguagem ou de pensamento, bem como o ritmo e a sonoridade das palavras” (Oliveira, 2016, p.52).

Apesar de parecer semelhante ao **haikai**, forma breve de poesia japonesa, o Poetrix se mostra diferente da ideia devido ao fato de não seguir, necessariamente, a estrutura de versos com cinco, sete e sílabas poéticas da manifestação poética oriental e por contar com a presença necessária do título.

Um exemplo de poetrix mencionado pela autora no artigo é de autoria de Murilo Fallangola. Intitulado “ALFABETO DO POETA”, tem-se “Aprendo meu ABC/ em cartilha sentimental:/ Augusto, Bandeira, Cabral.” O poema segue as normas do gênero literário e representa uma ideia completa sem se afastar da sonoridade e do duplo sentido. Nesse caso, o ABC sendo autores cujas iniciais se iniciam com as letras, mas que, ao mesmo tempo, são nomes popularmente conhecidos da poesia.

A prática da escrita do Poetrix tem origem “offline”, ou seja, por meio da escrita física. Surgiu em 1999, pensada por Goulart Gomes, tendo sido manifestada na internet pela primeira vez em 2006. É considerada um exercício de escrita poética, cuja duração e desenvolvimento se mostram mais fluídas na rede. A escrita, leitura e produção do poetrix não necessita de recursos de digitais para ser feita. Outros artifícios multimodais, como a imagem e o som, não se fazem presentes nas experimentações poéticas.

É possível relacionar a construção poética do poetrix com as ideias desenvolvidas por Barthes sobre escritura – nesse caso, dentro do contexto digital. Ao considerar que a escritura diz respeito a uma realidade formal existente entre a língua e o estilo, sendo o produto da manifestação do pensamento do autor, tem-se um resgate à tradição poética para continuar escrevendo literatura, mais especificamente poesia, e desenvolvendo os instrumentos de criação por meio da manipulação da linguagem. A essência da linguagem literária permanece, ao passo que os autores dos poetrix utilizam-se do suporte eletrônico como meio para a escrita de literatura.

A escrita e a circulação de poetrix é possível pelas redes sociais, além de estarem disponíveis **e-books** organizados como coletâneas de poemas de vários autores. No site principal do grupo, estão arquivados textos críticos sobre o gênero, inclusive uma “bula” que conta com advertências, a saber: evitar orações coordenadas, não necessariamente rimar e compreender que poetrix não é definição e nem provérbio. Existem, ainda, derivados do poetrix original.

Há também inclinações para uma poesia mais experimental, de apelo visual: palavratrix (constituído por uma única palavra, segmentada em três versos); concretrix (com caracteres gráficos); cruzadatrix (o terceto deve conter três palavras, uma delas redigida na vertical para que as outras formem com ela versos perpendiculares, ao modo do gênero das palavras cruzadas). Também merecem destaque as “cirandas de poetrix”, pelo seu caráter gregário, exemplar de como se põe em ação uma prática coletiva de criação artística. (Oliveira, 2016, p.64)

Assim, o poetrix se mostra uma manifestação literária bastante plural, ao possibilitar o desenvolvimento poético em um título seguido de uma estrutura curta. Pode ser considerado um poema digital quando sua escrita, seu desenvolvimento e sua circulação acontecerem por meio do computador e/ou pela internet, mesmo sem dispor de recursos visuais ou sonoros.

A partir de um percurso histórico sobre o conceito de literatura, Rocha (2016) retoma o caminho que o termo “literatura” percorreu, ao dissertar sobre as concepções estabelecidas sobre o termo desde o século XII até os dias atuais. As discussões sobre o texto literário no presente envolvem o processo de consolidação do texto literário no contexto digital, bem como o futuro dos livros e a prática da leitura nas telas.

A literatura impressa passou por fases de consolidação e desenvolvimento, atrelada a momentos históricos e sociais ao aprimoramento da imprensa. Atualmente, as perspectivas do campo literário permanecem relacionadas aos aspectos culturais da sociedade.

A questão que se deve enfrentar diz respeito ao fato de, como tentamos demonstrar, tais noções de literatura e de obra literária estarem intimamente relacionadas com condições de contorno muito específicas: a passagem da cultura oral e manuscrita para a cultura impressa, e a consolidação desta última com a popularização da imprensa; a emergência da ideia de sujeito; a crescente autonomia dos campos do saber; e a divisão social do trabalho (Rocha, 2016, p. 161).

Desse modo, as condições que permeiam a consolidação do campo literário e o conceito do que se tem como literatura possuem ligação com características sociais. Tal assunto se relaciona com aquele desenvolvido, no Capítulo 1 da presente dissertação, sobre o processo de formação do cânone literário. As relações de poder existentes na sociedade e os embates existentes na sociedade e dentro do campo da literatura influenciam o que é tido como valor literário.

Ao se referir às obras literárias produzidas no cenário eletrônico, a autora faz referência a expressão “monstro esperançoso”, utilizada por Katherine Hayles em 2009, para caracterizar essas manifestações literárias eletrônicas. A expressão carrega a ideia de que a literatura digital é composta por partes de tradições – orais, impressas, eletrônicas – que se relacionam de forma não necessariamente organizada, mas que, por outro lado, possuem a perspectiva do novo através de dispositivos que, até então, não eram utilizados para a produção e leitura de literatura.

A fim de ilustrar a discussão acerca da literatura no contexto digital, a autora menciona o percurso de André Vallias, autor que se tornou referência na literatura digital brasileira devido à sua produção literária eletrônica a partir dos anos 1990. No artigo, a obra **Oratório** (2004) é analisada. Nesse processo, Rocha desenvolve uma

leitura sobre o **software** utilizado pelo autor, o AutoCAD, além de aspectos literários e multimodais da manifestação poética.

Oratório, a palavra, tem, no título, a seus pés, sua imagem narcísica e, ao expô-la, o poeta parece querer expor a própria cidade em seu fascínio por si mesma – tal como Narciso – ao mesmo tempo que denuncia, por meio dessa mesma imagem, o que está nela corrompido. “Encantação” que ultrapassa a contemplação narcísica e motiva/canta a ação (Rocha, 2016, p. 179).

Vallias produz, em Oratório, uma ode dúbia ao Rio de Janeiro: utiliza de recursos caracteristicamente cariocas como o samba, o mapa topográfico da cidade e pontos principais de circulação e identidade e, no registro textual, desenvolve um raciocínio poético duplicado que, ao mesmo tempo em que exalta as características da cidade, denuncia desigualdades e ironias do cotidiano carioca.

É interessante observar a recorrência da escolha dessa obra buscando discutir e ilustrar aspectos da literatura digital. Enquanto na presente dissertação a obra foi mencionada e analisada, para se relacionar os conceitos de escritura, estilo e literatura, tendo como ponto de partida os conceitos de Roland Barthes no Capítulo 2, Rocha (2016) disserta sobre a obra ao abordar o processo da consolidação da literatura digital brasileira e suas características como “monstro esperançoso” sul-americano e, ainda, Pereira (2020) não somente analisa a obra, como, também, disserta sobre as complexidades de seu processo de criação por meio de um software do campo da engenharia.

As diversas menções à obra demonstram que as perspectivas e as abordagens em relação a essas manifestações literárias podem partir de diversas vertentes teóricas, bem como caracterizar um movimento cada vez mais amplo ao se pensar e analisar as produções brasileiras digitais.

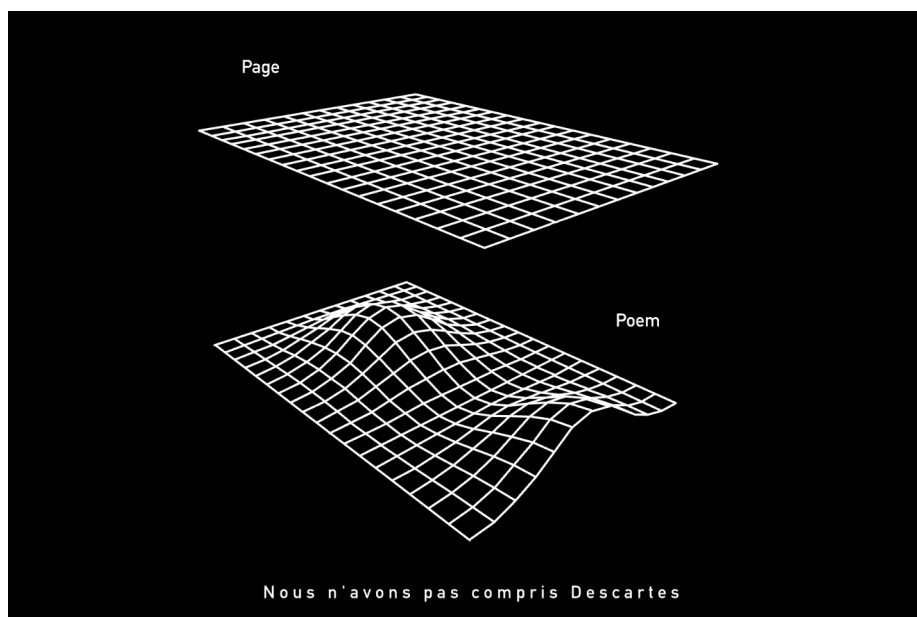
Ainda sobre a obra **Oratório**, especificamente, pontua-se que ela já foi, inclusive, apresentada ao vivo²⁴, em uma performance realizada pelo próprio autor em 2007. A combinação da leitura do texto em voz alta e o áudio que acompanha a obra sendo tocado ao fundo proporcionaram mais uma exibição e uma maneira de entrar em contato com a obra. Isso demonstra uma múltipla possibilidade de manifestação literária.

²⁴ Disponível em < <https://youtu.be/NVqaU9X0ESQ>>. Acesso em 15 mai. 2023.

Além da obra em questão, Pereira (2020) também analisa as obras **Nous n'avons pas compris Descartes**²⁵ (1997) e **De verso**²⁶ (2003), especialmente, no que diz respeito ao uso de gráficos tridimensionais para suas construções. O artigo tem seu foco principal em um ponto bastante relevante para a literatura digital: o processo de construção da obra a partir de **softwares** computacionais cuja funcionalidade inicial não foi pensada para se produzir literatura.

A obra **Nous n'avons pas compris Descartes** faz referência a uma frase proferida por Mallarmé em 1945, que diz respeito à construção da linguagem e às relações existentes entre realidade e ficção. Ao afirmar que “Nós não entendemos Descartes”, Mallarmé realiza uma crítica aos pensadores franceses da época que não teriam compreendido a obra cartesiana “Discurso sobre o método”. Vallias, no contexto brasileiro, cerca de cinquenta anos depois da citação, submete a citação a um processo de digitalização por meio de sua obra poética.

Figura 7 - Captura de tela da obra *Nous n'avons pas compris Descartes* (1997), de André Vallias



Fonte: Vallias (1997)

Ao utilizar dois vocábulos, “página” e “poema”, e trazer para uma tela de fundo preto duas representações matemáticas, o poema sobre poemas possui uma construção relativamente simples ao considerar os processos de construção, de

²⁵ Disponível em < <https://www.andrevallias.com/poemas/nous.htm>>. Acesso em 13 mai. 2023.

²⁶ Disponível em < <https://www.andrevallias.com/deverso/deverso.htm>>. Acesso em 13 mai. 2023.

navegação e de interatividade. O gráfico referente à página é plano, em branco, sem alterações. Aquele referente ao poema, por sua vez, se caracteriza de maneira distinta: está alterada, mexida, movimentada – ou seja: viva. A construção gráfica traduz imagetivamente o fato de que o poema dá vida e movimento à linguagem.

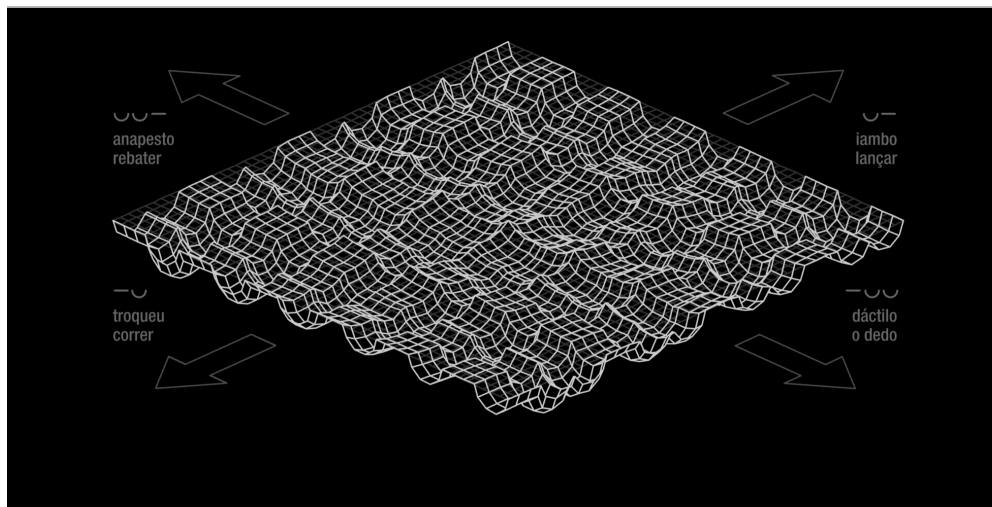
Em contraposição a essa imagem da página como espaço de uniformidade, o segundo gráfico de *Nous n'avons pas compris Descartes*, ao revelar uma sinuosa forma geométrica e associá-la à palavra “Poem”, evidencia como a escrita poética desafia as convenções linguísticas e opera torções inesperadas na materialidade discursiva. Com dois centros de curvatura projetando-se para fora do plano original, a imagem afirma, por expedientes metapoéticos não verbais, a potência da poesia que extravasa os limites impostos pelo suporte (a página), pelo código (a língua), pelo referente (o mundo) (Pereira, 2020, p.5).

A obra é um exemplo de como a literatura eletrônica pode dialogar com a tradição escrita. Vallias, poeta visual brasileiro, faz referência à citação de poeta e crítico literário francês, Descartes, e transforma essa discussão em uma experimentação poética digital. Anos depois, Pereira, professor e pesquisador brasileiro, desenvolve uma análise, não somente sobre esse poema, mas também sobre os recursos utilizados para a sua construção.

Discutir sobre esse processo de revisitação indica a transformação constante e viva do campo literário, tanto impresso quanto digital. Tal movimento demonstra um entrelace entre as tendências de ambos os suportes: dialogar, citar, discutir e circular entre ideias e obras que permanecem na tradição literária. Enquanto na literatura impressa isso é implica que as obras literárias seguem sendo lidas e discutidas, esse movimento na literatura digital aponta que essa também é uma realidade no ambiente eletrônico.

O terceiro e último poema analisado por Pereira, “De Verso”, consiste em uma reflexão digital acerca da construção poética. A introdução da obra apresenta um texto sobre o movimento da poesia como linha reta que se transforma em espiral. A obra segue com a exibição de símbolos que fazem referência às métricas poéticas a que se referem, “anapesto/rebater”, “iambo/lançar”, “troqueu/correr”, “dátilo/ o dedo”. A seguir, um gráfico se apresenta plano na tela, que conta com um som de fundo e com quatro setas, partindo de cada um dos lados do gráfico. Conforme o leitor interage com a obra clicando nas setas, o gráfico se modifica, assim como o som, e cada ação se justapõe à anterior.

Figura 8 - Captura de tela da obra *De Verso* (2003), de André Vallias



Fonte: Vallias (2003)

Ao clicar nas quatro setas, o poema se dispõe como apresentado na **Figura 8**, sendo essa sua última parte ou construção. A obra faz alusão ao processo de construção poética, posto que cada um dos lados corresponde a uma métrica diferente. O anapesto é composto por duas sílabas breves seguidas de uma longa; o iambo, uma breve seguida de outra longa; o troqueu é o inverso, composto por sílaba longa e uma breve e, por fim, o dátilo é o oposto do anapesto, consistindo em uma sílaba longa e duas breves. As palavras que acompanham as métricas fazem referência aos movimentos feitos por elas. O anapesto rebate, o iambo lança, o troqueu corre e o dátilo é representado, popularmente, por um dedo.

Configuram-se, na obra, caminhos possíveis na construção poética, representados por meio de uma construção tridimensional. As escolhas feitas em relação à construção dos poemas analisados por Pereira ilustram uma tendência do campo literário digital, especialmente o brasileiro, de se apropriar de dispositivos de diversas áreas para auxiliar no desenvolvimento de obras literárias.

As obras de André Vallias são, frequentemente, analisadas e mencionadas ao se pensar sobre a literatura digital brasileira, tanto por autores do corpus quanto na própria dissertação. O autor possui uma grande produção poética, publicada tanto fisicamente, em livros, quanto digitalmente, em obras digitais. Possui catorze obras listadas e preservadas no **Observatório de Literatura Digital Brasileira**²⁷, o

²⁷ Disponível em <<https://shorturl.at/dijtO>>. Acesso em 15 mai. 2023.

que demonstra o impacto de seus trabalhos para o campo da literatura eletrônica no país.

A relevância da obra do autor se dá pelo fato de que elas possuem elementos que tem se tornado, cada vez mais, características das produções brasileiras no campo: o uso do **Flash** para o desenvolvimento da obra, a apropriação de **softwares** de outras áreas para a produção de literatura e, concomitantemente, as experimentações poéticas por meio de registros textuais nas obras. Vallias caracteriza, então, uma marca nacional na literatura digital ao desenvolver poesia em suportes eletrônicos ao se apropriar ao máximo dos recursos disponíveis.

O ambiente digital e as tendências do texto literário produzidos e lidos nesse contexto em específico são dissertados por Corrêa (2016). O autor parte da possibilidade de um “hipercolonialismo” no âmbito eletrônico, ao pensar em determinadas pessoas influentes que atuam sobre um território que ainda está se consolidando, em busca de sua própria identidade.

No caso da literatura em contexto digital, tem-se um maior número de sistemas de organização e circulação de informação advindas da Europa e dos Estados Unidos, de modo que as informações desenvolvidas e organizadas na América Latina, por exemplo, se encontram em uma posição passiva em relação a essas outras localidades.

Algumas obras literárias digitais são mencionadas, como **Minicontos coloridos** e **Um Estudo em Vermelho**, de Marcelo Spalding²⁸, ao comentar sobre o resultado gráfico decorrente de combinações programadas.

O autor evoca o termo “verbivocovisual” no contexto das produções literárias digitais, de modo que o meio eletrônico possibilita diversos aspectos de manifestação estética. Dialoga-se com a imagem, o som e a escrita de uma maneira distinta daquela que permeia os livros impressos. Por outro lado, o autor sugere que o caminho dos estudos literários em relação ao texto desenvolvido em ambiente eletrônico ainda é amplo.

Os estudos literários em meio digital estão ainda na sua infância, por várias razões, dentre elas destaco duas: o noviciado dos termos e condições da literatura digital e, segundo, demorará algum tempo

²⁸ Disponíveis em <<<http://www.literaturadigital.com.br/minicontoscoloridos/>>, <http://www.artistasgauchos.com.br/_estudovermelho/>. Acesso em 3 jun. 2023.

para que os críticos literários sejam em sua totalidade nativos digitais. Mesmo essa condição parece ser improvável, vez que há uma noção de modismo a dourar a literatura digital e os estudos literários a partir de ferramentas digitais. É como se a tecnologia carregasse em si uma parte diabólica a matizar a criação literária (a exigir o domínio de muitos meios, softwares e outras próteses tecnológicas) e a crítica fundada em ferramentas quantitativas ou pautadas por algoritmos. (Corrêa, 2016, p. 135)

Tem-se, assim, uma visão crítica acerca do desenvolvimento sobre os estudos literários digitais, especialmente, por se tratar de um campo relativamente novo. A familiaridade com os aspectos digitais que permeiam esses estudos, bem como as relações entre tecnologia e literatura desenvolvidas dentro do ambiente digital, implicam em um novo olhar para o texto literário.

As ideias desenvolvidas pelos autores dos artigos demonstram um cuidado em observar as especificidades estéticas das obras literárias, visto que lançam um olhar atento para elas e consideram a importância de ler e analisá-las. Ao considerar cada uma com suas especificidades de escrita, de suporte e de acesso, tem-se um exemplo de desenvolvimento do campo literário digital.

A literatura digital permanece em constante diálogo com a tradição literária impressa, de modo que o valor estético literário encontra um ambiente diferente do livro físico para se manifestar e expandir. O próprio cânone literário se encontra em diálogo com o digital, manifestando-se em objetos literários eletrônicos repletos de valor.

Dois artigos científicos pertencentes ao **corpus** não se atêm, especificamente, a conceitos literários digitais, mas sim a sites, plataformas ou recursos referentes à conservação de obras literárias.

As autoras Rocha e Amâncio (2019) desenvolvem um estudo sobre a Revista Texto Digital, veículo importante de catalogação, organização e circulação de informações sobre obras literárias digitais e de textos críticos sobre o assunto. As autoras mencionam algumas obras literárias digitais a fim de ilustrar as discussões sobre catalogação, e contribuem para o campo literário com uma discussão importante acerca dos gêneros literários digitais.

Dois autores são mencionados ao abordar essa questão. A primeira é Hayles (2009), que, no início dos estudos sobre o campo, considera a existência de sete gêneros literários digitais: ficção de hipertexto - **Storyspace** e ficção na rede interligada; ficção interativa; narrativa locativa; instalações; **codework**; arte generativa e poema em **flash**.

Flores (2018), por sua vez, é o segundo autor mencionado no artigo, posto que considera a existência de quinze gêneros literários: obras generativas; bot; obras cinéticas; videojogos; ficção interativa; hipertextos; obras multimodais; poesia em código de programação; net.art; performance; instalações; realidade virtual; realidade aumentada; obras móveis e memes.

A discussão acerca dos gêneros literários é bastante importante para se pensar o desenvolvimento do campo literário digital: o aumento do número de gêneros implica que têm sido considerados cada vez mais particularidades de manifestações literárias, ao levar em consideração tanto seus variados suportes de produção e desenvolvimento quanto seus modos de compartilhamento e circulação.

A literatura digital é um campo em movimento constante, que passa por mudanças nas tendências literárias de acordo com o momento e lugar em que é produzida. É, também, fortemente impactada pelas tendências tecnológicas que a acompanham. Compreender manifestações cada vez mais diversas tecnologicamente como literárias, a partir de suas características estéticas e sua literariedade, é importante para o estudo e a consolidação do campo digital.

Ainda sobre a catalogação e a circulação de literatura digital, Estevão (2020), pontua sobre a construção de uma memória da literatura eletrônica, ao mencionar a **Electronic Literature Organization**, ou ELO, uma das primeiras voltadas ao estudo sobre o assunto. A autora enfatiza a importância dos repositórios para a manutenção da literatura digital, dissertando sobre o primeiro e o terceiro volumes da **Electronic Literature Collection**, publicadas pela ELO e responsáveis pelo compilado de obras literárias eletrônicas. O primeiro volume, lançado em 2006, conta com 60 obras; o segundo, lançado em 2016, apresenta 114 obras.

Alguns pontos relevantes mencionados pela autora são as interfaces das edições, o modo como a navegação é estruturada e o fato de que alguns links correspondem a obras que não podem mais serem abertas. O que ocorre devido, especialmente, à descontinuidade das plataformas em que as obras foram pensadas. As descrições utilizadas nas obras também são um ponto importante, além do fato de que, no terceiro volume, encontra-se um número maior de obras em outros idiomas que não somente o inglês.

O artigo aponta algumas tendências do campo da literatura digital, como a crescente preocupação com a obsolescência de suportes e **softwares**, o que implica na impossibilidade de ler uma obra literária digital em seu formato original, e

o movimento, por parte dos organizadores das coleções da ELO, de valorização das manifestações literárias eletrônicas desenvolvidas em outras línguas para além da língua inglesa.

Outros artigos não desenvolvem discussões sobre obras literárias propriamente produzidas em ambientes digitais, mas mencionam autores de livros físicos e de relações desenvolvidas com o âmbito digital. Athayde, Rocha (2020) escrevem sobre a circulação literária no digital e o impacto no consumo de literatura, ao pontuar que as obras de Clarice Lispector e Caio Fernando Abreu passaram por um aumento de leitura em meios eletrônicos devido ao surgimento e popularização de perfis no Instagram e no Facebook que continham citações das obras. Isso impactou, consequentemente, na venda de livros físicos dos autores.

Ainda sobre a questão da circulação literária, Rocha (2018) disserta sobre o caso de Jorge Luis Borges e Pablo Katchadjian. Em 2009, Katchadjian publicou o livro **El Aleph Engordado**, inspirado diretamente no conto “El Aleph”, escrito por Jorge Luis Borges e publicado pela primeira vez em 1945. María Kodama, viúva de Borges, entrou na justiça contra Pablo Katchadjian em 2011, acusando-o de plágio.

Além de desenvolver uma discussão sobre os processos de constituição de autoria e legitimação de seu valor, Rocha (2018) explora um ponto bastante interessante ao se pensar a digitalização da literatura: o processo de circulação literária. Em 2015, iniciou-se no Facebook um movimento em defesa de Pablo Katchadjian. O livro **El Aleph Engordado**, motivo do processo, teve apenas 300 cópias impressas em 2009. Seis anos depois, sua versão em **.pdf** passou a ser circulada com mais frequência por meio de contatos feitos nas redes sociais. Concomitantemente, um site intitulado #YoBorges foi criado em 2014 com a defesa de que um poema perfeito escrito por Borges existia nas entrelinhas de outros poemas do autor. O site se organiza “uma espécie de jogo em que o leitor pode, enfim, construir o seu próprio poema a partir da combinação de versos de autoria de Borges e, caso goste do resultado, compartilhar nas redes sociais” (Rocha, 2018, p.87).

O artigo da autora explicita uma outra perspectiva do campo literário: a crescente presença e circulação de obras literárias na internet, tanto de autores vivos que produzem novas obras literárias impressas, como aqueles que já não produzem mais, tendo sua obra finalizada, mas que, por outro lado, podem vir a serem lidas e até mesmo modificadas por usuários da rede.

Os conceitos de multimídia e de intertextualidade são explorados por Guimarães e Ribas (2016), que dissertam sobre a literatura infantil em uma sociedade multimidiática. As autoras defendem que os textos contemporâneos são influenciados pelas linguagens verbal, sonora e imagética, o que dá origem a uma linguagem própria de textos multimidiáticos.

A discussão se centra no livro físico infantil **Aperte Aqui** (2010), de Hervé Tullet, cujo propósito se centra na interatividade entre leitor – no caso, a criança – e o livro. Ao ler o livro, constrói-se a ideia de que a interação da criança com o livro dita os caminhos escritos por ele. É interessante observar o uso do verbo “clique” no livro, o que remete a uma ação feita em um contexto eletrônico. Discute-se sobre a cultura de convergência e a sociedade multimidiática, mas, ao falar sobre literatura, apenas o livro físico em específico é mencionado.

Os demais artigos científicos que fazem parte do **corpus** levantado durante a investigação não abordam, diretamente, obras literárias, mas traçam considerações pertinentes para o campo da literatura digital. Ribeiro (2016) desenvolve uma discussão sobre as ideias de Roger Chartier e questões acerca da leitura e da escrita; Borges, Lemos e Pereira (2021) dissertam sobre a leitura e a compreensão textual e o desenvolvimento da escrita em dispositivos digitais como o computador, o celular e o **tablet**, analisando estudos realizados sobre o assunto. As especificidades desses artigos científicos serão discutidas nas próximas seções do presente capítulo.

Ao analisar as inserções literárias presentes nos artigos científicos, é possível observar uma numerosa presença de experimentações poéticas – o movimento Poetrix, as obras de André Vallias, o poema Bomba, a obra **Skin**, a maioria delas, inclusive, de produção nacional. As questões da narrativa e da narração também são bastante mencionadas, especialmente, por meio de construções por **hiperlink**, como a obra Hypertext e o panorama estadunidense, mas não se restringem a essa ferramenta. A ópera multimidiática **Alletsator** e a instalação **Screen** demonstram alternativas para a construção desse gênero literário. A diversidade de manifestações literárias implica que a literatura digital se desenvolve em diversos gêneros literários e em diversos suportes. Os artigos demonstram que as discussões sobre o campo literário abordam não somente as variações dessas manifestações, mas também aspectos sobre leitura, escrita e acervo de obras literárias digitais.

A questão da autoria também é abordada, posto que os autores de literatura digital encontram, nos suportes eletrônicos, diversas possibilidades. Encontra-se a perspectiva de transcodificação de obras, ao adaptar uma obra impressa para o suporte digital. Tem-se, ainda, o caso de obras literárias eletrônicas desenvolvidas por um conjunto de pessoas – seja em sua construção, em sua escrita ou em participações.

A análise dos artigos pertencentes ao **corpus** da investigação demonstra uma tendência a observar os aspectos formais e literários das obras, considerando as características multimodais e, além disso, o impacto dos objetos literários eletrônicos para o campo literário.

Ademais, embora não se tratem, diretamente, de manifestações literárias digitais, são relevantes as discussões acerca da circulação literária no meio digital. A influência que a tecnologia e, mais especificamente, a internet tem no desenvolvimento da literatura impressa é importante para observar as tendências do campo da literatura de uma maneira mais ampla.

Por fim, as considerações que dizem respeito ao acervo e organização dessas obras digitais se relacionam diretamente com o assunto, posto que o cuidado com essas questões impactam diretamente a leitura e circulação dessas obras.

Os artigos científicos levantados ao longo da investigação partem de diversos lugares no que diz respeito às metodologias e às discussões desenvolvidas. Contudo, todos eles abrangem, cada um à sua maneira, uma preocupação com a literatura digital enquanto campo literário e diversas questões que envolvem o texto literário eletrônico.

3.2. A tecnologia e a literatura digital

As discussões sobre tecnologia permeiam, constantemente, o campo literário digital. É possível considerar que o desenvolvimento tecnológico é condição indispensável para a produção, leitura e circulação da literatura digital, de modo que esse processo só é possível a partir da existência de um dispositivo eletrônico.

Ao considerar que os autores dos artigos científicos selecionados são agentes do campo das Letras, cujas ideias movimentam diretamente as tendências e discussões, considera-se importante observar quais são as impressões dos autores sobre o assunto por meio da escrita de artigos científicos. Observa-se,

então, qual a relevância da tecnologia para se pensar literatura eletrônica e, mais ainda, como essas tecnologias impactam o desenvolvimento desse campo literário.

Athayde, Rocha (2020) dissertam sobre o fenômeno de circulação de textos literários na internet na década de 2010. Enquanto o foco principal do artigo das autoras não é, especificamente, obras literárias digitais, desenvolve-se uma discussão sobre o processo de digitalização da literatura impressa – no caso, especialmente, as obras de Clarice Lispector e Caio Fernando Abreu. Além disso, as autoras pontuam o impacto desse movimento não só na disseminação como na leitura desses autores.

O artigo pontua que a circulação de citações das obras dos autores acontece pelas redes sociais Instagram e Facebook, por meio de perfis que criaram posts com imagens contendo passagens de livros de Lispector e Abreu. Por meio da publicação, divulgação e compartilhamento dessas postagens, o que se tem é a utilização da tecnologia para expandir o “alcance” desses autores e suas obras, o que impacta, diretamente, o movimento de venda de seus livros. Assim, apesar de não se tratar de obras literárias produzidas eletronicamente, tem-se um exemplo do impacto da internet na circulação de autores de livros físicos.

Pereira (2020) desenvolve uma análise de três obras do autor brasileiro André Vallias: **Nous n'avons pas compris Descartes** (1997), **De verso** (2003) e **Oratório** (2004). O artigo possui um enfoque na construção digital das obras, analisando como Vallias utiliza de programas da área da engenharia e da arquitetura, como o AutoCad, para construir suas obras poéticas. O autor disserta, também, sobre a construção matemática dos gráficos presentes nos ciberpoemas.

No caso mais específico dos poemas eletrônicos de Vallias, os trânsitos entre diferentes linguagens frequentemente envolvem o recurso a gráficos matemáticos 3D, isto é, a funções algébricas que são visual e tridimensionalmente expressas em eixos cartesianos ortogonais, construídas no software AutoCad. Tais gráficos figuram de variados modos em sua obra, seja como poemas em si mesmos, seja como parte de textos híbridos, que combinam imagens verbais e algébricas em criações artísticas multimídia, tais como os três ciberpoemas analisados neste artigo: *Nous n'avons pas compris Descartes* (1997), *De verso* (2003) e *Oratório* (2004). (Pereira, 2020, p. 13-14).

O artigo consiste, então, não somente em uma análise literária das obras mas, também, do papel da tecnologia para o desenvolvimento das mesmas. A apropriação de um **software** para a produção de uma obra literária é uma prática

bastante recorrente na literatura eletrônica, o que possibilita a potencialização do valor estético e literário da obra no âmbito da leitura digital.

O AutoCad, **software** utilizado na construção das obras, é amplamente utilizado para o desenvolvimento de desenhos técnicos em duas dimensões (2D) e também modelos tridimensionais (3D). O recurso é bastante utilizado na área da arquitetura e das engenharias para, a partir da criação dos gráficos e das ferramentas disponíveis no programa, desenvolver projetos, desenhos e modelagem até o produto final.

Rocha (2016) também disserta sobre **Oratório**, de André Vallias, fazendo alusão ao termo “monstro esperançoso”, cunhado por N. Katherine Hayles ao se referir à obra, que consegue tão bem se apropriar das possibilidades digitais para experimentar poeticamente. O artigo de Rocha disserta sobre literatura, sobre os percursos e os percalços do desenvolvimento literário ao longo dos anos e, por fim, desenvolve uma análise sobre a experimentação poética em questão.

Em seu artigo de 2018, Rocha disserta sobre os conceitos de autor, de autoria e de obra na literatura contemporânea. Ao relacionar os ideais de Roland Barthes e Michel Foucault para pensar sobre autor e obra, a autora menciona as o caso envolvendo Jorge Luis Borges e Pablo Katchadjian e como o aumento da discussão sobre o assunto na internet, especialmente no Facebook e em sites, interferiu tanto no processo em si quanto no consumo e na disseminação das obras dos autores. O artigo não aborda, precisamente, a literatura produzida digitalmente, mas sim o impacto da tecnologia no compartilhamento da literatura impressa.

Ao dissertar sobre a obra **Frequently asked questions about hypertext**, produzida por Richard Holeyton e publicada por Katherine Hayles em 2006, Oliveira (2017) escreve sobre o processo de construção da obra literária digital e do conceito “pós-humanismo” ao pensar sobre o que tem sido desenvolvido em relação à poesia digital.

Como dissertado no tópico anterior, a obra de Holeyton é uma releitura de **Pale Fire** de Vladimir Nabokov, e consiste em um ciberpoema experimental. Ao criar personagens literários como críticos fictícios e abordar temas como a história cultural, Holeyton tece provocações e reflexões à crítica literária, tanto dentro do ficcional quanto do real, além de rever os conceitos de escrita, de leitura e produção de conhecimento. O autor utilizou do formato .html para a construção da obra, que é lida em um website.

A utilização do **hiperlink** como recurso para produção de literatura digital tem ocorrido desde o desenvolvimento do campo literário, como dissertado no Capítulo 1. A apropriação dos mecanismos de construção de **websites** possibilita a construção de obras literárias digitais que necessitam, somente, de um navegador e de acesso à internet, e que tendem a não passar por mudanças significativas de acesso e de constituição ao longo dos anos. Por isso, obras eletrônicas estruturadas **hiperlink** estão propensas a se manter “vivas” e disponíveis por mais tempo, diferente daquelas que necessitam de softwares que podem vir a se tornar obsoletos com o tempo.

O artigo de Kirchof (2016) consiste em um texto acessível e explicativo, e é possível considerá-lo como um excelente texto para se pensar e discutir literatura digital. Ao mencionar exemplos de literatura eletrônica, como livros digitais, e aspectos importantes para o campo literário, como letramento crítico digital, o autor disserta sobre tecnologia como um campo geral, além da presença das mídias no processo de consolidação da literatura eletrônica, as complexidades do ciberespaço, a cultura da convergência e coexistência entre físico e digital.

O conceito de tecnologia permeia todo o artigo, especialmente, no que diz respeito à produção, à leitura e à circulação de literatura digital. O livro digital e o App livro de ***O Pequeno Príncipe*** são mencionados pelo autor, o que indica que o cerne da discussão sobre tecnologia se encontra nos suportes de literatura digital.

A importância das relações entre tecnologia e literatura digital é exemplificada de diversas maneiras no artigo de Maduro (2016). Ao escrever sobre a narração em obras digitais, a autora menciona obras que fazem uso da tecnologia para contar histórias – “narrações”, mais especificamente. A performance **Screen** (2003) foi apresentada dentro da **Cave Automatic Virtual Environment** (CAVE), um ambiente de realidade virtual imersiva que permite ao leitor vivenciar a obra, que é projetada nas paredes e possibilita a interatividade com o ambiente.

A importância do software e dos dispositivos selecionados para a construção de obras literárias digitais é mencionada pela autora. Por exemplo, o ambiente virtual em que a obra **Screen** foi apresentada passou por uma reformulação, dando origem à versão **CAVE 2**. Na primeira versão do ambiente, os óculos de realidade virtual eram conectados por meio de fios, enquanto na segunda foi desenvolvida uma tecnologia sem fio, o que possibilitou ao leitor interagir com a obra de maneira diferente e mais imersiva.

A performance **Voice/Unvoiced** (2012), mencionada pela autora, faz uso de projeção e de uma pessoa em frente a ela, que tem seus movimentos seguidos por um aparelho de Kinect, um sensor de movimentos amplamente utilizado em consoles de jogos eletrônicos e, mais recentemente, em performances artísticas (p. 145). Quanto à obra **Skin** (2003), de Shelley Jackson, vê-se a utilização do registro de voz e imagem por meio de vídeo, de modo que as pessoas envolvidas no projeto enviaram, para a autora, vídeos breves que continham a voz delas mesmas lendo as palavras tatuadas em seus corpos. Os vídeos, então, foram compilados, resultando na obra como é conhecida.

Amor de Clarice (2005), obra de Rui Torres, é estruturada por meio do *plug-in* Flash e faz uso de interatividade, de imagens, da voz e da justaposição do texto literário para a construção da experiência. A autora também menciona softwares próprios para a produção de textos literários digitais, como o Sintext, gerador automático de textos aleatórios utilizado por alguns autores. Ainda, **AlletSator** (2007), ópera-quântica-hipermidiática explora ao máximo os recursos permitidos por seu suporte de formação a fim de possibilitar uma imersão literária e futurística ao leitor. A possibilidade de narração que cada ferramenta oferece à obra e ao leitor é considerada de grande relevância para a autora.

As histórias aqui apresentadas deixam entrever que diferentes formas de contar histórias, ainda que distanciadas por milênios, continuam a partilhar vários pontos de contato. Entre a tradição oral e o computador existe a escrita e a tipografia. O computador deixa entrever que os limites entre meios são ilusórios e que desaparecem ao longo de uma rede impossível de destrinchar. (MADURO, 2016, p.153).

Assim, reitera-se a importância do computador para a construção de uma história e, mais ainda, para a contação de uma narrativa. A continuidade da tradição do contar passa por mudanças ao adentrar o campo digital, tanto escritas quanto não-verbais, e cada manifestação literária carrega consigo particularidades.

A temática da tecnologia permeia o artigo de Ribeiro (2016), que desenvolve um estudo sobre as ideias de Roger Chartier acerca da escrita, da leitura e da tecnologia, além das tendências da escrita literária e da produção editorial e circulação de textos literários. A autora pontua que a “dificuldade da indústria editorial em criar produtos genuinamente digitais análogos a livros tem forte relação com uma dificuldade de abandonar modelos impressos de leitura” (RIBEIRO, 2016,

p.102), de modo que a própria estética do contexto digital se difere dos livros impressos.

Outros pontos são mencionados, como a representação eletrônica dos textos, que é, por diversas vezes, distinta do que se tem na literatura impressa. E, também, as possibilidades de transposição e de multisssemiose que o suporte eletrônico pode oferecer ao se pensar o texto literário.

A autora desenvolve um diagrama a fim de organizar as ideias principais de Roger Chartier, ilustrando as relações entre escrita, leitura e publicação. Termos como “transição” e “mudança” são evitados ao desenvolver um raciocínio sobre as tendências que permeiam o campo literário. Por outro lado, os movimentos da escrita, de circulação literária e da leitura de literatura são mencionados ao longo do artigo.

As mídias digitais alteram essa relação se considerarmos que: i) o texto passa a ser produzido em computador; ii) o texto pode ser diagramado e publicado ainda se utilizando o computador; e iii) a distribuição por meio de arquivos digitais evita uma etapa de deslocamento físico da obra, dispensando uma logística demorada e onerosa. No entanto, esse ainda é um movimento que parece não satisfazer completamente as ambições do escritor, que mantém, em grande parte, seu desejo de obter um livro impresso que possa seguir uma trilha analógica e com a materialidade que a cultura escrita já conhece há mais tempo: a do impresso (Ribeiro, 2016, p. 110).

Tem-se, então, um movimento de adaptação ao digital em um ambiente que foi, primeiramente, impresso. O artigo de Ribeiro dialoga, diretamente, com o que foi exposto no Capítulo 2 da presente dissertação: o formato digital coexiste com o físico e um não possui a perspectiva de suplantar o outro. Esse movimento de coexistência, contudo, passa por um processo de adaptação, especialmente no que diz respeito à compreensão das especificidades de cada suporte.

Ao pensar em obras literárias digitais, as especificidades se encontram em diversos âmbitos, a saber: um livro eletrônico desenvolvido para ser lido em um aplicativo, um e-book e, até mesmo, uma obra literária estruturada em hipertexto. As peculiaridades de cada uma dessas obras se relacionam com as ferramentas sobre as quais elas foram produzidas. O que se tem é um processo de conciliação entre as tecnologias digitais, as obras literárias produzidas nelas e aquelas produzidas de maneira impressa.

As mídias digitais contemporâneas são exploradas no artigo de Oliveira (2016), ao desenvolver uma discussão pertinente sobre o papel da internet na

literatura e mencionar, inclusive, os **Clássicos da Twitteratura**, coletânea publicada de maneira impressa em 2010. Quanto a isso, é importante fazer uma observação, pois a quantidade de caracteres oferecidos pelo Twitter em cada publicação passou por mudanças desde então, de modo que na década de 2010, em que o livro físico que reunia os tweets foi lançado, o limite era 180 caracteres, mas no atual momento, no ano de 2023, o limite é de 280 caracteres, sendo possível desenvolver postagens de até quatro mil caracteres mediante assinatura do Twitter Blue²⁹.

Evidentemente, é impreciso dizer quais serão as próximas diretrizes adotadas pela rede social, mas é possível considerar que a diferença de caracteres disponíveis pela plataforma influencia no desenvolvimento de textos literários produzidos nesse ambiente virtual específico.

O ponto principal do artigo é o movimento Poetrix, o terceto contemporâneo. É significativo considerar que essa manifestação poética se consolidou no ambiente virtual e não faz, necessariamente, a utilização de efeitos sonoros e visuais, o que acontece com recorrência em experimentações poéticas digitais.

Mesclando palavra, imagem e som, essa poesia dinâmica é construída de modo a atender às implicações complexas entre máquina (hardware), programa (software) e texto, o que leva a extrapolar o conceito tradicional e dominante de texto como realização verbal impressa, portanto fixa e inalterável, de acordo com o pesquisador (Oliveira, 2016, p.55).

Como mencionado na sessão anterior, o poetrix se estrutura por um título e versos breves e encontra na internet um espaço de circulação, acervo e criação. Outros pontos mencionados pela autora são a “poesia de buscadores” no Google, uma discussão sobre inteligências artificiais e possíveis relações entre sites, redes sociais e os movimentos que a tecnologia proporciona dentro do campo literário, especialmente, da poesia.

Borges, Lemos e Pereira (2021) desenvolvem um estudo pertinente, que relaciona a produção textual e a compreensão leitora dentro do contexto das mídias digitais. As autoras analisam dados vindos de dois estudos independentes, relacionados em um momento prévio. Ao observar o tempo empregado na escrita de textos, o esforço cognitivo e a fluência na produção, bem como o nível de compreensão textual após a leitura, chegou-se à conclusão de que existe uma

²⁹ < <https://tecnologia.ig.com.br/2023-02-09/twitter-aumenta-limite-caracteres.html>>. Acesso em 3 jun. 2023.

correlação positiva entre esforço cognitivo e fluência na produção escrita em celulares.

Apesar de não se relacionar, diretamente, com o campo literário digital, o artigo é relevante ao consistir em uma análise de dados sobre leitura e compreensão textual em dispositivos eletrônicos, condição basilar para o desenvolvimento de textos literários eletrônicos. No que diz respeito à compreensão textual, os resultados apresentados pelas autoras mostram que o meio não influenciou mais nesse processo do que o gênero textual lido (2021, p. 309).

Moura (2021) disserta sobre o início da literatura eletrônica estadunidense, utilizando, inclusive, o termo “gênese” para se referir a esse momento. É interessante observar como as discussões desenvolvidas no Capítulo 1 da presente investigação se relacionam com os artigos presentes no **corpus** levantado, especialmente, no que diz respeito aos recursos tecnológicos presentes no campo da literatura digital. O autor disserta sobre a criação da **EastGate** e o advento do **Storyspace** enquanto plataforma de criação literária eletrônica.

É possível considerar que a consolidação da literatura eletrônica enquanto campo, especialmente nos Estados Unidos, está diretamente relacionada ao desenvolvimento de ferramentas digitais que proporcionam a produção, a leitura e a disseminação de obras literárias. Ao utilizar de recursos como o **Storyspace**, próprios para a criação de literatura em ambiente eletrônico, foi possível desenvolver um movimento literário que, ao longo dos anos, passou a ser considerado canônico.

Junto a aspectos tecnológicos presentes nesses softwares, tem-se a questão da estética literária presente nessas obras: a construção por meio de cliques, a ruptura da linearidade e a junção de elementos como o som, as imagens e a representação dos elementos visuais dispostos na tela durante a leitura das obras – recursos possíveis devido às ferramentas selecionadas – constituem um marco na consolidação da literatura digital.

O artigo de Corrêa (2016) explora o conceito de tecnologia de maneira dupla. Enquanto considera que o desenvolvimento tecnológico é condição importante para o avanço dos estudos sobre leitura e literatura, tal fenômeno é bastante novo, o que implicaria em uma dificuldade por parte dos leitores, pesquisadores e escritores de literatura em se aproximar de obras genuinamente digitais. Tem-se, ainda, o fato de

que a tecnologia demanda um determinado nível de conhecimento sobre a técnica para que seus recursos sejam explorados em sua totalidade.

As autoras Rocha e Amâncio (2019) realizam um estudo sobre o caso da revista Texto Digital. É interessante considerar os dados levantados pelas autoras a fim de se pensar o impacto da revista para a circulação, leitura e conservação de obras literárias digitais brasileiras, especialmente no que diz respeito aos **softwares** em que as obras literárias são produzidas e aos programas utilizados para a constituição da revista.

A dificuldade ao acesso de determinadas obras também é pontuada ao mencionarem que quatro obras literárias estavam “inacessíveis, seja porque o link que lhe dá acesso está corrompido, seja porque o software (ou a sua versão) em que foi concebida não está mais disponível” (2019, p.129). As autoras reiteram a predominância de obras literárias que fazem uso do *plug-in* Flash, além de obras multimodais e cinéticas.

Estevão (2020) também disserta sobre a temática de acervo de obras literárias eletrônicas, ao realizar uma análise sobre a memória e a preservação possibilitados pelo Repositório ELO, da **Electronic Literature Organization** (ELO).

Um ponto importante para se pensar a leitura de literatura eletrônica é o acesso às obras literárias. A autora pontua que, nos volumes 1 e 3 da Electronic Literature Collection, coletâneas lançadas pela ELO em 2006 e 2016 e objetos de pesquisa do artigo, tem-se o fato de que algumas obras digitais não funcionam integralmente, na maioria das vezes devido a incompatibilidades técnicas. Nesses casos, o terceiro volume da coletânea oferece uma gravação da leitura da obra – o que acontece em acervos como o Observatório da Literatura Digital Brasileira.

Por fim, o texto de Guimarães e Ribas (2016) se desenvolve a partir de uma reflexão sobre literatura infantil na sociedade multimidiática. Apesar de não abordarem, propriamente, uma obra literária digital, e sim o livro **Aperte Aqui**, de Hervé Tullet, as autoras refletem sobre o impacto das diversas tecnologias no desenvolvimento leitor das crianças.

É interessante considerar que algumas das obras literárias digitais mencionadas pelos autores dos artigos, como **Amor de Clarice**, de Rui Torres, estão, atualmente, hospedadas no site da **Electronic Literature Collection**³⁰,

³⁰ Disponível em < <https://collection.eliterature.org>>. Acesso em 5 jun. 2023.

organizadas dentro de seus quatro volumes. Reafirma-se a importância do trabalho de conservação dessas obras eletrônicas por meio de coleções e repositórios, especialmente ao pensar que os recursos tecnológicos são necessários para a leitura dessa manifestação literária.

A eventualidade de obsolescência de determinadas obras é uma preocupação que acompanha, constantemente, as discussões sobre literatura digital. A dependência de determinados programas para que as obras sejam lidas em sua maneira pensada originalmente impactam a continuidade do campo literário eletrônico e se relaciona com a questão da manutenção de um acervo de literatura digital.

Por outro lado, é possível realizar um processo de conservação de obras literárias digitais, ao utilizar recursos como a captura de tela em vídeo para registrar o percurso leitor de uma obra. Desse modo, as características estéticas e literárias principais da obra seriam conservadas, mesmo que a experiência de interatividade com a literatura possa vir a ser reduzida.

Em alguns artigos levantados, a discussão não se desenvolve, especificamente, sobre a literatura eletrônica, mas sim sobre a disseminação de questões envolvendo a literatura impressa no âmbito da internet, por meio das redes sociais. Tem-se uma movimentação de “digitalização” da literatura, ou, pelo menos, de uma maior circulação literária. É possível pensar que essa ocupação da literatura no âmbito digital pode gerar, eventualmente, um processo de transcodificação dessas obras literárias.

A tecnologia é, por essência, uma questão basilar para a literatura eletrônica, de modo que se faz necessário lançar mão de recursos tecnológicos a fim de se produzir e ler literatura. Tem-se, então, dois cenários: a subversão de **softwares** que não foram desenvolvidos, inicialmente, para produzir literatura – como o Flash, o AutoCad e os hiperlinks – e, por outro lado, o movimento de criação de outros **softwares**, como o **Storyspace**, com o intuito específico de produção literária. A coexistência entre tecnologia e literatura possibilita não somente a circulação do texto literário em ambientes digitais e a mediação de leitura, mas, ainda, a produção, leitura e acervo de obras literárias digitais.

3.3. A circulação teórico-metodológica

Observar a circulação teórico-metodológica dos artigos científicos levantados é importante para se pensar quais as influências dos agentes do campo da literatura digital e, assim, compreender as movimentações existentes dentro do campo.

Para isso, foi realizado um levantamento acerca dos autores citados nos quinze artigos científicos que constituem parte do corpus. Nove autores principais foram selecionados, a saber: N. Katherine Hayles, Espen Aarseth, Lev Manovich, Henry Jenkins, Pierre Levy, Roger Chartier, Roland Barthes, Mikhail Bakhtin e Michel Foucault.

A escolha das influências teóricas a serem observadas se deu por dois motivos. Primeiramente, alguns deles se fazem presentes nas discussões sobre teoria literária e literatura digital desenvolvida na presente dissertação, nos Capítulos 1 e 2 – Hayles, Aarseth, Manovich, Chartier e Barthes. Segundamente, a recorrência da citação dos outros autores – Bakhtin, Foucault, Levy e Jenkins – foi observada durante a leitura e análise dos artigos científicos, justificando a necessidade de uma atenção especial para as suas referências.

Enquanto as citações dos textos de Mikhail Bakhtin e Michel Foucault reforçam a influência da teoria literária em relação à consolidação do campo literário eletrônico, a presença de autores como Henry Jenkins e Pierre Levy demonstram o impacto da Cultura de Convergência nas discussões sobre literatura digital. Tem-se, então, um movimento de relação entre essas duas áreas, ou seja, campos que podem parecer distintos em um primeiro momento, mas, devido às suas especificidades, tendem a se aproximar.

Realizou-se, assim, um levantamento acerca da presença desses autores como referência bibliográfica.

Quadro 3 - Levantamento dos teóricos referenciados pelos autores dos artigos científicos presentes no *corpus*

Autoria	Hayles	Aarseth	Manovich	Jenkins	Levy	Chartier	Barthes	Bakhtin	Foucault
Athayde; Rocha (2020)			x	x					
Pereira (2020)	x								
Rocha (2018)	x				x				

Ferreira; Oliveira (2017)	x				x				
Kirchof (2016)	x	x	x	x	x				
Maduro (2016)	x	x					x		
Ribeiro (2016)						x	x		x
Rocha (2016)	x				x	x			
Corrêa (2016)		x							
Guimarães; Ribas (2016)				x			x	x	x
Oliveira (2016)				x	x				
Borges; Lemos; Pereira (2021)									
Moura (2021)	x	x							
Rocha; Amâncio (2019)	x		x		x				
Estevão (2020)	x			x					

Fontes: SciELO e Observatório da Literatura Digital Brasileira.

Os autores selecionados para observarmos o percurso teórico são significativos para pensar e compreender o lugar dos textos literários digitais no campo literário, e possibilitar uma análise dessa manifestação como literatura, e não somente como produto tecnológico. Suas contribuições permeiam desde estudos sobre o desenvolvimento dos aspectos literários no suporte eletrônico até discussões sobre a cultura da convergência, e, ainda, autores cujas ideias influenciam a crítica e a teoria literária desde o século XX.

O levantamento indicou que, entre os teóricos selecionados, N. Katherine Hayles é a autora mais referenciada pelos artigos científicos, sendo parte das referências bibliográficas de nove deles. A autora é considerada uma pioneira nos estudos sobre literatura digital, por vezes citada a fim de situar questões basilares da literatura eletrônica, como seu início e desenvolvimento nos Estados Unidos, seus suportes e manifestações, e, ainda, o impacto da mídia digital no processo de escrita e leitura literária. Sua obra **Literatura Eletrônica: novos horizontes para o literário** é referenciada sete vezes, e outras como **Electronic Literature: what is it?**, **Writing machines, How we think**. Digital media and contemporary technogenesis e **How we became posthuman** também são referenciadas pelos autores dos artigos.

Espen Aarseth, responsável por cunhar o termo “literatura ergódica”, possui grande influência nas reflexões sobre os procedimentos de leitura em contexto digital, incluindo jogos eletrônicos. Sua obra **Cybertext: perspectives on ergodic literature** é referenciada em quatro artigos. A recorrência de referências a de Hayles e Aarseth implica que os autores já são bibliografias consolidadas no âmbito dos estudos sobre literatura digital. Lev Manovich, autor influente nas discussões sobre as mudanças na comunicação e cultura digital, é mencionado com os textos **El lenguaje de los nuevos medios de comunicación**³¹, **Banco de dados como gênero das novas mídias**, **Cultural software** e **Instagram and contemporary image**. Assim como os demais autores, a influência de Manovich aponta uma tendência a relacionar as multimodalidades e os novos meios de comunicação ao texto literário.

Questões editoriais e conceitos sobre a escrita literária e a autoria do texto literário são retomadas pela referência a autores como Roland Barthes, em três artigos, e Roger Chartier, em dois. Barthes é considerado referência na teoria literária, especialmente ao pensar os aspectos referentes à escrita literária, ou escritura. Seu viés estruturalista permanece relevante até aos dias atuais para se pensar conceitos fundamentais do texto literário como a forma, a escrita e o estilo. O autor manifesta-se como bibliografia pelas obras **A morte do autor**, **Le degré zéro de l'écriture**, **O óbvio e o obtuso**: ensaios sobre fotografia, cinema, pintura, teatro e música e **S/Z**.

Chartier, por sua vez, parte da História Cultural e permeia o campo literário ao desenvolver estudos sobre os processos de escrita e leitura em suportes eletrônicos e dissertar sobre as tendências do livro como objeto e da literatura nos dias atuais. **A ordem dos livros**: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII, **Cultura escrita, literatura e história**: conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antônio Saborit, **Os desafios da escrita** e **O que é um autor?** Revisão de uma genealogia são obras referenciadas pelos autores dos artigos que constituem o corpus.

A discussão sobre literatura ainda é pautada por autores como Bakhtin, presente em um artigo científico com os textos **Marxismo e filosofia da linguagem** e **Estética da criação verbal**. Michel Foucault é referenciado ao pensar literatura

³¹ Também referenciado em sua versão em inglês, **The language of new media** (2001).

em dois artigos científicos com duas obras distintas, **O que é um autor?** e **A ordem do discurso**.

Os autores Henry Jenkins e Pierre Levy são referenciados em cinco e seis artigos, respectivamente. Nota-se, aqui, a aproximação existente entre o campo literário e a questão da cultura da convergência. A obra **Cultura da convergência**, de Jenkins, faz parte da referência bibliográfica de quatro artigos, enquanto o livro **Cultura da conexão**: criando valor e significado por meio da mídia propagável é referência de um artigo. Pierre Levy, por sua vez, tem o livro **Cibercultura** também referenciado em quatro artigos e **As Tecnologias da Inteligência** em um.

O conceito de cultura da convergência foi criado por Henry Jenkins e parte de três aspectos principais: a convergência dos meios de comunicação, a cultura participativa e a inteligência coletiva. Por meio da cultura da convergência é possível realizar um diálogo entre diversos campos – como a arte, a música, a televisão e os suportes midiáticos. Dessa maneira, relacionam-se os processos presentes no campo midiático e a possibilidade de escrita literária.

A circulação de conteúdos – por meio de diferentes sistemas de mídia, sistemas administrativos de mídias concorrentes e fronteiras nacionais – depende fortemente da participação ativa dos consumidores. Meu argumento aqui será contra a ideia de que a convergência deve ser compreendida principalmente como um processo tecnológico que une múltiplas funções dentro dos mesmos aparelhos. Em vez disso, a convergência representa uma transformação cultural, à medida que consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos de mídia dispersos. (Jenkins, 2013, p.30)

Assim, a possibilidade de diversas manifestações culturais em suportes tecnológicos distintos possibilita o movimento de transmidialidade, ao desenvolver conteúdos diferentes sobre um mesmo assunto em plataformas diferentes. Entre as várias possibilidades de circulação e criação de conteúdo, tem-se a apropriação dos meios de comunicação para produzir e ler literatura digital. Os autores dos artigos científicos estabelecem, em sua maioria, diálogo entre pensadores da teoria e crítica literária e autores de outros campos, como o da comunicação, para investigar as potencialidades do campo literário digital.

Além dos autores selecionados a fim de investigar o percurso teórico dos artigos científicos, destaca-se a presença da referência ao autor Walter Benjamin, referenciado em dois artigos sobre a questão da arte na tecnologia; Janet Murray

também é mencionada em um artigo, especialmente quanto à questão do agenciamento na literatura digital.

Por meio do levantamento e análise do percurso teórico desenvolvido nos artigos científicos no **corpus**, é possível concluir que os agentes do campo literário digital possuem grande influência de autores já consolidados da teoria e da crítica literária, como Roland Barthes, Roger Chartier, Michel Foucault e Mikhail Bakhtin. As ideias sobre a escrita, a autoria e os aspectos do texto literário desses autores seguem reverberando dentro das discussões sobre literatura digital.

Tem-se, ainda, um diálogo com referenciais teóricos mais recentes e centralizados na discussão sobre o texto literário produzido e circulado eletronicamente, como N. Katherine Hayles, Espen Aarseth e Lev Manovich. O movimento de relacionar os ideais “canônicos” da literatura essencialmente impressa àqueles desenvolvidos, especialmente, para os suportes eletrônicos, demonstra uma tendência de que os aspectos tecnológicos e multimodais dessas obras literárias sejam observados em conjunto com as questões referentes à escritura.

Por fim, as investigações sobre literatura digital demonstram encontrar espaço dentro do conceito de cultura da convergência, posto que tal campo possibilita um diálogo entre novas mídias, novas tecnologias e manifestações culturais. Ao se pensar o texto literário enquanto manifestação de uma cultura, é natural que a cultura de convergência possibilite uma maior discussão e diálogo entre os campos da literatura e da tecnologia.

Analisar o percurso teórico realizado pelos autores dos artigos científicos permite observar uma tendência nas pesquisas sobre literatura digital: o diálogo constante com pensadores de outros campos do conhecimento, para além do literário. Teóricos do campo da tecnologia e da comunicação demonstram contribuições relevantes para se pensar a formação de uma tradição literária digital. Autores consolidados do campo das letras permanecem presentes nas discussões, o que implica no fato de que as investigações sobre literatura eletrônica permanecem em constante diálogo com esses outros campos.

Capítulo 4 - Análise do conteúdo: dissertações e teses

O presente capítulo busca organizar e analisar as dissertações e as teses levantadas ao longo da investigação, disponíveis nos do Catálogo de Teses e Dissertações (CAPES) e no Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Linguística (NUPILL). O número de quatro teses e cinco dissertações selecionadas para o desenvolvimento da pesquisa correspondem àquelas que possuíam, em seu título, ao menos um dos descritores selecionados: “literatura digital”, “leitura digital”, “literatura e tecnologia”, “literatura eletrônica”, “literatura digital e ensino” e “leitura digital e ensino”.

Por meio da análise do material levantado, é possível analisar as influências das discussões sobre a literatura digital e suas representações sociais no ensino e na formação dos professores de literatura, de modo que os documentos refletem as investigações desenvolvidas, recentemente, pelos agentes do campo das Letras.

Quadro 4 - Levantamento bibliográfico sobre dissertações nas bases de dados selecionadas.

Título	Autoria	Ano
LITERATURA E TECNOLOGIA NA SALA DE AULA: UM DIÁLOGO MEDIADO PELO PROFESSOR NA FORMAÇÃO DO LEITOR DE TEXTOS LITERÁRIOS	ESTELA DA SILVA LEONARDO	2017
LITERATURA ERGÓDICA: OS MÚLTIPLOS CAMINHOS NA NARRATIVA DIGITAL DE LIFE IS STRANGE	LUIS ANTONIO TRIGOLO JUNIOR	2020
LITERATURA E ENSINO MÉDIO: a mediação do professor e das novas tecnologias no processo ensino-aprendizagem	FABIANI RODRIGUES TAYLOR COSTA	2017
LEITURAS MULTIMODAIS DE O MÁGICO DE OZ POR ALUNOS DE 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: POSSIBILIDADE DE UM ENSINO PLURALISTA DE LITERATURA	NATALIA BARROS DA SILVA GOMES	2017
LITERATURA E GAMES: QUESTÕES ATUAIS DO ESTABELECIMENTO DO CAMPO LITERÁRIO	MARIO LOUSADA DE ANDRADE	2016

Fontes: Catálogo de Teses e Dissertações (CAPES) e Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Linguística (NUPILL).

Quadro 5 - Levantamento bibliográfico sobre teses nas bases de dados selecionadas.

AUDIOLIVROS DIGITAIS E LETRAMENTO LITERÁRIO: ENSINO DE LITERATURA NA CULTURA DA CONVERGÊNCIA	ANDERSON AMARAL DE OLIVEIRA	2020
MINICONTOS NA INTERNET E FORMAÇÃO DE LEITORES	SIMONE DE SOUZA BURGUES	2019
CRIAÇÃO, TEORIA E CRÍTICA NA LITERATURA ELETRÔNICA	Cláudio Augusto	2018

ESTADUNIDENSE	Carvalho Moura	
FENOMENOLOGIA DA LEITURA LITERÁRIA EM MEIO DIGITAL: O USO DA FERRAMENTA DLNOTES2	EMANOEL CESAR PIRES DE ASSIS	2016

Fontes: Catálogo de Teses e Dissertações (CAPES) e Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Linguística (NUPILL).

Assim como no capítulo anterior, lança-se mão da organização da análise do conteúdo por meio de categorias selecionadas, a saber: “as manifestações literárias”, observando as obras literárias digitais exploradas nos documentos; “a tecnologia e a literatura digital”, em que observa-se a presença da tecnologia nas investigações; e “a circulação teórico-metodológica”, em que se realiza uma análise sobre as influências teóricas e referências bibliográficas dos autores.

Ainda, excepcionalmente, tem-se no presente capítulo a presença de uma quarta categoria, “o ensino de literatura”. A criação dessa categoria no momento em que se analisam as dissertações e teses do **corpus** justifica-se devido ao fato de que essa questão é abordada por algumas das investigações, em detrimento dos artigos científicos, em que os temas não abordaram a questão do ensino de literatura.

Ao selecionar o Catálogo de Teses e Dissertações (CAPES) e o Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Linguística (NUPILL) como fontes de pesquisa e levantamento do **corpus**, buscou-se abranger dois ambientes bastante distintos. O primeiro é considerado um portal de amplo acesso e conta com centenas de trabalhos – de modo que a escolha dos trabalhos se deu pela leitura de cada um deles, a partir dos filtros aplicados e dos descritores selecionados. O segundo, por sua vez, refere-se a um ambiente mais específico, o NUPILL, de modo que seus pesquisadores e os trabalhos desenvolvidos se relacionam, em tese, mais intimamente com a produção literária em contexto digital.

Observar e analisar as dissertações e as teses encontradas durante o levantamento do estado da arte sobre literatura digital implica em uma maior compreensão dos movimentos do campo literário, de modo que as análises, as leituras e as interpretações das obras literárias – impressas e digitais – criadas pelos autores dos trabalhos se desenvolvem de maneiras distintas. Enquanto alguns trabalhos relatam experiências específicas do ensino de literatura contando com a tecnologia como recurso mediador, outros trabalhos buscam observar aspectos literários e estéticos de objetos digitais.

4.1. As manifestações literárias

Assim como na sessão de mesmo nome presente no terceiro capítulo, tem-se como objetivo específico observar as obras literárias digitais citadas pelos autores das dissertações e das teses. Além de características literárias das obras, questões sobre leitura e autoria aparecem ao longo das discussões.

O **corpus** conta com cinco dissertações de mestrado, das quais duas possuem, como ponto principal, jogos eletrônicos. As outras três, por sua vez, são trabalhos desenvolvidos sobre a presença da literatura – impressa – em sala de aula e qual o papel da tecnologia para mediação do ensino de literatura.

Andrade (2016) disserta sobre o estabelecimento de um novo campo literário pensado a partir da cultura da convergência e das relações existentes entre jogos eletrônicos e literatura. O ponto principal da discussão é o jogo **Assassin's Creed III**, lançado em 2012, tendo como enfoque principal a construção da narrativa do jogo.

A dissertação aborda a adaptação de textos literários para jogos eletrônicos, mencionando como exemplo **Dante's Inferno**, inspirado em **A Divina Comédia**, de Dante Alighieri; **Alice: Madness Returns**, inspirado em **Alice no País das Maravilhas** de Lewis Carroll e **Beowulf: The Game**, inspirado no poema épico anglo-saxão de mesmo nome. Quanto às adaptações, o autor reitera a importância do desenvolvimento de elementos como a jogabilidade, a multimodalidade e a interatividade para a comercialização e aceitação desses jogos.

No caso de textos literários adaptados para jogos eletrônicos, tem-se um encontro entre o campo literário e o campo eletrônico, posto que elementos característicos da estilística, da narrativa e do texto literário estão dispostos em um produto interativo pensado com o intuito de entreter seus consumidores. Ainda, é importante considerar se os instrumentais teóricos do campo literário abrangem as implicações poéticas dessas narrativas, considerando as especificidades desses suportes eletrônicos.

A investigação categoriza o jogo **Assassin's Creed III** enquanto narrativa transmídia, apontando as peculiaridades da narrativa estabelecida do jogo. É possível considerar a hipótese

[...] de que o campo literário não deve ser compreendido como “fechado” somente ao que é literatura, encontrando espaço para abarcar – através da convergência – formas ficcionais que circulam

em diferentes modalidades artísticas e comunicacionais. Debruçando-se sobre suas particularidades narratológicas, identificando suas relações, enquanto produtos ficcionais, com a sociedade, a fim de ofertar à demanda atual de leitores instrumentos para que realizem a leitura ficcional presente nesses objetos da forma mais crítica possível. No entanto, para que essa leitura crítica possa acontecer de maneira cada vez mais eficiente é necessário que se verifique não somente a diegese das narrativas de games, mas também o seu discurso narrativo, isto é, a sua forma, sua construção, sua poética (Andrade, 2016, p. 89).

Desse modo, é pertinente que as discussões sobre jogos narrativos eletrônicos sejam desenvolvidas junto ao campo literário contanto que as características próprias do jogo eletrônico enquanto suporte e mídia específica sejam consideradas ao analisar uma narrativa desse suporte.

A discussão sobre jogos eletrônicos continua na dissertação de Trigolo Jr. (2020), que lança mão do termo “literatura ergódica” – criado por Aarseth em 1997 – para analisar as possibilidades caminhos narrativos do jogo **Life is Strange**, lançado em 2015.

Assim como a dissertação de Andrade (2016), apresenta-se o embate existente entre duas vertentes de estudo sobre jogos eletrônicos: os ludologistas e os narratologistas. Enquanto os ludologistas consideram os videogames como disciplina autônoma, que não deveria ser influenciado ou impactado pelas visões de outras áreas de estudo, devido às especificidades desse produto, os narratologistas consideram videogame como uma manifestação narrativa transmídia, e seus teóricos permanecem em diálogo constante com outras áreas, inclusive a crítica literária.

O autor desenvolve reflexões sobre a narrativa, especialmente nos jogos eletrônicos, e lança mão das contribuições de Henry Jenkins para considerar as categorias narrativas. Além disso, a fundamentação teórica baseia-se em um diálogo com os autores narratologistas, especialmente Espen Aarseth, ao observar os aspectos de navegação, imersão, navegação e a multimodalidade da narração do jogo.

Ao questionar se “um jogo eletrônico pode ser texto?” (2016, p. 41), defende-se que um jogo eletrônico é composto de múltiplas linguagens, para além da verbal e a escrita – assim como a literatura eletrônica. Ao considerar aspectos como os personagem, o tempo, o espaço e o ambiente do jogo, é possível concluir que a multimodalidade dessa manifestação é o que torna o produto um todo, uma

mídia específica. Segundo o autor, é possível inclusive considerar que a narrativa desenvolvida converge com a narrativa de um livro impresso (2016, p. 77).

Ambos os trabalhos não abordam, propriamente, o texto literário digital, mas desenvolvem discussões pertinentes sobre a construção e desenvolvimento da narrativa em contexto eletrônico. O que se relaciona, de certa forma, com as discussões da presente investigação.

Quanto às demais dissertações, Costa (2017) aborda o ensino de literatura na escola, a presença das tecnologias de aprendizagem e a mediação de leitura por meio da tecnologia. Considera o professor um mediador de leitura, lançando mão dos ideais de Vigotski, e disserta sobre as abordagens do texto literário.

Ao analisar um estudo de caso pautado em questionários, defende-se que, mesmo com a utilização de recursos tecnológicos em determinados momentos das aulas de literatura, o professor ainda possui papel fundamental no ensino de literatura. Por meio da observação de aulas, conclui-se que a utilização do livro didático junto a recursos tecnológicos possibilita um processo de ensino de literatura pautado na mediação e na participação dos alunos.

Gomes (2017) disserta sobre uma experiência de leitura multimodal da obra **O Mágico de Oz**, de L. Frank Baum. A autora discute sobre um letramento que considera a abordagem de múltiplas modalidades e diversas inteligências em sala de aula. Ao longo da investigação, os alunos desenvolveram uma releitura da obra em sala de aula. Ao lançar mão do trabalho escrito, com foco na linguagem verbal, e um do trabalho multimodal, foi possível observar uma maior compreensão do texto literário por parte dos estudantes.

É interessante pontuar como o termo “multimodalidade” é utilizado na dissertação: a utilização do texto para além do verbal, por meio de recursos como a imagem e o som. Contudo, no caso da investigação, esse conceito não caminha, concomitantemente, com produções desenvolvidas em suportes eletrônicos. A utilização de tecnologia na mediação multimodal foi relativamente básica, houve um aumento interessante da responsividade dos alunos.

A discussão sobre ensino de literatura e tecnologia em sala de aula continua com a dissertação de Leonardo (2017), que explora as questões envolvendo a tecnologia como mediação de ensino do texto literário. Por meio de entrevistas realizadas, a autora aborda a intertextualidade ao praticar a leitura literária, bem

como o uso da tecnologia em sala de aula e os impactos no processo de ensino-aprendizagem.

Quanto às teses encontradas durante o levantamento, duas abordam, diretamente, a literatura digital. Moura (2018) lança um olhar para a gênese da literatura eletrônica estadunidense, desenvolvendo um estudo detalhado sobre o processo de consolidação do campo literário digital, desde o início das manifestações de ficção interativa ao processo de criação e solidificação do **Storyspace** como software basilar para a produção, a leitura e a circulação da literatura eletrônica. As especificidades dessa manifestação literária são abordadas pelo autor.

Desse modo, da mesma maneira que a hiperficção não se enquadra, enquanto gênero, por uma definição atrelada ao impresso, mas sim por uma definição de estilo proveniente da sua relação com a tecnologia; passei a enxergar que o que delimita um estilo comum entre os autores da Eastgate School é o meio compartilhado, no caso o Storyspace, e as funcionalidades que esse meio disponibiliza e que nessa conjuntura o estilo individual é definido pela forma como a ferramenta e suas funcionalidades são interpretadas por cada autor. O que resulta num conjunto de usos particulares que pode ser traduzido como a marca autoral que diferencia cada obra dentro de um recorte que chamei, intuitivamente, de tecnoestilístico. (Moura, 2018, p.147).

A utilização do termo “tecnoestilístico”, adotado pelo autor, diz respeito aos aspectos estruturais e estilísticos das obras literárias digitais. Desse modo, analisam-se tanto as questões envolvendo questões multimodais, como os sons e os recursos visuais, como outros aspectos que impactam na leitura das obras, como a interatividade, as possibilidades de navegação e a construção das obras no **software**.

Os membros da **Eastgate School**, modo de referir-se aos pesquisadores e produtores de literatura digital envolvidos com o sistema de produção e circulação de literatura eletrônica de maior influência na época, também são analisados pelo autor. Robert Coover, George Landow, Katherine Hayles e Espen Aarseth são considerados teóricos e críticos expoentes, cujos trabalhos foram de crucial relevância para a consolidação do campo.

O autor concentra grande parte da investigação na compreensão e análise do **Storyspace**. Além disso, as obras **afternoon: a story**, de Michael Joyce, **Patchwork girl**, de Shelley Jackson, e **Victory garden**, de Stuart Moulthrop são analisadas.

As manifestações literárias eletrônicas são o ponto principal da tese de Burguês (2019), contudo, em outro gênero: os minicontos. Evolução do gênero conto, o miniconto tem se popularizado cada vez mais, tanto de maneira impressa quanto digital. A autora analisa suas modificações, realiza uma análise estrutural e interpretativa de alguns minicontos e discute a formação leitora no ambiente digital.

A minificação eletrônica é considerada uma prática literária do miniconto da **internet**, lugar em que o gênero encontra uma possibilidade de produção, de leitura e de circulação literária. Os minicontos possuem três aspectos principais: a brevidade, a narratividade e a ficcionalidade.

O que está entre o início e o desfecho do miniconto é o mais difícil de escrever, devido a diversidade de possibilidades para o desenrolar da narrativa. É nesse meio entre o início e o fim que o escritor deve mostrar quão bom ele o é. Afinal, o processo de escritura de um miniconto é um dos mais difíceis e lapidados. Nesse sentido, quanto melhores as escolhas lexicais, mais alta será a qualidade do texto e menos palavras “auxiliares” serão necessárias (Burguês, 2019, p.45).

O miniconto é, assim, um gênero literário condensado e expressivo. Ao contar com uma quantidade reduzida de vocábulos, é necessário que o leitor desenvolva a ideia completa da ficção em um espaço menor do que aquele em que contos são desenvolvidos. A partir do momento em que alcançam a esfera digital, os minicontos passam a ser considerados cibertextos que, por sua vez, são considerados ergódicos. Tem-se, dessa maneira, a possibilidade de participação ativa do leitor, como a interatividade, a depender dos mecanismos utilizados em sua produção e o compartilhamento dos textos em outras redes sociais.

A presença da tecnologia no ensino de literatura e na mediação de leitura literária são abordadas nas demais teses encontradas no levantamento. Oliveira (2020) desenvolve um trabalho sobre letramento literário e audiolivros digitais, observando essa relação no contexto do ensino de literatura. O autor realiza um levantamento do estado da arte sobre o letramento literário para, então, contextualizar o audiolivro enquanto gênero textual.

É importante salientar que o audiolivro se refere à gravação de livros escritos, que são lidos em voz alta por narradores profissionais ou amadores ou, ainda, pelo próprio autor. É considerado um fenômeno cross-mídia, posto que lança mão de tipos diferentes de mídia a fim de reproduzir uma mesma narrativa. O autor também disserta sobre o mercado editorial e o impacto dos audiolivros no campo da

educação. Ao longo da investigação, Oliveira realizou um exercício com os audiolivros em aulas de literatura de duas escolas, de modo que os alunos tinham que se organizar e, em grupos, realizar a gravação de audiolivros.

É interessante considerar a possibilidade de impacto que o audiolivro possui no ensino de literatura. Dos pontos de vista técnico, tecnológico e pedagógico, o audiolivro é uma ferramenta que mobiliza tanto a leitura do texto literário como, além disso, a compreensão deste, de modo que é necessário uma familiaridade com o texto impresso para que seja possível gravar sua narração. Tal gênero textual se mostra mais um modo de aliar tecnologia ao ensino de literatura.

De Assis (2016) pauta seu estudo a partir da fenomenologia da leitura literária, ao buscar compreender a leitura de literatura em meio digital. O autor utiliza uma ferramenta de leitura e anotação de textos literários no ambiente digital, o **DLnotes2**. Com ela, é possível ler obras digitalizadas e fazer anotações digitalmente. Ao observar atentamente a relação do leitor com a ferramenta, que foi utilizada por anos em salas de aula de universidades, remotas e online, o autor compreende que leitores passaram a participar mais direta e decisivamente do processo de leitura e compreensão textual.

Experiência sensitiva e motora, a leitura literária anotada, fazendo os horizontes da obra e do leitor cambiarem-se continuamente, põe em constante estado de contato, toque mesmo, aquilo que o leitor traz consigo e aquilo que a obra se põe a secretar. Do choque, leitor e obra saem transformados. O leitor, parte sensitiva da experiência, tem seu mundo e modo de ser modificados, a obra, parte irradiadora de sentido, modificando visões, passa a fazer parte dos objetos culturais que marcam e, inevitavelmente, diversificam as formas de nos compreendermos (De Assis, 2016, p. 201).

Tem-se, aqui, dois pontos importantes: a leitura de textos literários digitalizados, realizada pela ferramenta **DLNotes2**, e a possibilidade de anotações sobre esses textos. Ao analisar as anotações feitas durante a leitura de obras basílicas da literatura de língua portuguesa, como os poemas de Gregório de Matos, **Memórias Póstumas de Brás Cubas** e **Dom Casmurro**, de Machado de Assis, é possível observar que essas questões se entrelaçam ao longo do estudo e são significativas para pensar a literatura em meio digital.

A partir da análise das inserções literárias presentes nas teses e dissertações que compõem o corpus da presente investigação, é possível concluir que apenas dois trabalhos abordaram, diretamente, o texto literário digital. Burguês (2019) e

Moura (2018) possuem teses que retomam a literatura enquanto manifestação eletrônica ao falar sobre microcontos e obras literárias estadunidenses já consolidadas.

A questão da narrativa e as relações existentes entre o campo da literatura e o dos jogos eletrônicos é pontuada por Junior (2020) e Andrade (2016), dissertações nas quais é interessante observar como a área de Letras se faz presente em discussões que não se restringem ao texto literário, propriamente dito. Tais campos, distintos, desenvolvem-se com a possibilidade de interação e enriquecimento teórico.

Os demais trabalhos abordam, essencialmente, a utilização da tecnologia e dos recursos tecnológicos como mediadores e auxiliares do processo de ensino de literatura. Apesar de ter como enfoque principal a literatura impressa, as dissertações de Leonardo (2017), Costa (2017) e Gomes (2017) demonstram um movimento por parte de professores e pesquisadores de literatura de incluir, cada vez mais, recursos tecnológicos no processo de ensino-aprendizagem. Tal atividade pode, eventualmente, abrir espaço para maior discussão, leitura e produção de textos literários digitais. Ainda, os audiolivros, presentes na tese de Oliveira (2020) e a ferramenta **DLNotes2**, tema da tese de De Assis (2016) reforçam a influência da tecnologia no ensino de literatura, de modo que lançar mão desses recursos possibilita uma maior aproximação com o texto literário.

Ao analisar as manifestações literárias presentes nas dissertações e nas teses que constituem o **corpus** deste trabalho, é relevante constatar que a utilização de termos como “tecnologia” e “digital” estão presentes nos títulos, palavras-chave e resumos de trabalhos que se desenvolvem pautados na literatura impressa. Por isso, fez-se necessário ler os documentos na íntegra e não somente seus resumos.

Desse modo, é interessante observar que os trabalhos que não se relacionam diretamente com a literatura digital em si ainda constituíram o **corpus** da investigação. Isso se dá pelo fato de que, no momento do levantamento do estado da arte para a análise das tendências da literatura digital e do ensino, os títulos dos trabalhos continham os descritores selecionados previamente para realizar o procedimento. Isso demonstra, então, uma correlação entre a literatura digital, a literatura impressa e a adaptação, por parte dos agentes do campo da literatura, aos recursos tecnológicos e digitais.

Observa-se, então, uma tendência a recorrer às Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) como mediadoras do ensino de literatura. Enquanto esse movimento pode significar uma aproximação com os textos literários em suportes digitais e, conseqüentemente, com manifestações literárias eletrônicas, é importante considerar qual o impacto da mediação tecnológica no processo de ensino e aprendizagem de literatura.

4.2. A tecnologia e a literatura digital

Partindo do pressuposto da sessão de mesmo nome presente terceiro capítulo, lança-se um olhar para as tecnologias digitais mencionadas nas dissertações e nas teses, especialmente no que diz respeito ao suporte eletrônico para a produção, leitura e circulação literária.

Andrade (2016) e Trigolo (2020) dissertam sobre jogos eletrônicos – **Assassin's Creed III** (2012) e **Life is Strange** (2015), respectivamente. Os dois jogos, cujas narrativas foram analisadas pelos autores, são produtos de grande circulação mundial, disponíveis nas principais plataformas próprias para videogame e, também, para computadores. Tratam-se de mídias bastante conhecidas em seus segmentos, sendo jogadas por pessoas que possuem os mais distintos suportes.

A tecnologia é parte do estudo de Costa (2017) ao observar a presença de recursos tecnológicos no ensino de literatura. Considera-se o professor como mediador do processo de ensino e, também, as ferramentas utilizadas pelo mesmo no ambiente de ensino-aprendizagem. A autora ressalta a utilização por parte do professor de recursos como o **PowerPoint** e o **Word** em sala de aula como suportes de mediação, o que possibilita uma discussão sobre os textos literários. No que diz respeito à apresentação de trabalhos sobre literatura, os alunos apontaram o uso do **PowerPoint**, do **Word** e do **MovieMaker**.

A releitura multimodal de **O Mágico de Oz** desenvolvida por Gomes (2017) lança a mão apenas do computador como suporte tecnológico, especificamente para o desenvolvimento das aulas de literatura em que a investigação aconteceu. Os recursos utilizados para as atividades foram aqueles designados para apresentações, como o **Powerpoint** e o **Prezi**, e também aqueles utilizados para a apresentação de vídeos e músicas – no caso, “Somewhere over the rainbow”, música tema da adaptação cinematográfica da obra.

Leonardo (2017) observa a utilização das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) como instrumentos pedagógicos para a prática de leitura, especialmente, de textos literários. Elabora roteiros didáticos que relacionam oralidade, intertextualidade e temática nas práticas de leitura literária. Pontua-se a necessidade de uma tecnologia específica para o desenvolvimento do plano de investigação.

Obviamente, para a eficácia desses roteiros, a infraestrutura básica elementar, precisa estar acessível, pois necessita-se de computador; caixa de som datashow; acesso à internet – ferramentas mínimas quando se pensa em ensino e tecnologia na escola, e, o que é comum hoje em dia, cada aluno ter um celular, quando possível (Leonardo, 2017, p.50).

É interessante observar a utilização de tecnologia no processo de exploração das multimodalidades no ensino de literatura nas três dissertações que trazem, em suas pesquisas, as mediações existentes entre leitura e compreensão do texto literário e tecnologia. Um computador com boa qualidade de som e projeção de imagem, além de acesso à internet, é, por vezes, tudo o que um professor de literatura necessita para desenvolver o processo de ensino do texto literário com o auxílio da tecnologia.

Observam-se, nas dissertações analisadas, duas naturezas de pesquisa. Primeiramente, tem-se análises sobre a narrativa de jogos eletrônicos; em segundo lugar, desenvolve-se um olhar para o ensino de literatura – impressa – em sala de aula e a presença da tecnologia nesse processo. Basicamente, dois suportes são explorados nesses dois casos: os consoles próprios para os jogos eletrônicos e, também, o computador, que não só é a ferramenta utilizada pelos professores de literatura nos casos analisados como, também, pode reproduzir os jogos eletrônicos estudados nas demais dissertações.

Em sua tese, Moura (2018) explora bastante as questões tecnológicas envolvendo o software **Storyspace**, desde sua construção e funcionamento até o impacto que as obras literárias desenvolvidas dentro da ferramenta possuem até os dias atuais. É interessante observar como os trabalhos do autor, que conta com um artigo analisado na presente dissertação, no Capítulo 3, corroboram com o que tem sido discutido na investigação, especialmente quanto à consolidação da literatura digital enquanto campo literário.

O estudo de Burguês (2019) sobre microcontos aponta que tal manifestação está presente em diversos suportes. Apesar de ter origem no meio impresso, encontrou espaço no ambiente digital, devido tanto às possibilidades de criação quanto à maior circulação. Está presente em diversos sites, que por vezes possibilitam que o leitor interaja com as obras. Além disso, até mesmo “videominicontos” podem ser encontrados no **YouTube** (p.59).

A autora sustenta a ideia de que o leitor de literatura eletrônica, ao fazer uso de um computador, é também um internauta. Dessa maneira, existe a possibilidade de descoberta, de interatividade e até mesmo da própria escritura, bem como adaptações e o processo de transmedialidade.

O audiolivro como ferramenta para o ensino de literatura é explorado por Oliveira (2020). É interessante observar que a prática de consumir o conteúdo do audiolivro “depende de uma tecnologia de distribuição que atua como um suporte físico para sua reprodução, é importante destacar que a experiência com o objeto depende do funcionamento dessa tecnologia” (Oliveira, 2020, p. 64).

Desse modo, a tecnologia é condição fundamental para a produção e a reprodução dos audiolivros. Atualmente, os celulares têm sido a escolha mais popular para a reprodução dos audiolivros, devido à praticidade de acesso e à oferta de obras em plataformas de streaming. Na investigação realizada pelo autor, os alunos de duas escolas deveriam gravar versões para audiolivros de obras literárias impressas. Isso possibilitou a eles a chance de ter um contato direto com os recursos tecnológicos necessários para a produção desse gênero textual.

O estudo de De Assis (2016) sobre a ferramenta **DLNotes2**, utilizada para leitura de textos literários digitalizados e anotações desses textos em ambiente digital, aponta uma tendência da utilização da tecnologia: o desenvolvimento de **softwares** que possibilitem alternativas para a leitura de literatura em um suporte eletrônico. Tem-se uma opção de leitura literária dentro do ambiente digital.

Não é que o modelo tradicional, se é que assim podemos falar, deixou de se mostrar eficiente, longe disso. O que as tecnologias digitais vêm fazendo, mesmo a contragosto de tecnóforos, está muito mais relacionado a uma ampliação da nossa capacidade de compreensão e entendimento de fenômenos relacionados à produção, circulação e consumo de literatura. A análise minuciosa e detalhista da obra literária ganha um aliado. As partes não se excluem (De Assis, 2016, p. 196).

Assim, reitera-se a ideia de que os suportes digitais não suplantarão os eletrônicos, mencionados no Capítulo 2 da presente investigação. Tanto no desenvolvimento de obras naturalmente eletrônicas, quanto na leitura de obras inicialmente impressas que passaram pelo processo de digitalização, é interessante observar uma abertura, por parte de alguns pesquisadores da área de literatura digital, visando desenvolver ferramentas digitais que auxiliem no processo de leitura literária.

É significativo ressaltar o impacto que o computador possui para as discussões desenvolvidas pelos pesquisadores, tanto das teses quanto das dissertações. Ambos os jogos eletrônicos analisados por Junior (2020) e Andrade (2016) possuem versões para sistemas computacionais. Nos estudos de Leonardo (2017), Costa (2017), Gomes (2017), Oliveira (2020) e De Assis (2016) o computador se mostra um recurso indispensável para a inserção da tecnologia no processo de ensino e aprendizagem. O acesso aos minicontos analisados por Burguês (2019) é feito, na maior parte dos casos, por computador, enquanto a leitura de obras literárias eletrônicas que é realizada por Moura (2020) necessita do computador. O que se tem é um diálogo cada vez maior entre os campos da tecnologia e da literatura, tanto no processo de produção de textos literários quanto de ensino.

4.3. A circulação teórico-metodológica

Observa-se, na presente sessão, o percurso teórico utilizado pelos autores das teses e das dissertações. Os critérios de escolha para observar os teóricos citados pelos trabalhos foi o mesmo daquele desenvolvido no Capítulo 3.

Quadro 6 - Levantamento dos teóricos referenciados pelos autores das dissertações presentes no *corpus*

Autoria	Hayl es	Aars eth	Manov ich	Jenki ns	Lev y	Charti er	Barth es	Bakh tin	Fouc ault
Leonardo (2017)					x	x	x		
Junior (2020)		x		x			x		
Costa (2017)						x			
Gomes (2017)				x	x	x			
Andrade (2016)		x		x	x				

Fontes: Catálogo de Teses e Dissertações (CAPES) e Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Linguística (NUPILL).

Dentre as dissertações, os autores mais citados foram Henry Jenkins, Pierre Levy e Roger Chartier, de modo que cada um deles é citado em três artigos. A obra **Cultura da convergência** é citada nos três trabalhos, enquanto **Transmedia 202: Further Reflections** e **Game Design as Narrative Architecture** são citados uma vez cada, especialmente por tratarem sobre a construção da narrativa transmídia. **Cibercultura**, de Pierre Levy, também é citada três vezes, enquanto **A inteligência coletiva** é citada duas vezes e **O que é o Virtual?** uma vez. As influências de Roger Chartier são perceptíveis pela presença dos textos **Crítica textual e história cultural: o texto e a voz, séculos XVI-XVII**, **Práticas de leitura**, **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**, **Os desafios da escrita** e **A aventura do livro: do leitor ao navegador** nas referências bibliográficas das dissertações.

Espen Aarseth e Roland Barthes são citados duas vezes, o primeiro com os textos **Genre Trouble**, **Cibertext. Perspectives on ergodic literature** e **A Narrative Theory of Games** e, o segundo, com o texto **A aula**, referenciado em dois trabalhos.

É interessante observar que três das cinco dissertações tratam, diretamente, do ensino de literatura impressa. Dessa forma, é natural que os referenciais teóricos sejam distintos daqueles selecionados na presente investigação.

Ao observar o percurso teórico das teses presentes no levantamento, tem-se uma presença mais recorrente dos autores selecionados:

Quadro 7 - Levantamento dos teóricos referenciados pelos autores das teses presentes no corpus

Autoria	Hayles	Aarseth	Manovich	Jenkins	Levy	Chartier	Barthes	Bakhtin	Foucault
Oliveira (2020)				x	x		x	x	
Burgues (2019)	x			x	x	x	x		
Moura (2018)	x	x	x			x			
De Assis (2016)	x					x	x		x

Fontes: Catálogo de Teses e Dissertações (CAPES) e Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Linguística (NUPILL).

N. Katherine Hayles e Roland Barthes são referenciados por três autores distintos cada. Enquanto a obra **Literatura eletrônica: novos horizontes para o literário**, de Katherine Hayles, é referenciada nos três trabalhos, **Writing Machines** é mencionada em dois, e **Translating Media: why we should rethink textuality**, **The cosmic web: scientific field models and literary strategies in the twentieth century**, **Chaos bound: orderly disorder in contemporary literature and science**, **Chaos and order: complex dynamics in literature and science**, **How we became posthuman: virtual bodies in cybernetics, literature, and informatics**, **Nanoculture: implications of the new technoscience**, **Print is flat, code is deep: the importance of Media Specific Analysis**, **My mother was a computer: digital subjects and literary texts**, **Electronic Literature: what is it?**, **How we think: digital media and contemporary technogenesis** aparecem em uma tese. Roland Barthes, por sua vez, é referenciado duas vezes por **O prazer do texto** e uma vez por **S/Z**.

O teórico Roger Chartier também é referenciado por três autores, de modo que **Práticas da leitura**, **A ordem dos livros** e **A aventura do livro** são referências bibliográficas de dois trabalhos cada e **Os desafios da escrita** e **Cultura escrita, literatura e história** são referenciados, cada um, uma vez.

Cultura da Convergência é referenciado nos dois trabalhos e **Convergence? I Diverge** e **Transmedia Storytelling**, todos de Henry Jenkins, são referenciados uma vez. **Cibercultura**, de Pierre Levy, é referenciado pelos dois autores, enquanto **A inteligência coletiva** encontra-se em um.

Por fim, tem-se a presença de **As palavras e as coisas**, de Michel Foucault, **The language of new media** de Lev Manovich, **Estética da Criação Verbal**, de Mikhail Bakhtin e **Cybertext: perspectives on ergodic literature**, de Espen Aarseth.

Observa-se que a circulação teórico-metodológica dos artigos científicos, analisados no Capítulo 3, vão ao encontro da circulação encontrada nas dissertações e nas teses. Ainda que alguns trabalhos tenham como enfoque o ensino de literatura e o letramento, o que implica em referenciais teóricos distintos, a maior parte dos trabalhos tem como ponto de partida as mesmas vertentes teóricas.

O conceito de agência levantado por Janet Murray também é mencionado, especialmente nas dissertações sobre jogos eletrônicos. Por outro lado, nenhuma das dissertações faz referência a Hayles e Manovich, nomes geralmente citados no campo da literatura digital, e nem a Foucault e Bakhtin, referências da teoria literária. É possível considerar um processo de consolidação da tradição de

pesquisa sobre literatura digital por parte dos pesquisadores brasileiros, especialmente, de instituições como o Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Linguística (NUPILL), da UFSC.

4.4. O ensino de literatura

Até o momento, optou-se por manter as mesmas categorias de análises nos Capítulos 3 e 4, contemplando as manifestações literárias presentes nos trabalhos, a presença da tecnologia nessas investigações e a circulação teórico-metodológica dos autores cujos trabalhos fazem parte do levantamento. No entanto, é necessário considerar o fato de que, diferentemente dos artigos científicos, a questão do ensino de literatura é abordada nas dissertações e nas teses.

Nos trabalhos em que as temáticas giram em torno das peculiaridades da narrativa e da produção, leitura e circulação de manifestações digitais, não se menciona o ensino de literatura, especialmente, no ensino básico. Tem-se uma preocupação com aspectos distintos, como a contextualização, a importância para a consolidação do campo e a relevância das ferramentas utilizadas.

Assim, embora não tenha sido observada uma discussão sobre o ensino de literatura digital propriamente dita, tem-se uma preocupação com como as tecnologias podem influenciar o processo de ensino-aprendizagem da literatura impressa. O meio digital proporciona, assim, possibilidades de mediação de leitura e recursos de aprimoramento das aulas de literatura.

Considera-se que a literatura digital é o resultado de um investimento em recursos tecnológicos e no processo de manipulação desses códigos para a produção do texto literário. Ao analisarmos as dissertações e as teses, observa-se que o campo educacional, por outro lado, compreende-se o impacto da tecnologia no processo de ensino, mas apropria-se desses recursos como suporte para o ensino de literatura impressa – e não para fomentar leituras, discussões e significações advindas de obras literárias digitais.

Os trabalhos sobre ensino de literatura se mostraram presentes no momento do levantamento do **corpus**, explicitado no Capítulo 1, por meio dos descritores selecionados. Eles fazem parte da gama de trabalhos que se refere à discussão sobre o campo da literatura digital, especialmente depois de refinada a seleção por meio da leitura dos títulos. Existe, então, uma relação entre essas pesquisas e as

tendências sobre como o conceito de “literatura digital” é compreendido pelos buscadores das bases de dados selecionadas. Segundo Corrêa (2016),

Na área do ensino de literatura, há vários grupos desenvolvendo ferramentas de anotação, aumentando o nível de complexidade das análises e/ou o conjunto ancilar de informações sobre um texto – é a aceitação da estrutura digital como maneira de despertar novamente o interesse de alunos pelo objeto literário e/ou se adequar ao ensino à distância. Na criação, há um movimento em prol de um amálgama de meios a produzir um texto literário, que muitos talvez não o chamem mais de literário, com várias formas de dizer, a tornar o leitor mais cativo de uma complexidade multimidiática ou, talvez só interessado, porque ele também se tornou multimidiático (Corrêa, 2016, p.135).

Tem-se, assim, um processo de digitalização do ensino de literatura acontecendo nesse aspecto. Ao analisar as discussões desenvolvidas nos documentos levantados, é possível observar um movimento de inserção de recursos tecnológicos no ensino de literatura a fim de aproximar o aluno e leitor, em formação, do texto literário.

Esse movimento aponta, também, para o fato de que a circulação, a discussão e até mesmo o ensino de literatura eletrônica ainda se dá, majoritariamente, no âmbito do ensino superior no país. O movimento de produzir, pesquisar e arquivar literatura digital e o próprio questionamento que intitula o primeiro capítulo da presente dissertação, “o que é literatura digital?”, acontece quase exclusivamente no ensino superior.

Por outro lado, é interessante considerar o movimento de inserção da tecnologia no ensino de literatura do ensino básico. Isso pode significar um processo maior de adaptação ao tecnológico para, então, aprofundar a discussão sobre obras literárias produzidas nos computadores.

Considerações finais

A presente dissertação buscou realizar um levantamento do estado da arte sobre literatura digital no contexto brasileiro, de modo que fosse possível não somente situar o conceito de literatura digital compreendido pelos agentes do campo das Letras mas, também, observar as tendências e os impasses presentes na investigação sobre literatura digital desenvolvida no país.

Ao analisar as influências das discussões sobre a literatura digital e suas representações sociais presentes nos artigos, nas teses e nas dissertações levantadas, foi possível observar um diálogo com as discussões desenvolvidas por autores do contexto estadunidense e de outros países latino-americanos, explicitados no primeiro capítulo da dissertação, ao situar o conceito de literatura digital.

A complexidade de categorização de gêneros literários no contexto eletrônico foi abordada, tanto pelos teóricos mencionados no primeiro capítulo quanto pelos autores dos artigos, das teses e das dissertações analisadas nos Capítulos 3 e 4. Enquanto a literatura impressa conta com uma ideia relativamente consolidada do que se tem como gênero literário, as manifestações literárias eletrônicas abrem espaço para se repensar as categorizações textuais. A diversidade de recursos tecnológicos e possibilidade de inúmeras manifestações escritas no ambiente eletrônico permitem o surgimento de novos gêneros literários, para além daqueles conhecidos na literatura impressa. Tal discussão muda, de acordo com o tempo e os estudos desenvolvidos no campo da literatura digital.

Os diferentes suportes de produção e leitura de literatura eletrônica também impactam as movimentações do campo, de modo que possibilitam o acesso a obras variadas. Enquanto é possível desenvolver um livro digital através de um aplicativo para dispositivos móveis como celulares e **tablets**, o computador se mostra a base do desenvolvimento literário eletrônico. Desde a apropriação dos *sites* na internet, a fim de produzir obras hipertextuais em **.html**, passando pela utilização de ferramentas eletrônicas como o **Flash**, até a produção de **softwares** próprios para a produção e leitura de literatura digital, como o **Storyspace**, os autores e leitores de literatura digital encontram, no computador, um suporte significativo para o movimento da literatura digital, devido às suas inúmeras possibilidades de leitura, produção e, mais ainda, circulação literária.

Os aspectos multimodais dos objetos literários digitais também se mostram relevantes ao se discutir os caminhos da literatura. Enquanto algumas obras fazem uso de mais de um recurso multimodal – como o som, a imagem, o vídeo –, outras se constroem por meios mais simples, utilizando-se mais do suporte eletrônico para sua manifestação do que os recursos extralinguísticos disponíveis por ele. A multimodalidade é uma característica dos novos meios de comunicação apesar de não ser condição fundamental para a produção de obras literárias digitais.

Ainda, evidencia-se a preocupação com o processo de acervo e conservação de literatura digital por meio da organização de repositórios, de observatórios e do lançamento de coleções de obras literárias digitais, além de registros em vídeo, como leituras guiadas, de determinadas manifestações literárias. Entende-se que, ao contrário da literatura impressa, cujo texto se encontra fisicamente presente e, por vezes, digitalizado, o texto literário eletrônico se encontra nos mais variados meios e formatos. Infelizmente, a obsolescência dos suportes eletrônicos pode implicar no desaparecimento ou fim do acesso a determinadas obras. Por isso, o trabalho de conservação da literatura eletrônica é fundamental para a leitura, a cultura e, inclusive, o ensino de literatura.

Esse, por sua vez, se mostra um assunto bastante complexo, posto que sua discussão se desenvolve apenas, na realidade, no âmbito do ensino superior. A partir do levantamento realizado na investigação em bases de dados sobre o assunto e com o auxílio de descritores específicos, o que se encontra na esfera da educação básica é um processo de digitalização do ensino de literatura tendo, como suporte, a utilização de Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) e a tecnologia como mediadora no processo de ensino e aprendizagem de literatura.

Reitera-se que as teses e as dissertações sobre o ensino de literatura se encontram no **corpus** da investigação, devido ao processo de pesquisa nos bancos de dados selecionados, por meio de termos previamente estabelecidos em relação ao tema, a saber: “literatura digital”, “leitura digital”, “literatura e tecnologia”, “literatura eletrônica”, “literatura digital e ensino” e “leitura digital e ensino”. Isso implica no fato de que os autores dos trabalhos sobre ensino de literatura impressa analisados na investigação optaram por incluir esses termos em seus títulos.

Ao considerar o papel da tecnologia nos dias atuais como instrumento de mediação no âmbito da sala de aula de literatura, é possível pensar que já existe uma relação, na educação básica, entre os recursos tecnológicos e o texto literário,

ainda que impresso. A partir dessa constatação, é plausível refletir sobre como as manifestações literárias digitais, ou seja, a literatura desenvolvida nesse contexto eletrônico, podem aparecer nesse contexto.

Como tendências nas pesquisas sobre literatura digital, o levantamento do estado da arte sobre o assunto, bem como sua análise – pensando tanto nas investigações desenvolvidas em pólos específicos sobre o assunto, como Observatório de Literatura Digital Brasileira e o Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Linguística (NUPILL), quanto naquelas desenvolvidas em outros centros universitários, cujos trabalhos se encontram no Catálogo de Teses e Dissertações (CAPES) e no SciELO – apontam para um processo de consolidação da literatura digital enquanto campo de teoria e crítica literária.

As especificidades estéticas dessa manifestação literária estão sendo cada vez mais observadas e consideradas pelos agentes do campo das Letras em seus estudos e produções acadêmicas, posto que ao mesmo tempo em que se percebe uma propensão a dialogar com ideais teóricos de outros campos além do literário, como o da comunicação e o da tecnologia, tem-se, também, as contribuições teóricas advindas do âmbito da teoria e crítica literária, essencialmente, “impressas”. Desse modo, autores como Roland Barthes e Michel Foucault, cujas contribuições para o campo literário se deram a partir de seus estudos sobre a literatura presente livros impressos, se mostram referenciados por pesquisadores do campo literário digital.

Um exemplo desse movimento se encontra na observação do percurso teórico desenvolvido ao longo dos capítulos da dissertação. Os autores citados nos Capítulos 1 e 2, a fim de se pensar o que é literatura digital e quais os aspectos literários desses objetos digitais também foram citados pelos autores dos artigos, das teses e das dissertações.

As contribuições de N. Katherine Hayles, Espen Aarseth e Lev Manovich se mostram fundamentais para conceituar e compreender o que é a literatura digital. Seus estudos abordam a complexidade dos novos meios, a cultura eletrônica e suas relações com a literatura e, ainda, quais os protocolos de leitura no âmbito digital. Essas questões se tornam pertinentes tanto para observar o que já foi escrito e estudado sobre o tema, quanto para pensar quais são os próximos passos das manifestações literárias eletrônicas.

Henry Jenkins e Pierre Levy são bastante referenciados nos artigos, nas teses e nas dissertações que constituem o corpus da investigação. Os ideais da cultura da convergência defendidos pelos autores se relacionam diretamente com o processo de circulação e produção do texto literário digital. É possível considerar que a literatura encontrou, no âmbito da midiatização e da cultura participativa, um espaço para se manifestar. Tem-se aspectos como a cibercultura, as comunidades virtuais e a inteligência coletiva em consonância com a manifestação literária nesses ambientes.

Compreender as representações sociais segundo Roger Chartier foram fundamentais para se pensar o estado da arte sobre o tema. Por meio da compreensão das representações dos agentes do campo das Letras, ou seja, os autores dos documentos levantados, é possível pensar as tendências futuras do campo, bem como seus possíveis impasses. Ainda, os estudos do autor sobre leitura digital nos suportes eletrônicos demonstram que a leitura literária encontra espaço junto à tecnologia. Os aspectos artísticos e formais do texto literário são observados pelo viés de Roland Barthes, especialmente ao pensar a escritura, a forma, o estilo e a língua.

Por fim, aspectos linguísticos são abordados ao referenciar Mikhail Bakhtin e aqueles referentes à escrita e à autoria no texto literário são mencionados pela presença do autor Michel Foucault enquanto percurso teórico. Tais autores se mostram presentes ao longo das discussões desenvolvidas na presente dissertação e nos trabalhos que constituem o **corpus** da mesma, além de se relacionarem a autores de outras áreas e vertentes teóricas. Tem-se, então, um diálogo do campo literário com outros campos, como o da tecnologia e o da cultura.

É possível observar, por meio da análise dos trabalhos levantados, uma tendência a expandir a ideia do que se entende por literatura, de modo que as manifestações literárias não acontecem mais somente em suportes físicos e impressos – os livros –, mas também se fazem presentes em suportes eletrônicos como computadores, celulares e tablets. Desse modo, o meio impresso coexiste com o digital.

Em relação aos impasses, é complexo pensar que existe um extenso caminho a ser percorrido para se pensar em uma maior divulgação do que é literatura digital em alguns ambientes acadêmicos, especialmente a educação básica, de modo que a discussão desenvolvida tem nesse âmbito se refere,

essencialmente, ao uso das tecnologias como alternativas mediadoras para o ensino literatura, como a utilização de ferramentas como o **PowerPoint**, por exemplo.

Tem-se, ainda, resistência a esse assunto até mesmo no contexto do ensino superior, uma vez que muitas vezes os próprios cursos de Letras se mostram resistentes a essas novas manifestações digitais. Seria importante fomentar, cada vez mais, esse diálogo no âmbito do ensino superior, especialmente ao se pensar nos cursos de licenciatura em Letras, ambientes em que a formação de professores de literatura se faz presente, para que essa discussão continue na esfera da educação básica e a leitura eletrônica seja lida e circulada nessas esferas.

Ao pensar sobre como os diálogos desenvolvidos no campo da literatura digital impactam o ensino e a formação dos professores de literatura, é possível constatar que essa circulação acontece, primeiramente, no ensino superior. Atualmente, verifica-se que os professores de literatura possuem representações sociais diferentes em relação à presença na tecnologia em sala de aula. Assimila-se que, a longo prazo, a integração dos suportes eletrônicos no contexto do ensino de literatura pode proporcionar um acesso a obras literárias produzidas nesse contexto digital. Contudo, o que se tem, no momento, é a utilização de suportes eletrônicos como mediação do ensino de literatura impressa.

A literatura digital tem se desenvolvido gradativamente nos últimos anos, tanto em relação à produção e circulação quanto na leitura e nos estudos sobre a mesma. Evidencia-se, assim, um aumento nas discussões desenvolvidas dentro do campo literário, de modo que o tema obtém cada vez mais espaço nas investigações sobre literatura. Ao realizar um levantamento do estado da arte sobre o assunto e desenvolver uma análise que considera as manifestações literárias envolvidas, as tecnologias utilizadas e os percursos teóricos desenvolvidos pelos autores, é possível compreender como os valores formais, estéticos e literários dessa manifestação caracterizam a presença da literatura para além de suportes físicos, de modo que o texto literário se mostra cada vez mais presente, também, em suportes eletrônicos nos dias atuais.

Referências bibliográficas

- AARSETH, Espen J. **Cybertext**: Perspectives on ergodic literature. JHU Press, 1997.
- ANDRADE, Mário Lousada de. **LITERATURA E GAMES**: QUESTÕES ATUAIS DO ESTABELECIMENTO DO CAMPO LITERÁRIO. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Maringá. 2016.
- ASSIS, Emanuel Cesar Pires de et al. **Fenomenologia da leitura literária em meio digital**: o uso da ferramenta DLnotes2. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina. 2016.
- ATHAYDE, Manaíra Aires; ROCHA, Rejane Cristina. **A circulação da literatura no mundo on-line: os casos de Clarice Lispector e de Caio Fernando Abreu**. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, 2020.
- BARTHES, Roland. **Aula**. Editora Cultrix, 2004.
- BARTHES, Roland. **O grau zero da escrita**. Martins Fontes: São Paulo, 2004.
- BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. Martins Fontes, 2012.
- BORGES, Vlândia Maria Cabral; LEMOS, Keyla Maria Frota; PEREIRA, Sâmela Rocha Barros. **Correlação entre compreensão leitora e produção textual em meios digitais**. Ilha do Desterro, v. 74, p. 299-321, 2022.
- BOURDIEU, Pierre. **Algumas propriedades dos campos**. In: Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, p. 119-126.
- BURGUÊS, Simone de Souza. **Minicontos na internet e formação de leitores**. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Maringá. 2019.
- CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. Editora Companhia das Letras, 2007.
- CATANI, Denice Barbara. **A imprensa periódica educacional**: as revistas de ensino e o estudo do campo educacional. Educação e Filosofia, v. 10, n. 20, p. 115-130, 1996.
- CEIA, Carlos. **Clássico**. E-Dicionário de termos literários, 2023. Disponível em <<https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/classico>>. Acesso em 25 mar. 2023.
- CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. In: *Estudos avançados* 5. 1991, p. 173-191.
- CHARTIER, Roger. **Defesa e ilustração da noção de representação**. FRONTEIRAS: Revista de História, v. 13, n. 24, p. 15-29, 2011.
- CHARTIER, Roger. **Uma trajetória intelectual**: livros, leituras, literaturas. In: *Roger Chartier: a força das representações: história e ficção*. 2021, p. 21-54.

- CHARTIER, Roger. **Novas tecnologias e a história da cultura escrita**. Obra, leitura, memória e apagamento. *Leitura: Teoria & Prática* 35.71 (2017): 17-29.
- CORRÊA, Almir Aquino. **Literatura**: contexto digital, hipercolonialismo e materialidades. *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, p. 119-140, 2016.
- COSTA, FABIANI RODRIGUES TAYLOR. **LITERATURA E ENSINO MÉDIO**: a mediação do professor e das novas tecnologias no processo ensino-aprendizagem. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Espírito Santo. 2017.
- DI ROSARIO, Giovanna; MEZA, Nohelia; GRIMALDI, Kerri. **The Origins of Electronic Literature: An Overview**. *Electronic Literature as Digital Humanities: Contexts, Forms, and Practices*, 2021.
- DOS SANTOS, Vanessa. **KISSING IN THE RAIN: UM CONVITE À COLABORAÇÃO EM UMA EXPERIÊNCIA TRANSMIDIÁTICA**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Maringá. 2018.
- DUARTE, João Ferreira. **Cânone**. E-Dicionário de termos literários, 2023. Disponível em <<https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/canone>>. Acesso em 25 mar. 2023.
- ELECTRONIC LITERATURE ORGANIZATION**. 2022. To facilitate and promote the writing, publishing, and reading of literature in electronic media. Disponível em <<https://eliterature.org/what-is-e-lit/>>. Acesso em 28 out. 2022.
- EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura* [1983], trad. **Waltersin Dutra**. São Paulo: **Martins Editora**, 2001.
- ESTEVÃO, Natália Cristina. **Electronic Literature Organization**. *Revista Primeira Escrita*, v. 7, n. 2, p. 94-107, 2020.
- FERREIRA, Ermelinda Maria Araújo; OLIVEIRA, Joanita Baú de. **Inventário poético**: anotações sobre os resíduos do humano na literatura. *Ilha do Desterro*, v. 70, p. 53-69, 2017.
- FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. **As pesquisas denominadas “estado da arte”** *Educação & sociedade*, v. 23, n. 79, p. 257-272, 2002.
- FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. **Pesquisas intituladas estado da arte: em foco**. *Revista Internacional de Pesquisa em Didática das Ciências e Matemática*, p. e021014-e021014, 2021.
- FLORES, Leonardo. **Literatura Eletrônica de Terceira Geração**. *DAT Journal*, v. 6, n. 1, p. 355-371, 2021.
- FLORES, Leonardo. **Literatura Electrónica**: géneros y genealogías. *Comunicação Oral*. XLII Congresso IILI, Bogotá, jun. 2018.

- GAINZA Carolina. **Nuevos escenarios literarios**. In World Editors, pp. 331-350. De Gruyter, 2020.
- GOMES, Natália Barros da Silva. **Leituras multimodais de O Mágico de Oz por alunos de 6o ano do ensino fundamental**: possibilidade de um ensino pluralista de literatura. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Maringá. 2017.
- GOMES, Renata. Narratologia & Ludologia: um novo round. In: **VIII Brazilian Symposium on Games and Digital Entertainment**. 2009. p. 181-189.
- GUIMARÃES, Glaucia; RIBAS, Maria Cristina Cardoso. **Literatura infantil na sociedade multimidiática**. Estudos de literatura brasileira contemporânea, p. 185-203, 2016.
- HAYLES, N. Katherine. **Electronic literature**: New horizons for the literary. University of Notre Dame Press, 2009.
- JACKSON, Shelley. **Patchwork Girl**. Ma: Eastgate Systems, 1995.
- JOYCE, Michael. **afternoon, a story**. Ma: Eastgate Systems, 1990.
- KIRCHOF, Edgar Roberto. **Como ler os textos literários na era da cultura digital?**. Estudos de literatura brasileira contemporânea, p. 203-228, 2016.
- LAJOLO, Marisa. **Literatura: ontem, hoje, amanhã**. SciELO-Editora UNESP, 2018.
- LEONARDO, Estela da Silva. **Literatura e tecnologia na sala de aula**: um diálogo mediado pelo professor na formação do leitor de textos literários. 2017.
- MADURO, Daniela Côrtes. **Histórias por um fio**: narração mediada em tempo real. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, p. 141-156, 2016.
- MANOVICH, Lev. **Generation flash**. International workshop Multimedia and the Interactive Spectator. University of Maastricht, 2002.
- MANOVICH, Lev. **El lenguaje de los nuevos medios de comunicación**: La imagen en la era digital. Barcelona: Paidós Comunicación, 2005.
- MONTOYA, Nancy Molina. **¿Qué es el estado del arte?**. Ciencia y Tecnología para la salud Visual y Ocular 5, 2005, p. 73-75.
- MOTTA, Leda Tenório da. Roland Barthes e seus primeiros toques de delicadeza minimalista: sobre O grau zero da escritura. **Alea: estudos neolatinos**, v. 12, p. 233-247, 2010.
- MOURA, Cláudio Augusto Carvalho et al. **Criação, teoria e crítica na literatura eletrônica estadunidense**. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina. 2018.

MOURA, Cláudio Augusto Carvalho et al. **Da ficção interativa à hiperficção**: um comentário sobre a gênese da literatura eletrônica estadunidense. *Ilha do Desterro*, v. 74, p. 277-305, 2021.

NAVARRETE, Eduardo. Roger Chartier e a literatura. **Revista Tempo, Espaço e Linguagem (TEL)**, v. 2, n. 3, p. 23-56, 2011.

ODIN, Jaishree K. **The performative and processual: a study of hypertext/postcolonial aesthetic**. *Contemporary Postcolonial & Postimperial Literature in English*, 1997.

OLIVEIRA, Anderson Amaral de et al. **Audiolivros digitais e letramento literário: ensino de literatura na cultura da convergência**. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Maria. 2020.

OLIVEIRA, Sayonara Amaral de. **Sobre vivências poéticas no campo da mídia digital**. *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, p. 49-70, 2016.

PAYÃO, Giovana Tavernari; ANNIBAL, Sérgio Fabiano. **Tendências do ensino de literatura no livro didático do ensino médio**. *Educação: Teoria e Prática* 31, no. 64, 2021.

SANTANA, Lucas. **Voltava a pé para casa [...]**. 17 de outubro de 2022. Twitter: @lucassntn. Disponível em <https://twitter.com/lucassntn/status/1582122502729633792?s=20&t=jAJ7aEmxVOFO1gx2Qz9yEw> > Acesso em 8 nov. 2022.

SANTANA, Lucas. **Disseram**: "vocês tão mortos, viados" [...]. 17 de outubro de 2022. Twitter: @lucassntn. Disponível em <https://twitter.com/lucassntn/status/1582122504683868161?s=20&t=jAJ7aEmxVOFO1gx2Qz9yEw> > Acesso em 8 nov. 2022.

TRIGOLO JUNIOR, Luis Antonio. **LITERATURA ERGÓDICA: OS MÚLTIPLOS CAMINHOS NA NARRATIVA DIGITAL DE LIFE IS STRANGE**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Maringá. 2020.

PEREIRA, Vinícius Carvalho. **Por uma poética cartesiana**: gráficos 3D nas criações digitais de André Vallias. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, 2020.

PEREIRA, V. Poesia digital brasileira em Flash: da plataforma técnica aos poemas hipermídia. *Signótica*, Goiânia, v. 35, 2023. DOI: 10.5216/sig.v35.73165. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/sig/article/view/73165>. Acesso em: 10 jul. 2023.

RIBEIRO, Ana Elisa. **Questões provisórias sobre literatura e tecnologia**: um diálogo com Roger Chartier. Estudos de literatura brasileira contemporânea, p. 97-118, 2016.

ROCHA, Rejane Cristina. **"Monstro esperançoso"**: a respeito de Oratório, de André Vallias. Estudos de literatura brasileira contemporânea, p. 157-184, 2016.

ROCHA, Rejane Cristina. **Textos que dão voltas por aí**: Borges, Katchadjian, obra e autoria na literatura contemporânea. Estudos de literatura brasileira contemporânea, p. 73-93, 2018.

ROCHA, Rejane Cristina; AMÂNCIO, Nair Renata. **A compreensão e a legitimação da literatura digital brasileira**: o caso da revista Texto Digital. Texto Digital, v. 15, n. 1, p. 123-136, 2019.

TAVARES, O. G. Algum ritmo algorítmico: possíveis ligações entre o sintext e a poética de A. M. Melo e Castro. **Texto Digital**, Florianópolis, ano 3, n. 1, Julho 2007. Disponível em: <
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/textodigital/article/download/1389/1086/3866> >.

VALLIAS, André. **Oratório**. Disponível em <<https://www.andrevallias.com/oratorio/>>. Acesso em 08 nov. 2022.